

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIA HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

SILVIA HELENA NOGUEIRA

**DA LEITURA POÉTICA À PRODUÇÃO DO GÊNERO
ARTIGO ACADÊMICO-CIENTÍFICO: UMA PROPOSTA PARA
O ENSINO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**São Paulo
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SILVIA HELENA NOGUEIRA

**DA LEITURA POÉTICA À PRODUÇÃO DO GÊNERO
ARTIGO ACADÊMICO-CIENTÍFICO: UMA PROPOSTA PARA
O ENSINO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Língua Portuguesa
Orientadora: Profa. Dra. Norma Seltzer Goldstein
De acordo: _____

**São Paulo
2007**

FOLHA DE APROVAÇÃO

SILVIA HELENA NOGUEIRA

**DA LEITURA POÉTICA À PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO
ACADÊMICO-CIENTÍFICO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO NA
EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Letras pelo Departamento de Letras Clássicas e Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Sílvia Olive
Louzada
UNIFRAN - SP

Profa. Dra. Silvana Serrani
UNICAMP - SP

Profa. Associado Marli Quadros
Leite
DLCV / FFLCH / USP - SP

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves
Corrêa
DLCV / FFLCH / USP - SP

Profa. Dra. Norma Seltzer Goldstein
DLCV / FFLCH / USP - SP
Orientadora

Aprovado em 15 de abril de 2008.

**À minha mãe Helena,
exemplo incondicional**

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Norma Goldstein pelo respeito, confiança e apoio constante que, nesses anos de convivência muito me ensinou.

Aos Professores Doutores Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Maria Adélia Mauro pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

À Direção Acadêmica e Coordenação das Faculdades Integradas de Jacareí que me permitiram desenvolver esta pesquisa em 2006.

Aos meus caros alunos do curso de Administração de Empresas das FIJ, de 2005 e 2006, colaboradores e participantes desta pesquisa, o meu reconhecimento sempre.

Aos meus caros alunos do Ensino Médio da EE. Dr. Francisco Gomes da Silva Prado, de 2005, colaboradores iniciais desta pesquisa, o meu carinho.

À minha família pelo apoio constante, em especial a Joanize, pelo apoio técnico.

Aos amigos Elizabeth Xavier de Oliveira, pela leitura criteriosa, e Lírio Prado, pela disponibilidade sempre.

Aos Amigos do Coração que torceram por mim, o meu respeito e a minha estima, sem data de validade.

O tempo,
Senhor das transformações
num sertão de epifanias.

Entre o ideal e o real,
o possível.
Prática de letramento
Cidadania

Afinal...

Ninguém nasce leitor
Ninguém nasce escritor
Torna-se.

Silvia Helena Nogueira

RESUMO

NOGUEIRA, Sílvia Helena. **Da leitura poética à produção do gênero artigo acadêmico-científico: uma proposta para o ensino na educação superior.** 2007. 234 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

Esta tese trata do ensino de Língua Portuguesa na Educação Superior, considerando a leitura e a escrita como instrumentos para a ampliação do universo de letramento dos alunos. A estratégia escolhida foi o trabalho com os gêneros do discurso, num percurso que partiu do poema – motivador e desencadeador do processo – para chegar à produção de gêneros acadêmicos, com as características e marcas lingüísticas que lhes são próprias, dentre as quais o emprego da norma culta padrão. O objetivo principal foi o de apresentar uma proposta operacional de ensino de língua que levasse alunos do curso de Administração de Empresas a ler e produzir textos voltados às suas necessidades acadêmicas, de modo competente, no curto prazo de um ano letivo. O referencial teórico contemplou estudos sobre análise do discurso, autoria, enunciação dialógica, heterogeneidade enunciativa, gêneros do discurso, letramento, lingüística textual, variação lingüística, desenvolvidos por vários autores, dentre os quais Bakhtin, Brandão, Bronckart, Dolz & Schneuwly, Fávero, Kleiman, Koch, Jordan, Quadros Leite, Maingueneau, Moraes, Santos, Silva, Soares e Travaglia. Também se consultaram obras de apoio à análise do texto literário, como as de Arrigucci Jr., Candido, Zilberman e Paz. O resultado da pesquisa – ilustrada pelo *corpus* analisado no capítulo 5 e pelos anexos – busca mostrar a relevância da formação do leitor, como etapa essencial para que o aluno assuma o papel de produtor de textos, assim como o caráter inovador e operacional do trabalho apoiado em gêneros do discurso para formar redatores de gêneros discursivos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso e ensino de língua materna. Lingüística aplicada ao ensino superior. Ensino de Língua Portuguesa na Educação Superior. Artigo Acadêmico-Científico.

ABSTRACT

NOGUEIRA, Silvia Helena. **From poetry reading to the production of article academic-scientific genre: a proposal for teaching Higher Education.** 2007. 234 f. These (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

This thesis deals with the Portuguese Language teaching in Higher Education, considering the reading and writing as tools for the expansion of the universe of literacy of students. The strategy chosen was the study the speech genres, in a way that started from the poem - motivating and triggering the process - to get to the production of academic genres with the features and linguistic brands own among which the use of the standard cult default. The main objective was to present an operational proposal of language teaching that took the students of Business Administration course to read and produce texts accord to their academic needs, competently, in the short period of one academic year. The benchmark included theoretical studies on the speech analysis, authorship, dialogical enunciation, enunciative heterogeneity, speech genres, literacy, textual linguistics and linguistic variation developed by several authors, among them Bakhtin, Brandão, Bronckart, Dolz & Schneuwly, Fávero, Kleiman, Koch, Jordan, Maingueneau, Moraes, Quadros Leite, Santos, Silva, Soares and Travaglia. It also consulted texts to support the analysis of literary texts, such as Arrigucci Jr., Cândido, Zilberman and Paz. The result of the search illustrated by the *corpus* examined in chapter 5 and in the annexes search to show the relevance of the formation of the reader, as vital step in that the student takes the role of producer of texts, as well as the innovative nature and operational of the work supported in the speech genres to form writers of specific discursive genres.

KEYWORDS: The Speech Genre and teaching of mother language. Applied Linguistics in the Higher Education. The Portuguese Language teaching in the Higher Education. Academic-Scientific Article.

RESUMÉ

NOGUEIRA, Silvia Helena. **De la lecture du poème à la production du texte académique: l'enseignement de la langue portugaise à l'université.**

2007. 234 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

Cette thèse a comme sujet l'enseignement de Langue Portugaise au niveau supérieur, en partant du principe que la lecture et l'écriture doivent être considérées comme des instruments efficaces pour agrandir l'univers de littéracie des étudiants. La stratégie choisie s'appuie sur les genres du discours, en partant du poème – pour motiver et déclencher le procès – et en arrivant à la production des genres académiques, avec leurs caractéristiques et leurs traces linguistiques spécifiques, parmi lesquelles l'emploi du langage formel. Le but principal c'est de présenter un projet d'enseignement de langue qui puisse mener les étudiants d'Administration à lire et à produire des textes concernant leurs besoins académiques, avec efficacité, dans la courte période d'un semestre scolaire. Le support théorique comprend des études sur l'Analyse du discours, la qualité de l'Auteur, l'Enonciation dialogique, l'Hétérogénéité énonciative, les Genres du discours, la Littéracie, la Lingüistique textuelle, la Variation lingüistique, selon plusieurs théoriciens, parmi lesquels Bakhtin, Brandão, Bronckart, Dolz & Schneuwly, Fávero, Kleiman, Koch, Jordan, Maingueneau, Moraes, Quadros, Santos, Silva, Soares, Travaglia. Pour l'analyse du texte littéraire, des théoriciens de la Littérature ont aussi été consultés: Arriguci Jr., Cândido, Zilberman, Paz. Les résultats de cette recherche – illustrés par le *corpus* analysé dans le chapitre 5 ainsi que par les annexes – cherchent à montrer l'importance de la formation du lecteur et le rôle innovateur des genres du discours comme stratégie pédagogique pour former des rédacteurs compétents.

MOTS-CLÉS: Enseignement de Langue Portugaise au niveau supérieur. Article académique-cientifique. Genres du discours. Lingüistique.

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

N778

Nogueira, Silvia Helena

Da leitura poética à produção do gênero artigo acadêmico-científico: uma proposta para o ensino na educação superior / Silvia Helena Nogueira; orientadora Norma Seltzer Goldstein. -- São Paulo, 2007.

234 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa. Área de concentração: Língua Portuguesa) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Letramento. 2. Língua portuguesa (Ensino). 3. Lingüística aplicada. 4. Gêneros do discurso. 5. Ensino superior. I. Título.

21ª. CDD 302.2244

469.798

418

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2. PERCURSO E ENCAMINHAMENTOS | 22 |
| 2.1 TRAJETÓRIA PESSOAL..... | 22 |
| 2.2 SOBRE ENSINO E LEITORES NESTE INÍCIO DE SÉCULO | 26 |
| 2.3 UMA NOVA POSSIBILIDADE PARA PERCORRER CAMINHOS JÁ VISITADOS | 31 |
| 3 POSICIONAMENTOS DE SUSTENTAÇÃO TEÓRICA | 36 |
| 3.1 LEITURA E SUAS RELAÇÕES | 36 |
| 3.1.1 A Leitura Literária | 43 |
| 3.2 CONCEPÇÕES SOBRE O GÊNERO DISCURSIVO E O PROCESSO DE AUTORIA. | 48 |
| 3.3 CONTRIBUIÇÕES DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL | 63 |
| 3.4 SOBRE AS CAPACIDADES DE EXPOR, RELATAR E ARGUMENTAR NOS GÊNEROS: RELATÓRIO DE LEITURA E ARTIGO ACADÊMICO-CIENTÍFICO | 68 |
| 3.5 DE UM GÊNERO A OUTRO(S) | 82 |
| 3.6 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: O PAPEL DA NORMA CULTA | 84 |
| 4 UMA PROPOSTA POSSÍVEL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR | 88 |
| 4.1 OS ESTUDOS ORIENTADOS DE LEITURA: O POEMA COMO PONTO DE PARTIDA..... | 93 |
| 4.2 AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIO: ELABORAÇÃO DE RELATÓRIOS DE LEITURA EXTRACLASSE | 104 |
| 4.3 PRODUÇÃO DOS ARTIGOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS..... | 108 |
| 5 ANÁLISES DO <i>CORPUS</i> – ARTIGOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR..... | 111 |
| 6 ENTRELAÇAMENTOS FINAIS | 196 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 204 |
| APÊNDICES..... | 217 |
| ANEXOS | 229 |

I INTRODUÇÃO

Um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ela combate.

João Cabral de Melo Neto

Atribuir sentido a uma pesquisa significa colocá-la à vista das descobertas, em contemplação à diversidade de diálogos possíveis que se estabelecerão com ela. Diante da perspectiva adotada para a concretização das idéias expostas por essa pesquisa, ao leitor será permitido experimentar uma interpretação, pelo viés do discurso, em consonância com o seu repertório e seus sentidos. Isso contribuirá para trilhar novos caminhos de descobertas sobre as palavras e seus usos.

Nesta sociedade de início de século, centrada na transformação instantânea, espera-se que as dúvidas sejam logo resolvidas para que os saberes se propaguem com autonomia intelectual e pensamento crítico. Não há mais lugar para a fragmentação, os fatos devem ser interpretados em seu todo com maior clareza e fundamentação.

Para que tais mudanças se efetivem, entendo que o melhor instrumento de realização seja o trabalho com a leitura, em sua mais ampla concepção, objetivando, posteriormente, a escrita coesa e coerente. Aumentar o repertório dos alunos é a condição primeira para o desenvolvimento de quaisquer outras atividades que possam vir a ser realizadas, porque permitirá o acesso a um universo de informações que poderão ser aprendidas e apreendidas, transformando-se em conhecimentos.

O **objeto** desta pesquisa aborda, portanto, um estudo sobre a leitura e a escrita, indicando um processo que partiu da leitura do poema,

passou por alguns outros gêneros, como resumos, comentários, artigos de opinião, para, finalmente, chegar à leitura e escrita do gênero artigo acadêmico-científico. Por uma questão de delimitação metodológica, tratarei, nesta tese, apenas do início do processo e do produto final, dessa forma, não será possível detalhar tudo.

A preocupação com a leitura e a escrita alicerça um dos focos deste trabalho que foi desenvolver o espírito crítico dos alunos. Permito-me, ainda, reiterar que tal prática é uma das formas de caracterizar a função do ensino da Língua Portuguesa em todos os âmbitos, sobretudo na Educação Superior.

Já o **objetivo principal** desta tese foi o de apresentar uma proposta operacional de ensino de língua que permitisse aos alunos do curso de Administração de Empresas lerem e produzirem textos voltados as suas necessidades acadêmicas, de modo competente, no curto prazo de um ano letivo. Apesar da ambigüidade do termo “operacional” (lembrando o Português Instrumental), era essa a expectativa, em se tratando de um curso voltado para o mercado de trabalho e não para os estudos acadêmicos.

Considerarei, nesta perspectiva, a leitura, como instrumento para ampliação do universo de letramento dos alunos, e, ao mesmo tempo, a escrita como recurso para tentar amenizar a barreira representada pelas suas dificuldades lingüísticas decorrentes de fases anteriores da escolaridade. Afinal, é possível aceitar o que o aluno traz, mas é papel da instituição educacional ampliar seu repertório.

A **proposta desenvolvida**, para atender a esse objetivo, foi de aplicação, voltada para o trabalho com gêneros do discurso, apoiado na transposição didática, num percurso que partiu do poema, elemento motivador e desencadeador do processo, para chegar à produção do gênero artigo acadêmico-científico, caracterizando um processo de autoria. Utilizei, metodologicamente, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação.

Possibilitei aos meus alunos, em sua maioria, a ampliação de seu repertório e o gosto pela leitura, à medida que assimilavam as características do gênero em estudo: o artigo acadêmico-científico. Suas produções desse

gênero compõem o *corpus* analisado no capítulo 5, com o objetivo de mostrar que este gênero foi produzido por eles com as características e as marcas lingüísticas que lhe são próprias.

Com base nos resultados da pesquisa de meu Mestrado pautado no trabalho com a leitura do poema para a produção de crônicas e textos poéticos, tornei-me convicta do papel importante do poema em sala de aula para desencadear atividades e formar leitores. Dessa forma, retomo, nesta tese, o poema como ponto de partida para orientar os alunos a refletir sobre a função da linguagem, do texto e da leitura, na vida que terão na profissão escolhida.

Provavelmente, a maioria desses alunos, teve contato com a manifestação do material poético – canções, quadrinhas, poesias em geral – mas não teve a oportunidade de interpretar poemas de autores consagrados, com maior profundidade, por isso escolhi dois de caráter metalingüístico para o despertar do trabalho de pesquisa.

O processo e a aplicação envolveram dois semestres em turmas de Administração de Empresas, na mesma Instituição. Considerando as limitações do contexto, contei com o apoio dos colegas das demais disciplinas, da coordenação e da direção. Para eles, a idéia era de um curso de Português Instrumental porque era o esperado pela instituição, considerando-se o programa do curso e a área de atuação dos futuros profissionais.

A aplicação do poema – como descrevo adiante – passou, posteriormente, pelo diálogo com os gêneros: relatório de leitura, artigo de opinião e artigo acadêmico-científico, dos quais destaquei o desenvolvimento da argumentatividade.

Reitero a apresentação da primeira e da última etapa, com destaque maior para a análise das produções dos alunos, que foi desenvolvida sob a perspectiva lingüística, estabelecendo diálogos entre diferentes áreas de estudos da língua, sem fugir do foco da leitura e da escrita.

Afinal, por meio das escritas já reconhecidas e da leitura sobre elas, os alunos têm acesso à história do pensamento do homem que, articulada às idéias e aos sentidos produzidos por eles, estabelece relações de

pertinência e pertença ao meio em que estão inseridos. Este reconhecimento de relações contribui para a articulação do pensar que é veiculado na forma de textos. Saber ler e produzir textos é um exercício de cidadania porque autoriza os indivíduos a agir como sujeitos de seu tempo e espaço, criando condições para a construção de sua identidade.

O uso da palavra sobre a palavra revela tessituras discursivas que vão sendo desmistificadas, à medida que relações estabelecidas nos textos são desveladas pelos alunos. Utilizando a metáfora da epifania, as idéias vão sendo reveladas nos momentos certos para contextos específicos. A chave para a compreensão desse processo repleto de riquezas, próprias da escrita, reside na concepção bakhtiniana sobre a enunciação.

Textos são lidos e produzidos em situações concretas de interação verbal. Nelas se destacam as marcas lingüísticas e as relações dialógicas da construção. O texto escrito se apresenta como instrumento de investigação, como lugar específico dos aspectos de discursividade. No âmbito da legibilidade, a interação leitor-texto e vice-versa fortalece a concepção da ação-reflexão-ação, porque torna possível atribuir sentido à realidade.

Uma vez que os planos enunciativos se multiplicam, a relação locutor/interlocutor deixa de ser uma simples alternância de lugares que se produz na sucessão temporal da tomada de palavra, e passa a ser um campo de forças que interferem entre si na temporalidade espessa do instante. (AMORIN, 2004, p.168).

Ratificando a idéia de conciliação, estabeleci nesta pesquisa a possibilidade de diálogo entre o discurso poético e o científico, como subsídio de leitura, pela utilização da linguagem aprimorada do poema, exemplo qualificado de criação textual.

Na força da organização da palavra, o efeito literário é grande e acaba formando os alunos, mesmo que eles não percebam tão claramente. O exercício da leitura poética organizou o pensamento e a sensibilidade, elementos exteriorizados pela palavra. (NOGUEIRA, 2001, p.109)

A experiência da leitura poética abre horizontes de interpretação para outros textos, o que de fato ocorreu. “Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2003, p. 275).

A presença dos recursos discursivos apreendidos nas produções dos alunos indica a posse do próprio discurso. Comportando-se como sujeitos dos próprios discursos, tornam-se conscientes do seu papel social de usuários da língua, como cidadãos que dominam a competência de ler e produzir textos reconhecidos por sua elaboração de linguagem.

A nitidez deste pensar conduziu-me a buscar, uma vez mais, portanto, subsídios para desenvolver tal estudo do texto, agora sob a perspectiva da composição dos gêneros discursivos, para comprovar e ampliar a capacidade dos alunos para ler e produzir outros textos, solicitações futuras, em função de suas atividades acadêmicas.

Nesses últimos dez anos de docência na Educação Superior, observei que as dificuldades dos alunos acirraram-se em todos os sentidos, por várias razões que não serão abordadas nesta pesquisa. Destaco delas, porém, a mais preocupante: o desconhecimento da leitura, em seu sentido amplo, e a indiferença para com ela, tanto por parte de alunos, quanto de professores, demonstrando a ausência de referenciais e a incompletude de informações para a utilização adequada dos mecanismos lingüísticos na elaboração discursiva da linguagem.

Apesar de não ser uma tarefa fácil de resolver, creio nas possibilidades oferecidas pela própria linguagem, via aprimoramento da leitura. O suporte operacional oferecido pelo trabalho com os gêneros, em suas especificidades, apóia a compreensão dos usos de determinados mecanismos que facilitam a interpretação dos textos, possibilitando perceber a intencionalidade de seus autores, bem como as relações dialógicas que a compõem.

O exercício de leitura e de escrita proposto nesta pesquisa pretende revelar articulações de fios discursivos que se tecem no sentido de buscar respostas para novas perguntas. Aos poucos, os alunos-autores

atribuíram significado ao modo como os conhecimentos foram sendo tecidos, identificando os emaranhados que corporificaram seus enunciados.

Normalmente, as descobertas são prazerosas, porque as tramas são identificadas e entendidas, e os produtos tornam-se malhas de qualidade. Nesse sentido, ampliar o universo de letramento dos alunos torna-se prioridade. Os alunos precisam ser expostos a situações de aprendizagem da leitura, pois à medida que se defrontam com situações-problema que só podem ser resolvidas pela leitura e escrita, aprendem a manusear tais instrumentos de forma mais hábil, tornando-se sujeitos mais letrados e capacitados para a escrita.

Não importa a quantidade, mas a qualidade dos resultados. Ampliada a rede de possibilidades, os sujeitos lêem com maior propriedade, distinguindo saberes, explorando diversidades e usufruindo dos conhecimentos adquiridos.

Diante dos enunciados instaurados pela leitura, o professor tem por obrigação fornecer aos alunos estratégias que lhes permitam conhecer o funcionamento dos textos. Conhecidos os mecanismos discursivos, eles terão menos dificuldades para interpretar as leituras que os rodeiam e poderão usufruir dos universos que as constituem, portando-se como senhores de seus discursos.

Dessa forma, os alunos-leitores passam a experienciar as oportunidades de elaborar as próprias leituras, o que ampliará suas vivências de cidadãos. Ao compor o próprio repertório de leitura estarão exercitando sua capacidade de autoria e isso sedimentará uma produção de texto condizente com essa autonomia de leitores.

Em função dos parâmetros formais para a leitura e para a organização da escrita, estabelece-se a relação leitor/autor. Tal relação se amplia no processo de retroalimentação entre leitura e escrita. A primeira desencadeia o acesso a enunciados organizados mediante procedimentos internos dos textos, pela elaboração escrita de forma coesa e coerente, dentro dos gêneros pré-estabelecidos. Resulta uma interpretação primeira, que

servirá, posteriormente, como base para uma segunda. Uma fornece matéria-prima para a outra, constituindo-se como novo ponto de partida.

A leitura torna-se, assim, instrumento de revitalização de atitudes e valores éticos que sustentam uma sociedade. Essa idéia concebida criticamente como energia motivadora para a produção escrita, inspirou-me a desencadear um processo pedagógico de ensino da língua materna mais adequado às condições socioculturais dos meus alunos de curso superior, que busco aqui relatar.

Proporcionar aos leitores a oportunidade de repensar a realidade social em que estão inseridos, visualizando uma nova forma de concebê-la, é pensar sobre uma possível reestruturação dos espaços e do tempo por meio do uso da palavra. No atual momento de desesperança e desigualdade que a sociedade vivencia, promover uma possibilidade de mudança por meio desse uso adequado da interpretação dos discursos, torna-se condição essencial para uma verdadeira transformação socioeducativa.

Este trabalho não trata de confrontos entre teorias, ao contrário, busco convergências que possibilitem a idéia de unidade decorrente de pontos comuns a tais teorias. Esses elos de consonância permitem clarear informações sobre a importância do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita de textos, ressaltando os aspectos que evidenciam a necessidade do estudo dos enunciados, de sua composição na realização concreta de textos de determinados gêneros.

De posse desses conhecimentos, creio que os alunos estiveram e estarão menos receptivos a discursos vazios e mais atentos àqueles que os conduzam à sua autonomia de autores.

Após a prática inicial com textos poéticos, os alunos alcançaram maior segurança na leitura e interpretação dos artigos em prosa estudados. Foram percebendo marcas de comparação entre os discursos literário e científico, o que contribuiu para as produções posteriores. “A linguagem é obstáculo, no caminho do real, mas é também possibilidade de fundá-lo. Fora da ordem da linguagem, o real é apenas caos” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.109).

Num texto literário há essencialmente um aspecto que é tradução de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem.

O estudo do texto importa em considerá-lo da maneira mais íntegra possível, como comunicação, mas ao mesmo tempo, e sobretudo, como expressão. O que o artista tem a comunicar, ele o faz na medida em que se exprime. A expressão é o aspecto fundamental da arte e portanto da literatura. (CÂNDIDO, 1987, p.19).

Coracini (2007) aponta que os discursos científicos se constituem por condições de produção, quanto aos objetivos e à situação, que orientam, sem dúvida alguma, os procedimentos de elaboração discursiva e os procedimentos de argumentação. O discurso científico pressupõe um sujeito conhecedor que consegue entender as imagens de racionalidade pressupostas pelos recursos argumentativos que pretendem a objetividade e neutralidade (ideais científicos).

Reitero, portanto, a importância desse percurso comparativo entre esses discursos, no sentido de salientar esta estratégia como instrumento facilitador de leitura, permitindo, metaforicamente, a união de letras tão díspares num curso sem muita preocupação voltada às letras. O meu intuito pedagógico realizou-se de forma eficaz, configurando maior credibilidade ao processo de aprendizagem perante os alunos. O processo resultou em

... um jogo de encontros de significação, abertura para outros sentidos. Sensível e intelectualmente, um repertório de conhecimentos foi ativado a partir das leituras trabalhadas e o objetivo de acionar a crítica e a reflexão, para posterior produção, foi atingido, pois o encaminhamento do processo permitiu o desenvolvimento das habilidades dos alunos como leitores e produtores de textos coesos e coerentes. (NOGUEIRA, 2001, p.129)

Ainda que os alunos tenham sentido dificuldades, a princípio, para aderir a esta estratégia de ensino, aos poucos foram se adaptando e

conseguindo elaborar e reelaborar suas produções, comportando-se como autores, cientes das respectivas capacidades autônomas.

Complexas por sua construção, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e artísticos, a despeito de toda a diferença entre elas e as réplicas do diálogo, também são, pela própria natureza, unidades da comunicação discursiva: também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, cabendo observar que essas fronteiras, ao conservarem a sua precisão externa, adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso *o autor* de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da idéia de sua obra. Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 27).

É preciso passar pela vivência com discursos variados e pela consciência do discurso do outro para identificar por si a constituição individual que o realiza como autor-criador, aquele que reconhece a importância da alteridade no processo criador, valorizando o dialogismo, mas também se permitindo expressar em estilo único, caracteristicamente pessoal. Assim se revela a heterogeneidade proposta por Autier-Revuz (1982) também abordada sucintamente nos posicionamentos teóricos.

A utilização do gênero discursivo como objeto de ensino e aprendizagem, respaldada pelas concepções teóricas sobre leitura e escrita, nas aulas de língua materna na Educação Superior, reforça a proposta de propiciar condições ao aluno para se reconhecer e assumir a sua posição de autor-criador.

Saliento nesta pesquisa o valor das produções dos alunos como recurso argumentativo para registrar o processo de autoria exposto anteriormente e para ratificar a prática de produção de leitura como apoio para a produção de textos. O registro do processo marca a ação realizada que, de

forma prática, concretiza os conhecimentos adquiridos e o que ainda está por adquirir.

Os resultados desta pesquisa mostram a importância dos conhecimentos lingüísticos e discursivos na constituição da linguagem verbal, num dado contexto de produção. É necessário promover atividades operacionais com a linguagem em diferentes composições de gêneros discursivos para que as competências e habilidades, imprescindíveis para o ensino e a aprendizagem da língua materna, sejam aprimoradas.

Os integrantes deste processo, professor, aluno e texto, (que pode ser usado, manipulado em acordo aos interesses dos outros dois primeiros), nesta opção metodológica, vêem-se diante de uma nova condição de produção do conhecimento, o que requer uma seqüência progressiva de aprofundamento temático e de conteúdo.

Na perspectiva bakhtiniana, cada gênero tem uma forma, um estilo, um conjunto de características específicas, recursos de que me sirvo, como usuária da língua, para minhas próprias composições, em função das condições de produção em que me encontrar.

Restaram lapsos e deslizes lingüísticos que a própria análise evidencia. E nem poderia ser diferente, dadas as dificuldades da maioria dos alunos, de hoje, nessa área, questão que não cabe, aqui, discutir. Vale dizer que, apesar da persistência de alguns problemas, houve melhora significativa, comprovada pelas produções e, sobretudo, porque os alunos passaram — durante e pós processo — a ter consciência dessa dificuldade e da importância de tentar saná-las. Foi assegurado também o papel da língua como apoio instrumental aos demais professores, ao longo do curso, nas diferentes disciplinas.

Trabalhar a leitura e a escrita não confere novidade a este processo de ensino-aprendizagem, uma vez que é notória a preocupação dos educadores da linguagem em oferecer um ensino de melhor qualidade aos alunos no atual contexto educacional.

No entanto, o **caráter inovador** desta pesquisa revela-se justamente, via palavra escrita (produções dos alunos), na abordagem

articuladora entre o trabalho apoiado nos estudos sobre: a língua, os gêneros discursivos e os aspectos da Lingüística Textual, nas aulas de Língua Portuguesa I e II do Curso de Administração de Empresas, como uma prática de letramento.

As referências se pautam, em especial, pela perspectiva enunciativa dialógica de Mikhail Bakhtin, revisitada pelos atuais teóricos da chamada escola de Genebra, Joaquim Dolz e Bernard Scheneuwly, e por Jean-Paul Bronckart, além das concepções da Análise do Discurso, com Dominique Maingueneau e Helena Nagamine Brandão. Foram consultadas também obras de apoio à análise do texto literário, como as de Antônio Cândido, Davi Arrigucci Jr. e Octávio Paz, bem como estudos sobre outros temas, como ensino de língua materna. Quanto à Lingüística Textual apoiei-me em Ingedore Villaça Koch, Isolde I. Jordan, Leonor Lopes Fávero e Luiz Carlos Travaglia. Sobre leitura e letramento, dentre outros autores, destacaram-se Ângela Kleiman, Ezequiel Theodoro da Silva, Magda Soares e Regina Zilberman. Nos estudos de língua, reporteime a Lygia Corrêa Dias de Moraes, Irenilde Pereira dos Santos e Marli Quadros Leite.

Como pesquisadora, posso afirmar que os resultados desta pesquisa demonstraram, pela análise das produções obtidas, a posse dos próprios discursos, o uso satisfatório de mecanismos lingüísticos, dentre eles, a coesão e a coerência, além da presença da argumentatividade.

Como professora, creio sempre na valorização dos meus alunos e de seus esforços, em todos os sentidos, porque tenho constatado melhoras significativas ao longo desses anos de docência. Ratifico que este foi, é e será sempre um dos objetivos norteadores para as minhas aulas de língua materna: formar autores-criadores.

Esses dois posicionamentos evidenciam na perspectiva de Maingueneau (2004) a noção do *ethos*, intimamente relacionada à cena da enunciação, demonstrando um “tom” e uma “corporalidade”, integrantes de uma identidade de posicionamento discursivo. Os *ethos* de pesquisadora e educadora são flagrados em constante diálogo; por um lado, há o comprometimento da pesquisadora com a elaboração de um discurso científico

para expor e comentar os resultados, e, por outro, o comprometimento da educadora engajada em um permanente trabalho de busca pela melhoria da aprendizagem dos alunos.

Tal constatação evidencia uma perspectiva diferenciada para a composição do gênero tese que se apresenta a seguir, compondo-se de quatro outros capítulos, além desta introdução.

No segundo capítulo, o leitor tem esclarecimentos sobre a minha trajetória pessoal como professora de Língua Portuguesa, para entender melhor o porquê de minha insistência em um ensino de qualidade. Faço uma breve contextualização sobre o ensino e os leitores neste início de século e apresento uma nova possibilidade para percorrer caminhos já visitados.

No terceiro capítulo, posiciono-me teoricamente sobre a leitura e suas relações, sobre os aspectos discursivos e sobre o trabalho com os gêneros discursivos. Na seqüência, abordo, de forma geral, as capacidades de expor, relatar e argumentar, características dos gêneros relatório de leitura e artigo acadêmico-científico.

No quarto capítulo relato a experiência na Educação Superior, no curso de Administração de Empresa.

No quinto capítulo faço uma análise do *corpus* por amostragem, observando os aspectos discursivos e os aspectos de coesão e coerência dos enunciados, produção discente do gênero artigo acadêmico-científico.

No sexto capítulo os fios discursivos são entrelaçados numa prosa final, mescla de apontamentos, considerações e redirecionamentos a novos percursos.

Com o intuito de desenvolver uma nova possibilidade de ensino de língua materna, esta pesquisa permite a constatação de melhoria desta prática na Educação Superior. Espero expor minha proposta com clareza e inspirar outros colegas a atuar em prol de mais e mais alunos, tanto como pesquisadores quanto educadores.

2 PERCURSO E ENCAMINHAMENTOS

Este capítulo apresenta alguns dados que permitem compreender minha atuação, hoje, como pesquisadora e professora de Língua Portuguesa nos ensinos médio e superior: um traçado de minha trajetória pessoal, indicando o percurso percorrido; uma reflexão sobre a realidade atual dos alunos como leitores e produtores de texto na Educação Superior, desafio propulsor deste trabalho; e uma síntese do recorte teórico que fundamentou minha prática como docente, resultando na produção do *corpus* que será objeto de análise mais adiante.

2.1 TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

Não acredito que seja o hábito que faz o leitor. E sim, o leitor que, por paixão, estabelece o hábito.

Marina Colasanti

Preliminarmente, apresento uma contextualização de minha trajetória pessoal e meu percurso. Em ambos fica latente a preocupação com a realidade dos alunos como leitores e redatores, estímulo desencadeador para minha atuação como pesquisadora, na sala de aula, na pesquisa do mestrado e, também, na do doutorado.

Minha história de vida profissional como Professora de Língua Portuguesa começou quando nasci em Jacareí, nos anos sessenta. Tive o destino mudado pela perseverança e incentivo de meus pais, Benedicto e

Helena, cuja alfabetização havia chegado apenas até a quarta série primária.

Sempre moramos em sítio, e minhas primeiras letras foram decifradas, aos seis anos, numa escola rural, multisseriada, a vinte quilômetros do centro de Jacareí. Da 2ª a 4ª série, também permaneci em escola rural. Já para cursar da 5ª a 8ª série e o Ensino Médio, tive de ir para a escola pública central do município onde obtive conhecimentos aprofundados sobre a leitura, a escrita e a importância de me expressar com clareza e correção na linguagem culta. Foram sete anos de crescimento e de convivência com leituras específicas nas diferentes disciplinas, além dos clássicos literários.

Essa caminhada conduziu-me à Faculdade de Letras Brás Cubas, em Mogi das Cruzes-SP, e, posteriormente, à Pós-Graduação *Latu Sensu* em Literatura Brasileira, agora em São Paulo, capital.

Como professora das redes pública e privada de Jacareí, passei por várias etapas de ensino: regular, suplência, técnico agrícola, magistério de 2º grau, pré-vestibular e educação superior. Foram vinte e cinco anos de descobertas, encontros, aprendizagens e realizações. Dez deles, atuando na antiga Delegacia de Ensino de Jacareí, como Assistente Técnico Pedagógico de Língua Portuguesa (ATP), responsável pelas orientações técnicas aos professores de Língua Portuguesa e algumas outras áreas.

Nessa atividade tive a oportunidade de elaborar, dentre outros, o *Projeto Leitura da Realidade*, interdisciplinar, implantado em todas as escolas da rede estadual, jurisdicionada a essa Delegacia, hoje Diretoria de Ensino. As atividades e os resultados foram bastante satisfatórios, tendo sido apresentados como experiência significativa em Encontros e Fóruns desenvolvidos pela Secretaria Estadual de Educação, via CENP – Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas.

Reassumi a sala de aula em 2000, na mesma escola em que havia concluído meu segundo grau – hoje Ensino Médio –, agora bem diferente, administrativa e pedagogicamente. O retorno à sala de aula

pública possibilitou-me a aplicação dos trabalhos em uma 3ª. série do Ensino Médio que resultou no *corpus* analisado na Dissertação de Mestrado, também no Programa de Filologia e Língua Portuguesa da USP, defendido em 2001. O foco foi a inserção dos alunos no processo de letramento, observando as relações de pertinência com o mundo vivido e do qual as pessoas sofrem influências, sejam pessoais, culturais e/ou lingüísticas.

Continuo com a disciplina de Língua Portuguesa, no Ensino Médio da rede pública e na Educação Superior, nos cursos de Administração de Empresas e Pedagogia. Nesta, com orientação dos Trabalhos de Conclusão de Curso, de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Infantil. As produções apresentadas e analisadas nesta tese contemplam as produções discentes resultantes desse contexto

Ao longo desses anos, de vivência, estudo e trabalho, foi possível não só detectar as dificuldades com relação à leitura e à produção escrita como também diagnosticar, por meio de práticas de leitura, a capacidade de interpretação e percepção que os alunos podem desenvolver, quando bem orientados.

Os alunos serão bons leitores e escritores, se forem trabalhados com adequação metodológica, respeitando os caracteres pessoais e preenchendo lacunas de escolarização, vindas de anos anteriores, com relação ao uso culto da linguagem.

Chego a essa constatação, considerando a experiência profissional e a pesquisa desenvolvida no Mestrado, que envolveu leitura e produção textuais, com base no referencial literário de poemas e crônicas de Manuel Bandeira. A prática da leitura literária permitiu aos alunos assumir e desenvolver a própria autoria, criando textos coesos, coerentes e bem escritos.

Esse trabalho aguçou meu intuito de investigação sobre a prosa de caráter informativo-argumentativo. Passei a colocar uma série de questões para minha própria reflexão. Quais as estratégias para fazer do texto literário o ponto de partida para chegar à produção de outros gêneros textuais? Como desenvolver a leitura do poema com aprofundamento,

estabelecendo níveis de interpretação e reconhecendo nele, quando for o caso, as marcas de argumentação presentes? Que recursos empregar para que os alunos utilizassem essa leitura como referencial para a produção de textos argumentativos? Os textos produzidos pelos alunos apresentariam níveis intertextuais de leitura? Por meio dessa estratégia, os alunos estariam desenvolvendo as competências básicas para dominar linguagens, compreender fenômenos, enfrentar situações-problema, construir argumentações, elaborar propostas?

Além desses questionamentos, impulsionava-me também o estudo das relações entre as funções das marcas lingüísticas (seleção lexical, organização sintática, escolha de operadores discursivos e modalizadores, entre outros) e a intencionalidade evidente ou implícita nos textos em estudo.

Tais constatações seriam referenciais para as produções subseqüentes, pois estabeleceriam parâmetros de identificação e análise; exemplificariam formas e mecanismos utilizados para selecionar e organizar dados como informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

Em complementação, cabe ressaltar que todo esse trabalho deveria ser conduzido, mostrando respeito aos valores humanos e levando em conta a diversidade sociocultural.

Coerente com minha trajetória, continuo a pesquisar o ensino da língua materna, pautado pela leitura, pelo letramento, pela produção escrita. Na etapa atual, de modo mais complexo e abrangente, pela introdução de um dado novo: a perspectiva interdisciplinar.

2.2 SOBRE ENSINO E LEITORES NESTE INÍCIO DE SÉCULO

A sociedade brasileira, neste início de século, em especial a mais carente, tem se defrontado com uma situação de vida difícil quanto à segurança, à violência, à falta de emprego e de perspectiva de ascensão social, e, em especial, quanto à ausência de uma educação de qualidade que lhe ofereça condições para mudar tal quadro.

Desse contexto afloram dificuldades imensas para os alunos. Eles precisam trabalhar e estudar, mas não dispõem de tempo suficiente nem de condições financeiras para isso, o que impede o acesso a boas bibliotecas, a atividades culturais que lhes permitam ampliação do universo de conhecimento.

A defasagem de repertório predomina e isso se revela um empecilho para o desenvolvimento do aluno-leitor, resultando em problemas na escrita formal. Nos âmbitos educativo e social, esclarecimentos fundamentados e orientações sobre o uso da linguagem verbal seriam úteis e necessários, mas isso nem sempre ocorre.

Numa procura de crescimento contínuo, como pessoa e como educadora, deparo-me constantemente com obstáculos como inconstância nas atitudes de gestores, falta de fundamentação pedagógica e comprometimento dos professores com o ensino e a aprendizagem dos alunos, dos pais com a educação dos filhos em casa e na escola. Os efeitos negativos acabam recaindo sobre a precariedade do ensino, sobretudo o da linguagem verbal.

Questionados sobre essa situação, porém sem estímulos nem informações adequadas, os professores de Língua Portuguesa, em sua maioria, continuam fiéis ao livro didático. O mundo muda e os livros também, ainda que continuem didáticos. São como roupas de tamanho único que servem para todos e para ninguém.

Num processo paralelo, orientações oficiais, pouco articuladas ou desarticuladas em relação ao “mundo escolar real”, cobram planos para

detectar quais habilidades e competências os alunos dominam ou não. Assim, as escolhas para o preenchimento de planos não fazem tanta diferença. O problema é que, em sua grande maioria, os alunos não sabem ler nem escrever como seria desejável para os respectivos níveis de escolaridade.

Sistemas de avaliação do rendimento escolar, da Educação Básica a Superior (SARESP - Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo; SAEB - Sistema de Avaliação do Ensino Básico, denominada na atual gestão federal por PROVA BRASIL; ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio; ENADE - Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes e outros similares, conforme o estado e a região) comprovam essa defasagem. As aulas, todavia, continuam as mesmas e o sistema se reveste de planos que mal chegam às salas de aula.

Teoria e prática estabelecem vínculos tão reais quanto a maioria das promessas de campanha política, nas quais para todos os problemas há soluções, nos discursos. Na realidade posterior às eleições, entretanto, os planos se esvaecem e as mudanças não acontecem. Como ficam os alunos nesse contexto? Permanecem sem saber ler nem escrever.

A solução para esse problema não se resume apenas às estratégias de aula que precisam ser mudadas, pois o contexto social é a vida que inclui a sala de aula e vai muito além dela. É preciso uma alteração na conduta de leitor dos professores, dos orientadores educacionais e nas estratégias que possam desenvolver, mediante tais repertórios, com vistas a dar um passo importante para novas realizações.

Como fazer? Isso é problema do professor, pois os investimentos, tanto dos órgãos públicos quanto privados, se limitam aos “gestores”, ainda que a gestão participativa seja de gabinete. O investimento no Ser humano e no Profissional Professor deixou de ser prioridade há muito. As dificuldades continuam e os alunos permanecem não sabendo ler nem escrever.

Apesar desse contexto, experiências de leitura e escrita na Educação Básica e Superior são inúmeras, realizadas com maior ou menor sucesso. Quem ouve falar delas percebe a importância de se pensar e agir nessa direção, na busca de experiências inovadoras.

Permito-me, aqui, expor algumas reflexões, na qualidade de leitora/pesquisadora em educação e professora de língua materna que objetiva resultados satisfatórios para o aluno, no tocante à sua compreensão sobre leitura e aos seus progressos na escrita formal.

Pessoa (1998) eternizou os lusos em sua **Mensagem**, para além do Bojador, e apontou-nos a idéia de que *tudo vale a pena se a alma não é pequena*, sobretudo porque *somos do tamanho dos nossos sonhos*. Leio nessa passagem que somos senhores de nossas escolhas e capazes de promover transformações, se buscarmos, permanentemente, novos conhecimentos. Essa é uma atitude imprescindível na sociedade deste início de século, pois ela exige novos posicionamentos dos alunos, como cidadãos.

Centrada na informação e no conhecimento, essa sociedade requer um novo tipo de profissional: criativo, capaz de atuar em equipe e hábil em lidar com pensamentos múltiplos. Isso decorre da velocidade das transformações tecnológicas e científicas que, além de superar conhecimentos anteriormente adquiridos, provocam constantes modificações nas relações sociais e no mundo do trabalho.

É fundamental trazer à tona a constatação de que todo esse avanço tecnológico e científico não trouxe a igualdade, o pleno emprego e a paz, como se prometera. Ao contrário, há uma multidão de excluídos, que, sem acesso à informação, não vêem perspectivas. Isso faz crescer desigualdades e conflitos. A construção da paz, da liberdade e da justiça social é tarefa fundamental da Educação em todos os níveis.

Priorizando a aquisição permanente de conhecimentos como fio condutor do processo de ensino e aprendizagem, a educação voltada para o tempo presente não só deve informar como também preparar os cidadãos para prosseguir adquirindo mais e mais conhecimentos.

Contudo, não é o que se observa, ao contrário. Percebe-se, na grande maioria das instituições educativas, o distanciamento do ensino do mundo em que o aluno está inserido e o crescimento da desigualdade social. Isso acaba sendo refletido nas condições profissionais de trabalho do professor.

Esse contexto exige uma educação mais efetiva, não apenas o saber sustentado pela memorização de conhecimentos – que estarão logo ultrapassados em razão da velocidade das novas descobertas da ciência e da tecnologia –, mas também a formação do cidadão e do profissional, articulador de saberes, capaz de priorizar a ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico.

As escolas de hoje, tal como estão, são instrumentos de manutenção de uma sociedade fragmentada, preocupada com formações estanques e lucrativas, não com a formação plena do homem. Suas mudanças deveriam ser sustentadas pelos quatro pilares da educação, veiculado pela UNESCO (DELORS, 2001): *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*. As escolas passariam a atuar como elementos de construção, de aperfeiçoamento e de articulação.

À medida que os principais problemas desta época são estudados, constata-se que não podem ser entendidos isoladamente. Sua compreensão requer uma mudança nas percepções, no pensamento e nos valores, conduzindo a uma nova educação que, ao mesmo tempo, respeite a tradição e seja alicerçada pela solidariedade e pelo respeito à diversidade e às diferenças.

A sociedade atual necessita de uma educação que articule as Ciências Humanas às Exatas, o aprendizado destas ao das Artes, relacionando-as à cidadania, isto é, privilegiando uma transformação do homem. Deve evidenciar aos alunos que o mundo será tanto pior quanto mais eles forem incapazes de melhorá-lo. A sala de aula é lugar de entrosamento, de encontro, de cultura, de geração – e não apenas transmissão – de conhecimentos.

Faz-se urgente repensar e redefinir espaços educativos, bem como conteúdos e formas de ensinar, objetivando novas habilidades cognitivas e sociais. A democracia aposta no poder do povo, nas pessoas capazes de estabelecer a ordem na qual elas mesmas desejem viver. A educação que sustenta esse sistema não pode ser diferente.

Kleiman e Moraes (1999) apontam, no âmbito pedagógico, uma reflexão sobre o caráter contraditório que difunde um conhecimento fragmentado e exige um indivíduo por inteiro. Ainda que mudanças sejam percebidas em razão das novas exigências sociais, mantém-se essa hegemonia da fragmentação na maioria das escolas, desenvolvendo-se informações linearmente, divididas em unidades arbitrárias, nas quais o conhecimento se processa em compartimentos.

Há uma aceitação geral deste estado de acomodação. Critica-se, no entanto, o aluno por não saber estabelecer relações entre o que aprende nas diversas áreas do conhecimento. Ele também é cobrado, por não estabelecer pontes entre esse ensino e a sua realidade de vida. Prioriza-se o trabalho individual, disciplinar e lamenta-se a inexistência do espírito solidário, das relações interdisciplinares. As experiências de leitura em sala de aula refletem igualmente esta pedagogia de contradição:

fragmenta-se o texto para que se aprenda a perceber o todo, procura-se fazer com que o aluno responda somente ao que está previsto na leitura do professor ou do autor do livro didático e exige-se um leitor crítico e participativo. O aluno escreve textos de opinião sem ter formado uma opinião; faz uma “interpretação livre”, já cerceado, sem liberdade e, muitas vezes, sem leitura. Ele “lê” sem entendimento, interpreta sem ter lido e realiza atividades sem nenhuma função na sua realidade sociocultural. Quanto ao professor, fracassa em desenvolver projetos críticos e criativos em todos os níveis e áreas, porque seus alunos não são leitores e nada faz a respeito, pois formou-se dentro da visão de que a leitura e a escrita são atribuições exclusivas dos professores de língua portuguesa que, por sua vez, não conseguem dar conta sozinhos da empreitada. (KLEIMAN e MORAES, 1999, p.14)

Na realidade atual não é mais possível desenvolver uma educação fragmentada, fechada nas próprias concepções.

É preciso estabelecer relações entre diferentes áreas do conhecimento, para entender o andamento de tudo ao redor e facilitar a interpretação dos fatos com maior clareza. Por isso, há urgência de se trabalhar essas relações na escola, de forma interdisciplinar. Para tanto, creio que a leitura é o melhor instrumento para desenvolver tais concepções no processo de aquisição do conhecimento.

Esse posicionamento sustenta a idéia de que o trabalho com a leitura estará não só informando, mas também formando o universo cultural dos alunos. Ao desenvolver as atividades de leitura, informações de todas as áreas serão necessárias para uma boa interpretação do texto. O respeito ao contexto de produção abrirá muitos outros caminhos para a busca de diferentes informações e ampliará o universo de letramento do aluno, fortalecendo um estudo mais eficaz e produtivo.

Permito-me dizer, aqui, que esta prática é uma das formas de ilustrar o papel do ensino da Língua Portuguesa, a pretensão maior da realização deste trabalho, em todos os âmbitos, sobretudo no caráter específico do curso superior.

2.3 UMA NOVA POSSIBILIDADE PARA PERCORRER CAMINHOS JÁ VISITADOS

A língua é considerada como fonte de legitimação da representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social. Analisando os recursos de que ela

dispõe para a expressão, a produção escrita dos alunos deve se apresentar com maior pertinência e qualidade, por isso o aumento do repertório subsidia um dos focos deste trabalho para desenvolver o espírito crítico dos alunos.

Tal processo também contribui para a formação de profissionais da área, aproximando os conhecimentos acadêmicos da prática de uso da língua materna em situações similares às da vida real. A concepção da ação-reflexão-ação fortalece esta idéia, com base na vivência de situações problematizadoras e também prazerosas, no âmbito textual e discursivo, contribuindo para as pesquisas voltadas para o ensino de língua materna, também no que se refere à questão da autoria.

A presença de certos recursos discursivos nas produções dos alunos evidencia que, uma vez de posse do próprio discurso, os alunos podem se comportar como respectivos sujeitos, conscientes de seu papel social como usuários de sua língua.

A clareza dessa linha de pensamento permitiu-me perseguir, uma vez mais, subsídios para comprovar a competência leitora e produtora dos alunos. Considerei, para tanto, os do primeiro ano do curso superior de Administração de Empresas.

Infelizmente, a defasagem no universo do letramento tem aumentado, bem como as dificuldades na leitura e na escrita. O que fazer para tentar sanar ou, ao menos, amenizar tal situação? Comecei a pensar sobre isso numa perspectiva mais geral, para além das paredes escolares.

Socialmente, esses jovens não dispõem de muitos recursos para ampliar seus conhecimentos, necessitam de trabalhar cedo, para aumentar ou garantir o orçamento familiar. A região onde está estabelecida a faculdade é, prioritariamente, industrial, tem comércio amplamente desenvolvido e algumas oportunidades no setor agrícola; na realidade, não há grandes perspectivas de mudanças. Mesmo a cultura, por razões econômicas, restringe-se a grupos já estabelecidos, pelo gosto pessoal ou por proximidade de trabalho e razões familiares. O acesso ao mundo letrado ocorre informalmente. Não se observa preocupação com a leitura formal, em especial a de livros, jornais e revistas; quando muito, têm acesso à *Internet*,

mas acabam priorizando *bate-papos* e não, ampliação de repertório informativo-cultural. Tudo corrobora para um afastamento cada vez maior do universo da leitura elaborada.

Os jovens têm, na verdade, acesso a informações, no entanto, elas não são apreendidas, como deveriam, para se tornar de fato conhecimento adquirido e internalizado. Por outro lado, as escolas também não têm contribuído para sanar ou diminuir essas distâncias, pois as aulas continuam as mesmas. Projetos de leitura são realizados, porém os resultados alteram muito pouco essa situação.

Esses mesmos jovens terminam o Ensino Médio e chegam à faculdade considerando (ou supondo) que são bons leitores e redatores. Nesse momento, alguns pilares começam a desabar e eles, a perceber o quanto estão defasados perante tantas informações e urgência de leituras. Muitos não superam essa crise, além da financeira, e desistem logo no início do curso. Assim, perpetuam-se estados, não de direito, mas de desigualdade social.

Diante desta realidade, tenho priorizado a leitura, em todas as minhas classes. Percebo que, sem ampliar o repertório de informações, não há caminhos a percorrer, a escrita nunca melhora, apenas acaba maquiada. Pelo aprimoramento da leitura, as dificuldades podem ser sanadas.

É um exercício da linguagem no qual a compreensão dos usos de determinados mecanismos facilitam a interpretação do texto e a elaboração discursiva da linguagem, porque permitem perceber a intencionalidade presente nas idéias veiculadas pelo autor. Como afirma Kleiman:

... se o aluno perceber como a estrutura lingüística dá suporte ao pensamento e às intenções do autor, ele conseguirá ler criticamente: se ele apenas souber como classificar partes dessa estrutura, a conscientização lingüística crítica é impossível. (1995, p.94)

Ler e escrever significam questionar e ser questionado pelo mundo e por si próprio. É a busca de respostas que irão gerar novas perguntas. Quanto maior o grau de informatividade do texto, maior a necessidade de reconhecer suas marcas lingüísticas. A linguagem vai atribuindo matrizes à simbologia do discurso, cujos valores e modelos serão corporificados no constante enigma dos textos.

O prazer da descoberta vai sendo despertado pelo entrelaçamento entre o que está explicitado e o que não está escrito, mas está mencionado pressupostamente. Uma vez entendidas as tramas que compõem o texto, a interpretação transcorrerá com maior adequação e os frutos poderão ser colhidos com maior qualidade. É um exercício constante de re-encontros. Isso torna a leitura um desafio pelo qual é impossível não se apaixonar.

Trabalhar a leitura em sala de aula dignifica os esforços, em especial quando os diversos olhares vão descobrindo as tantas fontes que estão próximas e ao mesmo tempo distantes ou imaginárias. É um mundo novo desvelado em momentos ímpares. A efemeridade transforma-se em perenidade, exatamente porque a escrita permitirá esse registro.

Resta aqui outra grande dificuldade: a escrita formal, que demanda concentração, elaboração e escolhas, atividades que implicam um processo prolongado de construção de saberes e estratégias por parte de quem escreve. Nesse processo, o papel do leitor é muito ativo, uma vez que é ele quem põe em jogo sua habilidade lingüística e cognitiva, a fim de interagir com o texto, no intuito de reorganizar as informações em um novo sistema de relações que vai construindo.

Os passos dessa trajetória foram se compondo pouco a pouco. Atualmente, como educadora, pesquisadora e professora de língua materna, percebo que é preciso não só indicar caminhos para o exercício da leitura e escrita, como também proporcionar condições aos alunos para vivenciá-los e, sobretudo, acreditar nas próprias potencialidades, tanto quanto o que os bons textos possam oferecer-lhes.

Tenho certeza de que outros colegas também já perceberam isso e podem estar desenvolvendo pesquisas e/ou atividades no sentido de sanar as mesmas dificuldades, portanto o que trago são outras contribuições para ampliar as possibilidades do ensino da língua. Minhas constantes pesquisas em sala de aula, além da experiência profissional, têm me permitido constatar a melhora dos alunos em curto prazo de tempo, o que busco evidenciar, ao longo deste trabalho.

Faço uma última colocação, com relação a este texto. Conforme as características do gênero, ele propõe algumas questões e procura sustentá-las, por meio de um discurso inerentemente argumentativo, redigido em linguagem formal. Complementarmente ele apresenta um aspecto de que só me dei conta na re-leitura final: é permeado por um tom apaixonado que traz o risco de colocar sob suspeita a imparcialidade da pesquisadora.

Possivelmente a paixão pelo meu trabalho seja a mola propulsora de tudo o que faço, ao exercer meus diferentes papéis sociais, como cidadã, como professora, como pessoa. Provavelmente essa paixão tenha se tornado “gritante” nas linhas e entrelinhas desta tese, dadas as condições atuais de trabalho do professor em nosso país.

Caberia uma série de perguntas: sem esse sentimento, estaria eu, ainda, atuando nesta profissão? Sem ele, conseguiria eu lançar um olhar positivo sobre meus alunos, de modo tão confiante que conseguisse elevar-lhes a auto-estima e torná-los “autores”? Sem ele, teria eu percebido que minha história de vida daria uma tese?

Que o envolvimento da educadora-professora não tenha impedido a pesquisadora de relatar o resultado de suas reflexões e investigações. E que outros colegas – igualmente apaixonados – encontrem na leitura desta tese algumas sugestões para atuar no ensino de língua materna.

3 POSICIONAMENTOS DE SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo retoma o tema da leitura, agora com reflexões sobre seu papel no ensino superior. Apresenta um recorte teórico das concepções discursivas que embasaram a aplicação da pesquisa e tece comentários sobre a transposição didática e sobre o gênero expositivo como instrumento de ensino da produção textual, com destaque para o relato e o artigo acadêmico-científico, gêneros trabalhados com os alunos, um deles presente no *corpus*, analisado e comentado adiante. Aborda também as contribuições da Lingüística Textual e o papel da norma culta.

3.1 LEITURA E SUAS RELAÇÕES

Leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor...
(KLEIMAN, 1997, p.27)

O desafio de se trabalhar com a leitura, como fonte de informação para apreensão do conhecimento, é fundamental e se impõe como elemento primeiro no “processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”. (MARTINS, 1986, p.30).

A leitura, concebida como princípio formador dos sujeitos, é um instrumento primordial de que a escola dispõe para formar sujeitos letrados e não apenas alfabetizados, isto é, cidadãos que consigam ir além de meros decodificadores.

Não basta apenas ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o surgimento do termo *letramento* (SOARES, 1998, p.20).

A concepção de letramento é bastante ampla, pressupondo conhecimentos, habilidades, competências, valores, usos e funções sociais, como parte do processo de leitura. Desenvolver a leitura em sua amplitude significa possibilitar aos alunos subsídios para que eles próprios identifiquem e desenvolvam suas habilidades cognitivas e metacognitivas.

Aprimorarão, assim, sua capacidade de interpretar idéias ou eventos, estabelecendo relações entre eles e construindo significados que combinem seus conhecimentos prévios às recentes informações textuais. Isso permitirá aos alunos concretizar o esquema de ação-reflexão-ação sobre o significado do que foi lido, formulando conclusões e fazendo julgamentos.

Num certo sentido, poderíamos considerar que esse processo ocorre (ou deveria ocorrer) em todas as disciplinas e em todos os níveis, particularmente no ensino universitário, estendendo-se, posteriormente, à atuação dos profissionais com formação superior:

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita (...) Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades além de novas alternativas de lazer (SOARES, 1998, p.45-46).

Para desenvolver a competência de leitura, há necessidade de ampliar o universo de letramento dos indivíduos, o que pressupõe expressar graus diversos de intimidade com a escrita e a leitura. À medida que o indivíduo aprende a lidar com mais e diferentes materiais de leitura e de escrita, torna-se mais capaz de ler e entender, isto é, torna-se mais letrado.

Ocorre o mesmo com a escrita. Quanto mais material escrito alguém é capaz de produzir, mais amplia seu grau de letramento. Não adianta produzir apenas em quantidade. É preciso ampliar o leque de possibilidades, ou seja, ler muitas coisas diferentes e saber o que fazer com elas, explorando sua diversidade.

Assim como Kleiman e Moraes (1999), entendo que a leitura é uma das maneiras que a escola tem de contribuir para a diminuição da injustiça social, desde que ela forneça, a todos, oportunidades para o acesso ao saber acumulado pela sociedade, em condições plenas de interpretação, para novas criações. Dessa forma, a escola, por meio da leitura, estará permitindo melhores condições para a ampliação do letramento de seus alunos, afinal,

... a principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento que nos enreda a todos. Somente quando elaboramos relações significativas entre objetos, fatos e conceitos podemos dizer que aprendemos. As relações entretecem-se, articulam-se em teias, em redes construídas social e individualmente, e em permanente estado de atualização. A idéia de conhecer assemelha-se à de enredar-se, e a leitura constitui a prática social por excelência para esse fim (KLEIMAN & MORAES, 1999, p.91).

Concebo a idéia de que ler de forma consistente depende das condições reais de existência de cada pessoa, em termos do repertório que se tem e, também, do domínio dos recursos de que a linguagem dispõe para a organização escrita das informações. Esta é uma teia entrelaçada que

apresenta o risco de armadilhas, caso seus usuários não se direcionem com clareza e racionalidade. Não se trata, é claro, de ter domínio pleno de todos os recursos, até porque seria impossível, mas de saber escolher a trilha adequada, para atingir com segurança o outro lado da margem do rio-discurso, pelo qual todos adentram constantemente.

O dinamismo da leitura implica reconhecer e conciliar aspectos difíceis de serem mensurados quantitativamente, mas que precisam ser compreendidos e respeitados, para que haja fluência em seu desenvolvimento. “O homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos”. (MARTINS, 1986, p. 81).

Se a leitura se revela um reflexo da vivência pessoal, é preciso considerar a dimensão pragmática das condições discursivas que envolvem o sujeito-leitor.

Recorro a Orlandi (1996a) para refletir sobre as relações entre o leitor, o sujeito e o processo de interação que constitui a leitura. Este, por sua vez, fundado na noção de texto. A autora diz que a leitura é produzida, porque o leitor interage com o autor do texto, respeitando e analisando as condições de produção, processo que, mais tarde, poderá se repetir na sua própria produção escrita. Ela considera que o texto é o lugar, o centro comum que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte, autor e leitor; já que o domínio de cada um dos interlocutores, em si, é parcial. “Sua unidade é a unidade do/no texto”.

Levanta-se, neste ponto, nova questão com relação ao texto: a legibilidade, envolvendo outros elementos além da formação adequada de sentenças, dos aspectos de coesão e coerência textual. Orlandi (1996a) diz ser preciso se considerar, no âmbito da legibilidade, a relação do leitor com o texto e com o autor, a relação de interação que a leitura envolve. O leitor se constitui, se representa e se identifica à medida que lê.

A leitura é o momento crítico da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto. (ORLANDI, 1996a, p. 186).

Pela leitura, a noção de sujeito se realiza na presença do autor, que interage com o leitor, caracterizando a própria leitura como um discurso em cujas condições de produção–situação, contexto histórico–social, interlocutores evidenciam relações intra e intertextuais, intra e interdiscursivas, caracterizando uma multiplicidade de sentidos possíveis.

Faz-se necessário também observar a noção de implícito, abrangendo o que está subentendido. Além da intertextualidade, esta também é uma noção importante para constituir tanto a coerência quanto a argumentatividade do texto. Além da noção da rede de tessituras do texto, descortina-se a idéia de sua incompletude, derivada de sua relação com as condições de produção, isto é, da relação com a situação e com os interlocutores. Resulta daí a abertura para que o sentido do texto seja completado pelo leitor.

Diante do emaranhado discursivo instaurado pela leitura, a escola teria por obrigação fornecer aos alunos estratégias que lhes permitissem conhecer como um texto funciona. Uma vez de posse do conhecimento dos mecanismos discursivos, o aluno teria menos dificuldade de acesso aos processos da leitura, usufruindo de seu universo, colocando-se como sujeito de sua leitura.

Assumidos como sujeitos do próprio discurso, os alunos-leitores passam a vivenciar as oportunidades de elaborar as próprias experiências de leitura, o que ampliará a construção de sua identidade como cidadãos. Eles irão compondo seu repertório de leitura, o que lhes concederá o exercício da autoridade na produção de leitura competente. O passo seguinte deveria ser uma produção de texto condizente com a autonomia de leitores bem fundamentados.

Na composição discursiva não há meras reproduções, pois o novo certamente aparecerá no fato de o sujeito comprometer-se com a sua

palavra, articulando-a individualmente, conforme as próprias convicções e o próprio conhecimento. Por isso, na transposição do que se leu para o que se pode e se tem condições de escrever, é preciso, antes de tudo, ter claro o que dizer; ter uma razão para dizer o que se tem a dizer; e escolher com precisão as estratégias e os recursos próprios para realizar esse discurso. Daí a necessária competência de leitor e produtor de textos, em todas as esferas do ensino e da vida profissional em nível superior.

Retomo o conceito de Brandão (1995) sobre a formação discursiva: formações constituintes do discurso que, pautadas por uma formação ideológica em determinada relação de classes, determinam “o que pode e deve ser dito”. Reafirmo que a leitura se constitui numa prática social, organizada intelectualmente, e que requer do sujeito-leitor astúcia, habilidade, determinação e conhecimento.

Este conjunto de características, articulado a outras, decorrentes da vivência, constitui-se ferramenta imprescindível a uma concepção criativa da linguagem e à criticidade, o que, certamente, culminará na revelação dos modos de convivência social.

A leitura cumpre propósitos de reeducação social, apresentando e reapresentando valores e atitudes desgastados na sociedade contemporânea. Concebida criticamente como força motivadora para a escrita, ela pode desencadear o processo pedagógico do ensino de língua materna, como se buscou realizar na proposta relatada neste trabalho.

O projeto de um sujeito-falante está na base de qualquer discurso. Ao falar como ao escrever, ele procura assegurar a coerência e a completude daquilo que seu discurso representa, mais do que representar fielmente um dado da realidade. Assim, vejo o texto como a diversidade em uma unidade, composta por procedimentos lingüísticos apropriados às diferentes situações de comunicação.

Fazem-se pertinentes algumas considerações sobre a relação entre leitura e produção escrita. Orlandi e Guimarães (1990) esclarecem que os estudos da linguagem que tratam da interação mostram que falante e

destinatário representam papéis diferentes, com finalidades específicas, como autores e leitores. Por isso, há parâmetros tanto para a leitura quanto para a escrita; são os denominados leitores (críticos, em geral) e escritores (autores) competentes, cuja produção é considerada padrão e tomada como referência para interpretações.

Com vistas aos denominados parâmetros formais de escrita e leitura, estabelece-se a relação autor/leitor. O texto deve ser escrito de forma coesa e coerente, para gerar uma leitura fidedigna. Essa relação desencadeia o processo dialético no qual a leitura fornece matéria-prima para a escrita, constituindo-se como modelo para o como escrever, colocando o leitor em contato com os procedimentos de organização interna do texto, o que, certamente, resultará em um novo texto, para ser degustado em uma nova leitura.

A leitura fluente envolve a perseguição de um conjunto complexo e sempre mutável de objetivos, a fim de se extrair sentido da palavra impressa de modo relevante às finalidades do leitor. (...) A leitura fluente está baseada em uma especificação flexível de intenções e expectativas, que mudam e se desenvolvem como uma conseqüência da progressão do leitor ao longo do texto. Assim, a leitura fluente demanda conhecimento das convenções do texto, de vocabulário e gramática a estratégias de narrativa empregadas (...) é somente através da leitura que qualquer pessoa pode aprender a escrever. A única maneira possível de se aprender todas as convenções de ortografia, pontuação, letras maiúsculas e minúsculas, parágrafos e até mesmo gramática e estilo, é através da leitura. Os autores ensinam como escrever aos leitores. (SMITH, 1991, p.211).

Assim também é possível acessar a leitura do aluno em sua história de produção de sentidos. A história de leitura dos alunos é revelada em sua produção escrita. Um processo alimenta o outro, de forma indireta. Isso reafirma a idéia da necessidade de uma instrumentalização eficiente do

leitor, para ele poder desfrutar dos mecanismos próprios oferecidos pela leitura, produzindo, conseqüentemente, escritos proficientes.

No desenvolvimento dessa escritura, o sujeito produz com risco, pois é posto em processo e, com ele, toda a sociedade, sua lógica, sua moral. “O texto é o lugar da escritura, um lugar onde o sujeito se arrisca numa situação de crítica radical, e não o produto acabado de um sujeito pleno”. (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 49).

Escrever um texto tendo como base outro texto é demonstrar o valor do primeiro, pela qualidade do segundo que, por sua vez, será atestada num terceiro texto produzido, e assim por diante. O processo se repete, se multiplica, se amplia e se comprova.

Compreendida a aquisição lingüística na relação de produção leitura/ escrita, o produto escrito ganha uma outra posição no discurso pedagógico, porque o desafio que hoje se coloca à construção da sociedade democrática ultrapassa a dimensão técnica do ensinar as letras, as sílabas e as palavras. Quando grande parte da população fica à margem do mundo letrado, os homens são impedidos de se constituírem sujeitos.

Para contrapor essa fronteira social, marcada pelo desconhecimento do universo que compõe a linguagem verbal, seja pela leitura seja pela escrita, nada mais consistente que desenvolver no aluno, no cidadão a autonomia para o uso da palavra.

Isso significa pautar-se por textos bem elaborados em seus aspectos lingüístico-culturais, como são os científicos e os literários, este em especial. Por sua força e organização, o efeito dos textos literários é tão grande que acaba formando o aluno, mesmo que ele não perceba isso de imediato.

3.1.1 A Leitura Literária

A literatura organiza o espírito (mente e sensibilidade) e se torna uma âncora da sociedade, uma vez que, por meio dela, diferentes

discursos sobre a existência humana – seus bens e males – são lidos, entendidos e, por vezes, vivenciados. Eles vão sendo passados e incorporados aos poucos. A experiência literária vivida pelos alunos torna-os capazes de perceber o valor do poema, a função da imagem, as tramas do enredo. Por isso, entendo que a formação dos alunos-leitores passa inevitavelmente pela leitura de bons textos literários, além de outros gêneros discursivos presentes no cotidiano.

Compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. À literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa.

A experiência da leitura decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão, que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade dessa de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional; esse universo, contudo, alimenta-se da fantasia do autor, que elabora suas imagens interiores para se comunicar com o leitor. Assim, o texto concilia a racionalidade da linguagem, de que é testemunha sua estrutura gramatical, com a invenção nascida na intimidade do indivíduo; e pode lidar com a ficção mais exacerbada, sem perder o contato com a realidade, pois precisa condicionar a imaginação à ordem sintática da língua. Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas revela-se sempre original não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas. (ZILBERMAN, 1994, p. 88).

O papel da literatura é refinar as sensibilidades e abrir a perspectiva de pensar a vida – os valores. (CÂNDIDO, 1993). Estas palavras, ouvidas numa conferência há alguns anos, sempre me acompanharam. Elas encontraram ressonância em minha paixão pelo texto literário e norteiam minha atuação profissional. Agiram de forma tão

significativa, que procuro continuamente demonstrar aos meus alunos a força característica da literatura e, em especial, do texto poético.

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar. (CÂNDIDO, 1985, p.45).

A riqueza do texto literário é sempre uma trilha nova a percorrer e um convite a desvendar mistérios. A cada leitura, um universo de revelações e uma conquista saborosa, pelo prazer do saber, pela magia das palavras, dos muitos significados instigados por elas, através dos tempos.

Seguindo esta vertente, procuro sempre investir — com intensidade — na leitura literária, para que os alunos possam também descobri-la e tenham condições de repensar as próprias convicções com base nas sugestões dessa organização lingüístico-cultural tão singular.

O procedimento, aparentemente, nada traz de inovação em termos teóricos. No entanto, o novo sempre depende do modo de olhar. A pertinência e a ressonância daquelas palavras do Professor Antônio Cândido tornaram-se uma missão a cumprir. Não encontrei, nos referenciais teóricos, instrumento melhor que a leitura, sobretudo a literária, para apresentar como modelo a ser seguido, no intuito de formar leitores competentes e, conseqüentemente, produtores de texto capazes e habilidosos.

Reitero que o exercício da leitura presentifica-se como instrumento educativo, induzindo os alunos à prática da cidadania, uma vez que lhes possibilita uma nova concepção de valores e atitudes e os auxilia a ter mais confiança e segurança em suas próprias potencialidades e experiências.

Considerando o papel da literatura e do texto literário, é possibilitada aos alunos a compreensão da linguagem como instrumento de aculturação, utilizado pela escola. No contexto educacional, o ensino da

leitura e da escrita incorpora uma diversidade de valores culturais que, se entendidos, preservam valores e estabelecem um mecanismo de interpretação para as razões humanas via palavra escrita.

O ensino da língua materna, na perspectiva conceitual da leitura e da construção do discurso corrobora a idéia de que, para encontrar as marcas da relação sujeito e linguagem, não é possível analisar somente seus produtos, mas também o processo de sua produção. “O discurso como uma construção social é, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo...”. (LOPES, 1998, p.305). Daí, a importância do trabalho com a leitura literária qualitativa, para que, dessa experiência, novos horizontes lingüísticos e culturais sejam incorporados pelos alunos, no processo de construção de seu próprio caminho como leitores e escritores proficientes.

Concebo, neste contexto de aprendizagem, a idéia da leitura e da literatura como um processo, um sistema de produção de significados, que serão perceptíveis pelo sujeito das relações – os alunos. Para acontecer esta percepção da organização dos signos e das relações das formas, é preciso uma maneira de materialização lingüística inteligível, por isso **o texto** e a necessidade de compreendê-lo e interpretá-lo verticalmente, relacionando as expressões a situações de fato, nas dimensões pragmática, discursiva, semântica e gramatical da linguagem.

O texto literário prima por um alto nível de elaboração da linguagem, envolvendo o eu, o outro e o social, o que propicia o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade. Despertar a condição de leitores e autores com base em textos literários vai de encontro a um dos papéis fundamentais da escola.

Esse processo que corporifica o desenvolvimento da leitura dispõe de mecanismos que precisam ser aprendidos e apreendidos, para que uma verdadeira prática de leitura se instaure, despertando e cultivando o desejo de ler, não só pelo prazer, como também pela construção do próprio conhecimento.

Fora da escola, dificilmente o aluno tem acesso a esse tipo de texto e, na maioria dos casos, poucas condições de interpretá-lo e apreciá-

lo. Esse exercício auxilia também na sua compreensão a respeito do universo subjetivo que lhe é próprio e que, nem sempre, consegue perceber ou valorizar nas relações como pessoa. Por isso retomar, via texto literário, a importância da subjetividade na leitura. Ponto de vista confirmado por Smith (1989, p.1991): “a leitura e sua memorização sempre envolve emoções, bem como conhecimento e experiência”.

Segundo Freire (1986, p.11), “uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”, o que possibilita a transformação social, além da individual.

Uma vez interligados os universos da leitura em geral e do texto literário em particular, busco introduzir os alunos num mundo inédito de descobertas e redescobertas. Proponho-lhes, como leitores, refletir sobre o cotidiano, incorporar novas experiências, abrir passagem para a construção social da própria identidade, dispor-se a mudanças e transformações.

É importante ressaltar, que neste universo, a linguagem literária detém algumas características que, segundo Guimarães (1994), lhe são peculiares como: a relevância do plano da expressão, a intangibilidade (o caráter intocável do texto literário), o predomínio da conotação sobre a denotação, a plurissignificação e a novidade (explora as valências profundas do sistema lingüístico). O texto literário desperta o desconhecido e promove o conhecimento, graças a um processo elaborado de linguagem, em que o mundo se configura infinito, uma “Pasárgada” possível e contagiante.

Uma vez conhecido este mundo possível expresso pelas palavras, os leitores têm a oportunidade de repensar o contexto social em que estão inseridos, considerá-lo de uma nova perspectiva e pensar na hipótese de sua reorganização.

Na sociedade desigual em que vivemos, promover a transformação social pela educação lingüístico-literária parece essencial. É um exercício de cidadania, pois, dentre outras coisas, ser cidadão é também saber ler e produzir textos.

3.2 CONCEPÇÕES SOBRE O GÊNERO DISCURSIVO E O PROCESSO DE AUTORIA

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

(Bakhtin / Volochinov, 2004, p.113)

A epígrafe deste capítulo sintetiza a importância da palavra como elo entre mim, declaradamente autora, e o meu leitor, para quem as explicações aqui expostas permitirão melhor compreender o processo teórico-didático realizado ao longo desta pesquisa.

Na busca de estabelecer um referencial mais específico para a fundamentação desta pesquisa, pautei-me pelos estudos do Círculo de Bakhtin, destacando concepções sobre discurso, texto, enunciação, interdiscursividade, intertextualidade e gêneros discursivos. Utilizei para as orientações práticas a releitura bakhtiniana proposta por Dolz & Schneuwly (2004). Em contraponto, estabeleço relações com o interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (1999), ainda que este aponte algumas distinções em relação às concepções de Bakhtin.

Não se trata, aqui, de confrontos entre teorias, mas de clarear alguns pontos da leitura do referencial nacional para ensino da língua materna – PCN de Língua Portuguesa –, em especial, quanto à indicação dos gêneros como estratégia de ensino; particularmente no que se refere à importância de seu estudo composicional no ensino de leitura e produção de textos.

Bakhtin (2004) parte do princípio que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” (p.106) e que “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (p.96), assim o discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos. Ele se manifesta em forma de enunciados, sejam orais ou escritos, expressos por indivíduos em diferentes atividades humanas. O produto dessa interação é a enunciação.

Dessa forma, é por meio dos enunciados concretos que a vida entra na língua, isto é, em função da natureza dos enunciados é que se materializam os gêneros do discurso. Gênero é forma de discurso, de enunciação.

Para Dolz & Schneuwly (2004), retomando Bakhtin (2003) gêneros são instrumentos mediadores estáveis que se caracterizam por um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional. “Sua escolha se faz em função da definição dos parâmetros da situação que guiam a ação” (p.27) de ler e produzir textos.

Há que se considerar, na visão bakhtiniana, os gêneros primários e os gêneros secundários. Os chamados gêneros primários, aqueles espontâneos que se formam nas condições imediatas da comunicação discursiva, são freqüentes no uso cotidiano, aproximam-se da modalidade oral da linguagem. Já os secundários, ou estáveis, mais complexos em termos de constituições discursivas – como notícias, cartas de reclamação, relatórios, pesquisas científicas, romances, por exemplo, – normalmente se adequam às situações de ensino formal da modalidade escrita, relacionados ao âmbito dos sistemas ideológicos constituídos.

O ensino-aprendizagem dos gêneros secundários requer o desenvolvimento de estratégias didáticas, recursos que, na condição de usuário da língua, devo conhecer, para me servir deles em minhas próprias composições, em função das condições de produção em que me encontrar.

Uma dessas estratégias é o uso de seqüências didáticas. Nos dizeres de Dolz e Schneuwly (2004, p.97) “um conjunto de atividades

escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Para se desenvolver uma seqüência didática, sob essa perspectiva, são necessários vários procedimentos, a começar pela apresentação da situação de comunicação, construída pelos alunos de forma representativa, e do tipo de atividade a ser realizada. Escolhe-se o gênero e a dimensão dos conteúdos a abordar. Na seqüência, os alunos realizam uma primeira produção que permitirá ao professor delinear a melhor forma de intervenção para auxiliá-los. Considera-se aqui uma avaliação formativa, para “motivar” os alunos. Neste momento, é preciso trabalhar com a finalidade de desenvolver nos alunos a capacidade de linguagem para que, posteriormente, se sintam mais preparados para a produção final.

A seguir, no movimento *complexo* → *simples* → *complexo*, trabalhando as capacidades necessárias ao domínio do gênero em estudo, exploram-se diferentes níveis por meio de diversas estratégias, num processo modular em etapas. Parte-se da verificação da situação de comunicação e do delineamento do conteúdo, para chegar ao planejamento e realização do texto, por meio de um conjunto de atividades e exercícios. Dentre eles: exercício de observação do texto, seguido de análise e interpretação; tarefas de produção de textos, observando a adequação na elaboração e no uso da linguagem; registro dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero em estudo. Por fim, a seqüência é coroada por uma produção que permitirá ao professor uma avaliação somativa tanto do processo quanto do produto final.

A finalidade de se utilizar uma seqüência didática é graduar modularmente o processo de aprendizagem, levando o aluno a identificar e empregar as características de determinado gênero e a dominar sua composição, em função da esfera social em que ele circula. Isso lhe permitirá escrever ou falar de forma mais adequada em dada situação de comunicação. Há que se considerar, ainda, que essas seqüências devem

ser realizadas no âmbito de um “projeto de classe” (ênfase dos autores), respeitando-se:

... os princípios teóricos subjacentes ao procedimento; o caráter modular dos procedimentos e suas possibilidades de diferenciação; as diferenças entre os trabalhos com oralidade e com escrita; a articulação entre o trabalho na seqüência e outros domínios de ensino de língua. (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p.108)

Faz-se necessário, neste momento, um esclarecimento, como uma espécie de elo entre as concepções já teorizadas e o processo prático desenvolvido em sala de aula: essa concepção de seqüência didática orientou-me no desenvolvimento das atividades com os alunos, ainda que tenham sido necessárias adaptações, em razão das condições do plano de ensino específico para o curso de Administração de Empresas.

Na aplicação, consegui seqüenciar algumas atividades que se aproximaram da proposta inspiradora, porém voltadas à realidade do público-alvo com o qual trabalhei. Esclareço ainda que, numa ratificação da pesquisa relatada em minha Dissertação de Mestrado, eu queria também sustentar a minha idéia de que era possível conciliar diferentes tipos de leitura, desde a poética até a científica, num curso superior não voltado às letras. Eu desejava ressaltar também a importância desse repertório para melhorar a produção escrita de gêneros discursivos que circulam no âmbito da área de estudos desses alunos.

A perspectiva bakhtiniana, propulsora da concepção sobre os gêneros, inspirou muitos teóricos. A questão do gênero por vezes contrapõe perspectivas de autores voltados a enfoques diversos, como o da Análise da Conversação, da Lingüística Textual e do Interacionismo sociodiscursivo, que se preocupam em estabelecer diferenças entre gêneros textuais e gêneros discursivos.

Rojo (2005) traça um paralelo entre essas abordagens, esclarecendo algumas posições teóricas. Dentre elas, opto pela de Bronckart:

*... os gêneros do discurso, gêneros de texto e/ou formas estáveis de enunciados de Bakhtin podem ser chamados de **gêneros de texto**; os enunciados, enunciações e/ou textos bakhtinianos podem ser chamados de **textos**, quando se trata de produções verbais acabadas, associadas a uma mesma e única ação de linguagem ou de **enunciados**, quando se trata de segmentos de produções verbais do nível da frase. As línguas, linguagens e estilos, como elementos constitutivos da heterogeneidade textual, podem ser designados pela expressão **tipos de discurso**. (1999, p.143)*

Essa mesma concepção é contemplada no PCN de Língua Portuguesa, documento oficial que apresenta balizas para o ensino de língua materna no Brasil.

Rojo salienta quatro pontos principais em comum para a vertente da teoria dos gêneros textuais:

... todas se aproximam de uma definição wittgensteiniana do gênero como família de textos, sendo que famílias podem ser reconhecidas por similaridades (no dizer de Wittgenstein, por formatos). Essas similaridades podem se dar no nível do texto (e aqui, faz-se referência às formas do texto – textuais/ de composição; lingüísticas/ de estilo – ou do contexto ou situação/ condição de produção – e aqui, faz-se referência à função, finalidade ou critérios pragmáticos/utilitários; todas (sendo a abordagem de Adam (1999) a mais explícita e pragmática nesta direção) buscam compatibilizar análises textuais/ da textualidade com as descrições de (texto em) gêneros, seja por meio de seqüências e operações textuais (Adam, Marcuschi), seja por meio dos tipos de discurso (Bronckart); todas remetem a uma certa leitura pragmática ou funcional do contexto/ situação de produção; e, finalmente, todas mencionam a obra de Bakhtin e estabelecem uma aproximação – não isenta de repulsão e, logo, polifônica – com o discurso bakhtiniano. (2005, p.192).

Por outro lado, ainda segundo Rojo,

... aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos – e a partir desta análise, buscarão as marcas lingüísticas (formas do texto/ enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação. Isso configura não uma análise exaustiva das propriedades do texto e de suas formas de composição (gramática) – buscando as invariantes do gênero -, mas uma descrição do texto/ enunciado pertencente ao gênero ligada sobretudo às maneiras (inclusive lingüísticas) de configurar a significação (2005, p. 199).

Entendo que essas diferentes concepções são igualmente válidas. Dada a minha finalidade de propiciar subsídios para o aprimoramento da leitura e da escrita, com a preocupação pedagógica de desencadear uma aprendizagem mais efetiva do ensino de língua materna na Educação Superior, optei pelo enfoque bakhtiniano, retomado por Bronckart (1999) e por Dolz & Schneuwly (2004).

Levo em conta também que meus alunos, infelizmente, como a grande maioria de leitores e redatores em nossa realidade, não são usuários imersos em práticas sociais letradas que lhes garantiriam elaborar ou reelaborar os sentidos dos textos que lêem ou produzem. Por isso, entendo como Rojo que

...nossos alunos não precisam ser gramáticos de texto e nem mesmo conhecer uma metalinguagem sofisticada, ao contrário, no Brasil, com seus acentuados problemas de iletrismo, a necessidade dos alunos é de terem acesso letrado a textos (de opinião, literários, científicos, jornalísticos, informativos etc.) e de poderem fazer uma leitura crítica e cidadã desses textos.

Assim, parece-nos ser mais útil e necessário explorar com eles as características das situações de enunciação – relacionadas às marcas lingüísticas que deixam como traços nos textos – que fazermos análises completas e exaustivas dos textos, introduzindo uma nova metalinguagem. (2005, p.207)

Em acréscimo a essas ponderações, em função do modo como ocorreu a aplicação relatada adiante, considero importante retomar também a questão do interdiscurso. Em Bakhtin (2003) a terminologia aparece sob o nome de dialogismo, processo como se estabelecem as relações. O dialogismo ocorre sempre entre discursos.

Todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra é cercada de outras palavras, precedida por outras palavras, nas quais se inspira. A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Todo enunciado possui uma dimensão dupla, revelando duas posições: a própria e a do outro.

Entenda-se interdiscursividade como uma relação de sentido e intertextualidade como uma relação discursiva, materializada em textos. A primeira pressupõe sempre a segunda, no entanto o contrário não é verdadeiro.

Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade. No entanto, é preciso verificar que nem todas as relações dialógicas mostradas no texto devem ser consideradas intertextuais. (Fiorin, 2006, p.181)

Bakhtin (2003) aborda essa questão mencionando relações dialógicas intertextuais e intratextuais, entre textos diversos e no interior dos próprios textos. Tomemos com exemplo o poema *Debussy*, de Manuel Bandeira:

DEBUSSY

Para cá, para lá...
 Para cá, para lá...
 Um novelozinho de linha...
 Para cá, para lá...
 Para cá, para lá...

Oscila no ar pela mão de uma criança
 (vem e vai)
 Que delicadamente e quase a adormecer o balanço
 – Psiu... –
 Para cá, para lá...
 Para cá e ...
 – O novelozinho caiu.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira** / Carnaval. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 90-91.

A primeira estrofe é marcada pela repetição das mesmas construções que, paralelisticamente, representam o movimento de uma cadeira de balanço “Para cá, para lá...”.

Sugerida essa imagem, o poeta indica o ritmo e o movimento que levam o leitor à visualização da cena na qual é possível perceber a figura de uma criança, em razão da escolha lexical do diminutivo “novelozinho” e do recurso estilístico fonológico que resulta da exploração da vogal aberta a, como expressão da alegria própria da infância. As relações intratextuais vão se superpondo e conferem plasticidade ao poema, levando o leitor a “ver” e “ouvir” o ranger da cadeira de balanço.

Na segunda estrofe, a imagem se desenha nítida: “pela mão de uma criança” que está por adormecer. Faz-se uma ruptura sintática no verso

12, interrompido na metade: o novelozinho caiu, porque a criança adormeceu. A presença do diálogo com um possível interlocutor diante da cena ilustra a relação intratextual. Assim, vão se compondo as relações de sentido, interdiscursivas.

A intertextualidade, por sua vez, faz-se perceptível ao se entender o porquê do título: *Debussy* foi um compositor francês do início do século XX, reconhecido por composições bastante harmoniosas, dentre elas, algumas destinadas a crianças. Daí a relação entre a poesia e a música. Seria também, possivelmente, uma homenagem ao compositor, falecido em 1918, pois a obra que contém este poema de Bandeira foi publicada em 1919.

No estudo das inter-relações presentes nos textos, não se pode deixar de mencionar a questão do estilo. Para Fiorin (2006, p. 184) “por ter uma materialidade, os estilos de autores, de movimentos literários, de grupos sociais, quando são estilizados ou parodiados, mantêm também relações intertextuais.” No entanto, o estilo, sendo um fato do funcionamento real da linguagem, constitui-se dialogicamente, e nem sempre será domínio da intertextualidade, porque “não se encontra num texto a materialidade lingüístico-textual de dois estilos.” Tem-se, então, “um fato de interdiscursividade e não de intertextualidade, pois é da ordem do dialogismo constitutivo”.

O caráter fundamentalmente dialógico de todo enunciado do discurso impossibilita dissociar do funcionamento discursivo a relação do discurso com seu outro. (...) É na reação com o discurso do Outro, que se aprende a história que perpassa o discurso. Esta relação está inscrita na própria interioridade do discurso, constitutiva ou mostradamente. (...) Em Bakhtin, a História não é algo exterior ao discurso, mas é interior a ele, pois o sentido é histórico. Por isso, para perceber o sentido, é preciso situar o enunciado no diálogo com outros enunciados e apreender os confrontos sêmicos que geram os sentidos. Enfim, é preciso captar o dialogismo que o permeia.
(FIORIN, 2006, p.191-192)

Em se tratando de reconhecer o processo dialógico na constituição da linguagem, este estudo levou em conta a importância de apoiar a formação de um repertório pelos alunos. Complementarmente, não poderia deixar de abordar as concepções de identidade e de autoria inerentes ao contexto de aprendizagem de leitura e produção de texto focalizado nesta pesquisa. O assunto é amplo e complexo, limito-me a recortar os aspectos que inspiraram meu trabalho com o grupo discente.

O interesse primeiro girou em torno da preocupação em ampliar o nível de letramento dos alunos, como conseqüência da apropriação dos recursos da escrita, sobretudo a decorrente da leitura do texto literário, que possibilita a exploração dos diferentes valores significativos do sistema lingüístico e forma leitores, motivando-os a se interessar também pela leitura e escrita de outros tipos de texto.

A meta seria criar condições para que os alunos interagissem no processo construtivo, no intuito de despertar neles o reconhecimento de sua identidade pessoal, destacando características únicas e distintas que os diferenciam social e lingüisticamente.

Brandão (1986, p.39) diz que “não é fácil separar a dimensão individual da construção e do exercício cotidiano da identidade de sua dimensão social”, por isso, apóio-me na relação entre identidade e discurso, concebendo a identidade no sentido de identificação pessoal na ação discursiva, que ganha significado diante do contexto em que se insere. Entendo ser um processo, sempre constituído dentro do discurso, em que relações de poder específicas acabam por influenciar a construção da identidade do sujeito.

Considero, ainda, a relevância do contexto escolar para as práticas discursivas dos alunos, no desenvolvimento da conscientização das respectivas identidades, assim como da do outro:

As identidades sociais construídas na escola podem desempenhar um papel importante na vida dos indivíduos quando depararem com outras práticas discursivas nas quais suas identidades são re-experenciadas ou re-posicionadas. (LOPES, 1998, p.311)

Recorto a idéia de identidade na visão do discurso como construção pessoal e social, estando sempre em desenvolvimento ascendente. Nesse processo, pela interação, os participantes vão atribuindo significados às próprias produções e reconhecendo os recursos lingüísticos necessários para uma elaboração textual coesa e coerente.

Desta forma, os alunos acabam inseridos em um movimento reflexivo que permite constatar sua individualidade e respectiva potencialidade. Isso lhes assegura certa mobilidade e despojamento na execução de suas práticas discursivas.

Tomando-se por base o encaminhamento do processo de busca das potencialidades individuais como jovens escritores, com autonomia para redigir o pensar e o sentir, o passo seguinte é a idéia de autoria: o que está escrito está fixado. Independentemente do ponto de partida e do autor, libera-se para contrair novas relações.

Para que o sujeito se coloque como autor, ele tem de estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que se remete à sua própria interioridade: ele constrói assim sua identidade como autor. Isto é, ele aprende a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. (ORLANDI, 1999, p.78-79)

Em complemento à proposta bakhtiniana, entendo que a consciência do autor é aquela que recebe e dá acabamento à consciência do outro, podendo-se dizer que o autor é, para o herói, aquilo que o outro é para mim, ou seja, o que me dá acabamento é o ponto de vista do outro. Estabelecem-se assim interações, via texto. Ao produzir um discurso, o

sujeito reveste-se de autor e age com a linguagem não só em relação ao outro, mas também em relação à própria língua.

Nessa perspectiva, os alunos comportam-se como autores e escrevem. Mais uma vez, leitura e escrita se complementam, pois os alunos **lêem para mudar e escrevem para comprovar a mudança, sabendo em que mudam** (grifo meu). Esta experiência permite-lhes assumir a identidade de sujeitos autônomos e capazes. A consciência da relação com o outro conduz o indivíduo aos limites que ele próprio se outorgou, a intersubjetividade define a autonomia, passo fundamental para a autoria.

Não se conhecem as chaves para realizar essa passagem, mas elas são intuídas amplamente, à medida que os escritos entram em circulação. Nesse momento, o autor é um sujeito repleto da diferença e fervilhante de contradições. O autor pertence ao texto e, então, se confirma a autenticidade da criação pelo viés da leitura. “A linguagem é obstáculo, no caminho do real, mas é também possibilidade de fundá-lo. Fora da ordem da linguagem, o real é apenas caos” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.109). Pela linguagem a autoria se faz presente.

Há no encaminhamento das relações uma ambigüidade de posições e identificações do sujeito que se desvela diante da sua criação. A expressividade compartilhada faz dele um autor autônomo para quem as produções tornam-se criações únicas, eternizadas pela palavra, núcleo central de sua revelação de autoria. A experiência com as palavras recria o homem e o faz detentor da criação, na atribuição de valores, organização e reorganização do mundo que o rodeia.

Despertar nos alunos a capacidade e a autonomia para a criação lingüística é o que certamente lhes possibilitará, num segundo momento, o reconhecimento do próprio discurso e a abertura para prosseguir em futuras criações.

Nos escritos de Bakhtin (2003), a relação autor-criador é enfatizada como objeto estético, gerador do texto, que dá forma ao conteúdo, criando e operando sistemas de valores. Para ele é uma posição

refratada e refratante, cuja linguagem é concebida como heteroglossia, formações de vozes ou línguas sociais múltiplas e heterogêneas.

Propõe, assim, o princípio da exterioridade, a necessidade de olhar de fora, permanecer do lado externo para poder consumir a criação esteticamente. Expressa a importância da posição axiológica do autor-criador, princípio ativo que, além de guiar a construção do objeto estético, direciona o olhar do leitor.

É preciso passar pela consciência do outro para constituir a si próprio como autor-criador. Aquele que não reproduz mecanicamente, representa, num todo estilístico, um modo de perceber, experimentar e valorar a heteroglossia. À inovação na relação autor-criador, Bakhtin (2003) nomeou experimentalmente de polifonia. Como o discurso é dinâmico e se desenvolve em função das condições de produção, o processo de autoria reitera o postulado geral de que, sem deslocamento, não há ato criador.

O autor-criador expressa a importância da alteridade na criação, sem que ocorra reprodução mecânica, mas como representação de um todo estilístico, valorizando o dialogismo. Assim, há autoria de fato, porque cada processo de criação é único. Quem dá forma ao conteúdo é o autor-criador. Este é meu norte nas aulas de língua portuguesa, voltadas para a produção textual: contribuir para a formação de autores-criadores.

Pensar o ensino de língua materna nessa perspectiva requer compreender melhor a importância de se conhecer as várias concepções sobre a constituição dos enunciados, para que os textos sejam efetivamente lidos e entendidos e, assim, o conhecimento se estabeleça de fato, o que permitirá o processo efetivo de produção escrita.

Ainda neste processo de composição teórica, reporto-me a outra concepção que considero importante esclarecer: a heterogeneidade na noção de autoria no nível do discurso. Para isso, cito a explicação de Authier-Revuz (1982) sobre a heterogeneidade enunciativa. Ela classifica a heterogeneidade como sendo de dois tipos: a constitutiva e a mostrada (esta última marcada ou não marcada).

A primeira refere-se a um nível do inconsciente em que todo sujeito “esquece” aquilo que determina os sentidos de seu dizer e, em razão desse “esquecimento” (apagamento), coloca-se na origem do dizer; o primeiro tipo. Parte, então, para as análises em que a heterogeneidade é mostrada, considerada como uma maneira de negociação do sujeito com a heterogeneidade do primeiro tipo, a constitutiva, na forma da denegação.

A autora considera como sendo uma maneira de negociação do sujeito com a heterogeneidade do primeiro tipo, a constitutiva, na forma da denegação. Assim, por exemplo, suponhamos o seguinte enunciado: “Estamos no segundo semestre do ano, ou já no final do semestre, se preferirem, e ainda temos assuntos pendentes do ano passado”. A nota explicativa: “ou já no final do semestre, se preferirem”, mostra uma sensibilidade imaginária por parte do locutor, a um sentido diferente, que estaria no universo do interlocutor, e em função do qual ele, locutor, se reformula, constituindo nessa expressão um espaço do “outro” (o interlocutor), conseguindo dessa forma o efeito de que o restante do dizer é todo seu. Entregando-se à evidência de uma voz que fala nele, o sujeito delimita o campo de ação dessa voz e garante a originalidade do restante. Toda interlocução se caracteriza pela substituição do “Outro” (alteridade constitutiva e de nível inconsciente), pelo “outro” (interlocutor).

A autora propõe, então, dois tipos de enunciados: aqueles que mostram a heterogeneidade, com marcas explícitas, e aqueles cujas marcas não são mostradas. Como exemplo de heterogeneidades mostradas e marcadas, tem-se glosas enunciativas. Como exemplo de heterogeneidade mostrada, mas não marcada, tem-se a ironia, a imitação que conta com o “outro dizer” sem explicitá-lo, para produzir o seu sentido.

A relação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva é sempre uma relação de denegação. Por outro lado, sua relação com a heterogeneidade mostrada é sempre fruto de um breve instante de consciência em relação à heterogeneidade constitutiva.

Assim, pode-se dizer que a identidade se constrói na capacidade que se tem de dialogar com o outro. O sujeito delimita fronteiras,

aponta a fala do outro, explícita ou implicitamente, e diz o que é seu. Isso é heterogeneidade. Para Autier-Revuz a linguagem é constitutivamente heterogênea.

A noção de heterogeneidade enunciativa mostrada é proveitosa para se observar o confronto de formações discursivas que não têm como predominância uma nova formação discursiva.

Um novo exemplo em um outro enunciado: “Estou exausta, se é que você entende o que digo”. Nesse caso, evidencia-se uma heterogeneidade mostrada, já que há uma não coincidência, uma situação de estranhamento do sujeito enunciador em relação à sua própria enunciação, materializada na segunda parte do enunciado, mas não há um efeito-autor aí produzido, pois não há uma nova formação discursiva dominante aí produzida. Não há o novo, nesse nível, mas há, no entanto, o novo (no nível enunciativo), fruto do confronto de duas posições enunciativas.

É possível conceber nessa situação que a autoria tem relação com uma função de todo sujeito, a função-autor. A função-autor, portanto, tem relação com a dimensão enunciativa do sujeito do discurso. Isso significa heterogeneidade interna a uma formação discursiva dominante, que ganha aí seu movimento e sua unidade, sem perder, com isso, sua dominância.

A autoria é caracterizada pela singularidade e pelo fechamento, a primeira garantida pela diferença e o segundo, pelo repetível. Como exemplo de efeito-autor, cito a experiência de um programa de mídia produzido na escola, por estudantes. O sentido desse programa não se garante somente pelos sentidos (pré-construídos) do discurso eletrônico nem tampouco por aqueles do discurso pedagógico. Esse confronto inaugura uma formação ideológica (discursiva) nova.

O processo de autoria tem relação com a produção de um novo sentido que, ao mesmo tempo, se revela na condição de maior responsabilidade do sujeito em relação ao sentido primeiro e, por essa razão, de maior unidade em um nível enunciativo-discursivo; é condição de todo sujeito e, portanto, de todo acontecimento discursivo.

Retomando Bakhtin (2003), quanto às considerações sobre os estudos relacionados ao processo de criação literária, acrescento enfaticamente que a consciência do autor é aquela que concebe e dá acabamento à consciência do outro. Pode-se dizer que o autor é para o herói, aquilo que outro é para mim, como sujeito; é o ponto de vista do outro que me dá acabamento. Para a atividade estética não se dispensa a instauração da alteridade, pois apenas o “outro” pode receber acabamento espacial, temporal e de sentido. Nesse ponto, o conceito de autor relaciona-se a uma atividade estética, da ordem criativa e não vivenciada.

3.3 CONTRIBUIÇÕES DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL

A perspectiva teórica que sustenta esta tese referenda-se nos postulados do estudo do discurso, como já expresso. Segundo Maingueneau (2004, p. 52),

os discursos enquanto unidades transfrásticas, estão submetidos a regras de organização vigentes em um grupo social determinado: regras que governam uma narrativa, um diálogo, uma argumentação; regras relativas ao plano de texto (um *fait divers* não pode ser dividido como uma dissertação ou como um manual de instruções); regras para a extensão do enunciado etc.

Desta forma essas regras precisam ser ensinadas e aprendidas para que o enunciado como um todo – o texto – passe a ser entendido em sua totalidade coerente.

O ramo da lingüística que estuda essa coerência chama-se precisamente “lingüística textual”. Com efeito, tende-se a

falar de “texto” quando se trata de produções verbais orais ou escritas, estruturadas de forma a perdurarem, a se repetirem, a circularem longe de seu contexto original. É por isso que, no uso corrente, fala-se, de preferência, de “textos literários”, “textos jurídicos”, evitando-se chamar de “texto” uma conversa. (MAINGUENEAU, 2004, p. 57). ¹

A Lingüística Textual, como uma nova concepção de texto, revolucionou este estudo e o fez evoluir, abrindo caminhos para outros conhecimentos que permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo. Ela avança, desta forma, a um domínio transdisciplinar no qual se busca compreender e explicar o texto, fruto de um processo complexo de interação social de conhecimento e de linguagem.

A preocupação primeira da Lingüística Textual, nos anos de 1970, era, considerando a dimensão do enunciado, descrever os fenômenos sintático-semânticos. Mais tarde, com o desenvolvimento dos estudos nesta área, o conceito de texto passou por transformações, assim também outras elaborações foram se constituindo, como a idéia de se construir gramáticas de texto.

A noção de texto esteve atrelada à sua organização em termos de estrutura do material lingüístico. Nos anos de 1980, a Lingüística Textual, ganhou corpo denominando-se Teorias do Texto. Tais estudos passaram a incluir um exame do contexto, como um conjunto de condições de produção, recepção e interpretação de textos, e a privilegiar a dimensão de texto como unidade de análise, não mais a palavra ou a frase isolada.

Emerge, assim, nos estudos da Lingüística Textual, uma concepção de texto comprometida com o tratamento do contexto pragmático. Entende-se, portanto, texto como

uma manifestação lingüística concreta que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor, ouvinte/leitor), em uma

¹ Os estudiosos da língua oral sustentam com argumentos sólidos a existência de textos orais espontâneos.

situação de interação comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão.
(KOCH & TRAVAGLIA, 2002, p.10).

Essa concepção de texto referenda-se na idéia de que o sentido se constrói no curso de uma interação, ele não está no texto. Koch (2000) aponta que um texto se constitui como texto quando os parceiros de uma atividade comunicativa, diante de uma manifestação lingüística, são capazes de construir, para ela, determinado sentido, atuando conjuntamente a uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional.

Nesse sentido, cabe explicitar a relação discurso/texto. O discurso é manifestado, lingüisticamente, por meio de textos.

Trata-se, pois, de unidades de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência.
(FÁVERO & KOCH, 1998, P. 25).

Um dos objetivos nesta pesquisa era orientar os alunos a produzir textos, de modo a tornar claro o reconhecimento dessas produções como “textos” que garantissem os fatores de textualidade e se sustentassem como exemplos do gênero artigo acadêmico-científico. Passo a algumas explanações sobre esses fatores de textualidade que serão utilizados nas análises do *corpus*.

A coesão e a coerência são os dois fatores próprios da textura do texto, que garantem a textualidade. A coerência deve seja entendida como um princípio de interpretabilidade que, relacionada à coesão, organização dos elementos internos, produzirá um efeito de unidade de sentido. A produção desse efeito é realizada de forma livre e intencional pelo locutor. A apreensão dos sentidos pelo interlocutor é livre.

A coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer sentido para o texto, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio da interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem de calcular o sentido deste texto. (KOCH, 1991, p.21)

Coesão poderia ser considerada como o conjunto de elos que relacionam as partes componentes do texto, manifestando-se por meio de marcas presentes em sua superfície. As palavras, para serem usadas com sentido, conectam-se em uma seqüência que depende das formas e convenções gramaticais. Os fatores de coesão permitem que um texto seja compreendido pelos falantes do mesmo idioma e, na interação com outros padrões de textualidade, tornam a comunicação eficiente.

Jordan (1994) considera a coesão e a coerência como ingredientes essenciais da representação verbal para que uma seqüência de enunciados possa ser considerada um discurso ou texto. Explica que as relações de pertinência são estabelecidas por conectivos que formam uma espécie de estrutura para agrupar os enunciados, constituem por si mesmos a textura coesiva do discurso e contribuem com esta força para o delineamento dos argumentos.

No caso de textos em que se manifestam opiniões, ou seja, em que está presente uma argumentação implícita ou explícita, a coesão e a coerência contribuem para a organização argumentativa, como ficou patente nas produções do *corpus*. Esses fatores contribuíram para a sustentação da argumentatividade expressa pelos alunos nas produções realizadas, como se verá adiante.

Além da coesão e da coerência, também são responsáveis pela textualidade: a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade.

A intencionalidade está relacionada ao autor, a seu propósito e a seu plano para o texto. Considerando sua intenção, pode-se verificar que

o padrão de coesão e coerência atingirá seu objetivo, tornando o texto plenamente compreensível. A configuração da linguagem deve ser intencional para a aceitação do texto como tal.

A aceitabilidade envolve questões sociais e culturais, porque corresponde à maneira ou atitude de quem recebe o texto. Ainda que o texto tenha coesão e coerência, ele precisa fazer sentido para o leitor, pois cada pessoa faz interpretações e inferências conforme sua bagagem cultural.

A informatividade condiz com o grau de informação oferecido pelo autor. Caso as informações do texto sejam óbvias ou superficiais, podem resultar em não aceitação por parte do leitor.

Entendo a situacionalidade como os fatores que tornam um texto relevante para a situação contextual, no imediato da interação ou no contexto sócio-político-cultural em que a interação está inserida.

A intertextualidade resulta do diálogo ou relação com outros textos ou com outros conhecimentos relacionados ao caso presente. Seu sentido só pode ser plenamente apreendido pelo leitor, caso este tenha condições de acompanhar o diálogo intertextual ou interdiscursivo que lhe é proposto. Reitero que o conceito de intertextualidade foi discutido anteriormente na perspectiva do discurso.

Resgatadas essas idéias, indico um ponto de encontro entre a Lingüística Textual e a Análise do Discurso: o texto, objeto de análise. Ambas consideram os sujeitos e a situação de comunicação, em termos de condições de produção.

Anteriormente, a noção de texto e as condições de produção tinham sido situadas fora da análise lingüística; a partir dos anos 1980, o olhar voltado para a exterioridade marca essas duas correntes de pensamento que deixam de contemplar o texto como produto, para entendê-lo como processo. Nesta nova perspectiva, a composição do texto produz sentidos que são constituídos histórica e ideologicamente. Portanto, diante de um enunciado, faz-se necessário interpretar, perceber e relacionar as

marcas lingüísticas expressas, os sentidos que emergem e outros que são apagados do espaço do dizer, permanecendo implícitos ou subentendidos.

A Lingüística Textual aliada à Análise do Discurso pode oferecer ao leitor subsídios importantes para o estudo dos recursos lingüísticos e das condições discursivas que presidem à construção da textualidade e, em decorrência, à produção textual dos sentidos.

Essa idéia permite a revitalização do estudo da gramática, não como um fim em si mesma, mas como um conjunto de decisões que vão funcionar como instruções ou sinalizações a orientar a busca pelo sentido. O objetivo passa a ser a preocupação em evidenciar de que modo o trabalho de seleção e combinação dos elementos lingüísticos se constituem nas variadas possibilidades que a gramática da língua dispõe para os textos produzidos.

3.4 SOBRE AS CAPACIDADES DE EXPOR, RELATAR E ARGUMENTAR NOS GÊNEROS: RELATÓRIO DE LEITURA E ARTIGO ACADÊMICO-CIENTÍFICO

Com base nas explanações teóricas sobre o ensino da leitura e da escrita e na utilização do gênero discursivo como objeto de ensino e aprendizagem, reitero minha proposta pedagógica de ensino de língua materna no curso superior. Estabeleço-a como forma de evidenciar a importância de se levar em conta o contexto e a situação escolar, assim como propiciar condições ao aluno para assumir a autoria ou posição de criador do próprio texto.

No ensino universitário os alunos se deparam com gêneros acadêmicos, como artigos científicos, monografias, relatórios de pesquisa, que possuem modos de organização específicos e exigem emprego de linguagem adequada. Decorre daí a necessidade de estudá-los e identificar

suas características próprias, examinando exemplos, primeiro, para depois elaborar produções de gênero semelhante.

Em situação de sala de aula, esse processo pressupõe conhecimentos teóricos e didáticos, além de capacidade de adaptação, visto que professor e aluno são os sujeitos da ação interativa de comunicação na qual se dá a aprendizagem. O aluno produz o texto, é o sujeito da ação; mas o professor é uma espécie de co-produtor, porque orienta a todo instante, de forma oral ou escrita.

Partindo do pressuposto de que as orientações do professor influenciam a produção dos alunos, relações dialógicas se estabelecem, contribuem para a apreensão dos conhecimentos e, conseqüentemente, para uma produção escrita mais consistente, em função do gênero pretendido. Como trabalho a ser desenvolvido, ele exige que ambos incrementem sua própria prática como falantes, ouvintes, leitores e escritores.

Desencadeia-se disso a busca pelo aprimoramento da palavra, manifestada em situações próprias de uso nas quais o aluno exercerá as capacidades de expor, relatar e, por vezes, argumentar. Expor, no sentido dado por Dolz e Schneuwly (2004, p.121), refere-se à apresentação textual de diferentes formas dos saberes; relatar no sentido da “representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo” e de argumentar, como “sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição”.

Para o conhecimento se concretizar textualmente, é possível organizá-lo pela exposição discursiva das experiências vividas e vivenciadas, apontando argumentos de sustentação para as posições assumidas. Dependendo do papel que uma pessoa ocupa na sociedade ou das situações que vive, ela se manifestará utilizando diferentes gêneros, por isso torna-se importante conhecer e compreender as características e a **linguagem** desses gêneros.

A ação de falar realiza-se com a ajuda de um gênero, que é um instrumento para agir lingüisticamente... fundamentalmente se trata de um instrumento que permite

realizar uma ação numa situação particular. (...) Situando-nos numa perspectiva bakhtiniana, consideramos que todo gênero se define por três dimensões essenciais: os conteúdos, a estrutura comunicativa e as configurações específicas das unidades lingüísticas. (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p.171)

Para Schneuwly e Dolz (2004) os gêneros constituem um ponto de referência concreto para os alunos, na ótica do ensino, pois correspondem à ferramenta que possibilita o exercício da função social da língua. Cada gênero, portanto, precisa de um estudo específico, com adaptações para seu ensino, pois apresenta características específicas, tanto de linguagem como de organização.

A começar pela concepção sobre a capacidade de expor, pode-se conceituar o agrupamento expositivo como conjunto de gêneros que tem por objetivo transmitir informação, apresentar diferentes formas de saberes de diversas áreas do conhecimento. Por exemplo, fazem parte desse agrupamento os conhecidos verbetes de dicionário, a enciclopédia, os textos didáticos, os textos expositivos propriamente ditos, o relatório, a exposição oral. Destes, recorto o relatório, um dos instrumentos da aplicação de que trata esta pesquisa.

Considero importante entender que, para expor e transmitir informações, é necessário primeiro compreender para depois explicar. Esse processo remonta a uma proposição verdadeira, conseqüência lógica de alguma outra. Para aplicar essa idéia de apreensão de saberes, uma explicação envolve conexões lógicas de pertinência entre as idéias, tal qual a argumentação, por isso ambas prescrevem a transmissão de uma informação na qual a ambigüidade e a imprecisão não devem estar presentes. É preciso, ainda, haver concisão.

Um texto de caráter expositivo é aquele que tem o objetivo de apresentar uma questão com o intuito de torná-la compreendida por outras pessoas. Isso requer, por parte do produtor do texto, um conhecimento amplo do assunto, além de exigir uma apresentação clara e um desenvolvimento articulado das idéias.

Textos desta natureza se propõem a explicar, interpretar ou elucidar fenômenos ou ocorrências da vida, a relatar experiências, apresentar resultados de pesquisas, a divulgar princípios dela resultantes que, eventualmente, poderão ser aplicados a outras situações. Um apoio imprescindível para a sustentação desse texto é a descrição “técnica”, diferente da literária, caracterizada pela objetividade, apoiada em dados concretos e marcada por um vocabulário especializado.

É fundamental uma ordenação coerente dos conteúdos, uma seqüência lógica na apresentação de exemplos, a indicação de fontes consultadas ou de outros elementos que comprovem cientificamente a veracidade dos dados apresentados. Quanto ao léxico, a escolha deve ter caráter técnico, especializado, em função da área do conhecimento focada, apoiada em uma estrutura sintática cuidadosa que atenda à necessária clareza do texto.

O gênero expositivo remete, basicamente, portanto, à idéia de expor algo para os demais conhecerem.

Os textos acadêmicos fazem parte, predominantemente, do agrupamento dos textos expositivos. Há uma organização geral para o conjunto, além de uma elaboração específica para certas partes de alguns deles, em função dos conteúdos tratados, conforme pesquisas de Machado et alii (2005).

Volto a comentar a importância desses textos, como registro e instrumento facilitador do próprio conhecimento adquirido pelo aluno, tanto por se tornarem arquivos para consulta, quanto por seu papel desencadeador de reflexão tanto sobre a prática de leitura e produção escrita quanto sobre conceitos teóricos da especialidade estudada. Quando se escreve sobre uma ação realizada, registrando o processo, constrói-se de forma organizada o aprendizado e isso permite concretizar o conhecimento sobre a própria prática, evidenciando o que foi aprendido e o que falta aprender.

O gênero artigo, por sua vez, não deixa de ser um relatório escrito dos resultados de investigações ou estudos de uma determinada

questão. É um meio rápido e sucinto de divulgação de uma dada investigação por meio da publicação em periódicos especializados. Os problemas abordados nos artigos podem ser os mais diversos, desde questões historicamente polemizadas a problemas teóricos ou práticos, novos, atuais, possibilitando abordagens diferentes. Todos abordam, de alguma forma, posicionamentos empíricos ou fundamentados teoricamente.

Mais uma vez, a pretensão aqui não é esgotar o tema, mas fundamentar o ponto de vista multidisciplinar que adotei para o estudo do gênero, abarcando referências lingüísticas e metodológicas, da área da pesquisa científica.

Dentre os gêneros trabalhados nesta pesquisa, priorizei, para a produção escrita, o relatório de leitura e o artigo acadêmico-científico, resultantes de vários exercícios de leitura, análises e reflexões sobre a língua, incluindo o estudo do poema, de letras de música e de artigos de opinião. Os alunos foram expostos a uma situação de ensino e de aprendizagem na qual a apreensão do conhecimento deu-se pela concretização dos saberes sob essas formas de produção escrita.

Estabeleço a seguir algumas considerações, de caráter teórico, sobre o gênero relatório de leitura, e acrescento uma breve distinção sobre artigo de opinião (porque foi o primeiro a ser lido e estudado como os alunos, como elemento de referência da prosa), artigo de divulgação científica, artigo científico e artigo acadêmico-científico, para melhor situar a pesquisa desenvolvida.

Estas informações foram também explanadas aos alunos, pois, embora já trouxessem um saber sobre tais gêneros, não era aquele formal que eles próprios contam conhecer ou aprofundar na faculdade. Afinal, o papel do curso proposto era o de ampliar o contato deles tanto com o universo poético quanto com o acadêmico-científico, para que tivessem condições para perceber, interpretar e realizar os diálogos necessários entre os gêneros estudados.

Relatório de Leitura

Uma das formas de tratar de registros consiste em produzir relatórios, sistematizando o conhecimento adquirido em um discurso expositivo para acompanhamento de determinado trabalho, ou tarefa desenvolvida, e possibilitando a socialização do conhecimento.

Estudos pontuais das últimas décadas do século XX, na área da Metodologia de Pesquisa Científica consideram que um relatório de pesquisa, por exemplo, objetiva historiar o desenvolvimento de um processo, apresentando os caminhos percorridos, descrevendo atividades realizadas e apreciando os resultados alcançados, sem, no entanto conter análises e/ou reflexões mais aprimoradas.

O relatório desenvolvido, no caso desta pesquisa, diferenciou-se da proposta da maioria dos relatórios. Dado o caráter multidisciplinar da proposta e considerando, ainda, a etapa seguinte de produção de artigos acadêmico-científicos, esta etapa de produção dos relatórios ultrapassou a simples descrição das leituras realizadas, em forma de síntese, e das idéias centrais pelas palavras-chave. De modo complementar, os relatórios incluíram uma parte final com apreciação da obra lida e um indicador sugestivo da leitura para outras pessoas.

De certo modo, considero que a parte final se aproximaria do processo da resenha crítica, deixando explícito que, para ser feita, ela tinha como pré-requisito a execução adequada da primeira parte. Seu papel mirava dois alvos: por um lado, informar os demais colegas sobre o alcance da leitura feita; por outro, permitir o posicionamento do aluno-leitor, mostrando a ele qual a sua importância. Nas palavras de Geraldi (1997), levar esse aluno a ter o que dizer e para quem dizer.

O presente “relatório” apresentou de forma circunstanciada os resultados da leitura de jornais, revistas, livros literários e teóricos. Este trabalho, além de exercitar a elaboração do gênero em estudo e apoiar a consciência da autoria pelos alunos, também contribuiu para seu despertar em relação à importância da ampliação do repertório – advindo da leitura -

para alimentar posteriormente outras produções escritas. Esclareço, ainda, que o gênero resenha não constava da ementa do curso, na disciplina Língua Portuguesa I e II, porém, expliquei-o, de forma ampla, para diferenciar da proposta do relatório que estariam realizando.

A elaboração deste gênero discursivo funcionou, portanto, como registro de experiências, no âmbito da leitura e da escrita, além de servir de ponte para as fases seguintes do processo.

Artigo de opinião

É um texto, geralmente assinado, no qual o autor desenvolve uma idéia própria, representativa de sua opinião, e que, normalmente, é veiculada em jornais, revistas, sítios eletrônicos; pertence ao domínio jornalístico, estando presente em seções de opinião, de acordo com as especificidades dos jornais e/ou revistas de uma região ou país. Por vezes é denominado: *artigo*, *coluna*, *comentário*. Não posso deixar de mencionar o *editorial* que, embora com características próprias, também não deixa de ser um artigo que apresenta a opinião do jornal sobre temas em particular.

O artigo de opinião defende determinada posição explicitada por seu autor e possui um caráter polêmico de relevância social, podendo apresentar formas variadas de estruturação.

Barbosa (2006) enfatiza que, no geral, o artigo de opinião contém os seguintes elementos: contextualização ou apresentação da questão em discussão, explicitação da posição assumida, utilização de argumentos que sustentem a posição assumida, consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida, utilização de argumentos que refutam a posição contrária, retomada da posição assumida e/ou retomada do argumento mais enfático, proposta ou possibilidades de negociação e conclusão (que pode ser a retomada da tese ou posição defendida).

A base do artigo de opinião é a argumentação, para convencer o outro. Se os argumentos não forem convincentes, não há credibilidade na defesa. Para que esses argumentos sejam irrefutáveis é necessário um estudo prévio aprofundado do problema, reforçado por diversas informações relevantes a respeito e uma análise sob vários ângulos.

Quanto aos aspectos composicionais do texto, vale destacar algumas marcas lingüísticas como o emprego adequado dos elementos de coesão e de coerência, como apoio para a apresentação progressiva dos argumentos. Também os marcadores textuais típicos da argumentação têm papel importante, além da adequação às normas gramaticais.

É necessário também lembrar as condições de produção que envolvem este gênero: quem serão os possíveis leitores deste texto? em que contexto está inserida a produção escrita? por qual tipo de revista ou jornal ele será veiculado? que posicionamento ideológico ele defende?

Como este gênero, comumente, alcança grande público e dispõe de um uso social, ele deve ser levado para a sala de aula, com o objetivo natural de desenvolver habilidades de leitura e escrita, sob o enfoque lingüístico e discursivo. Desta forma, ele cumpre seu papel de formador de opinião, propiciando ao aluno leitor-produtor condições para assumir uma posição de sujeito, capaz de aceitar ou refutar os tantos outros discursos do contexto em que está inserido.

Desenvolver artigos de opinião é uma forma de o autor se reconhecer cidadão-leitor capaz de gerenciar os próprios caminhos de identidade social, já que suas palavras serão registros fundamentados para outros se orientarem.

Artigo de divulgação científica

A divulgação científica é o termo comumente utilizado para designar textos que têm a finalidade de expor resultados de pesquisas

desenvolvidas. Não é um gênero discursivo particular, que se aparenta a vários gêneros, como: artigo, reportagem, editorial, manual entre outros. Pode-se dizer que é um espaço entre as produções científicas e a população em geral, por isso possui um discurso próprio, resignificado, menos abstrato que o artigo científico, mais acessível para as pessoas leigas.

O artigo de divulgação científica é um texto que apresenta elementos mediadores para a efetiva comunicação entre as Ciências e as pessoas comuns. Ele apresenta um novo discurso em relação ao discurso da Ciência, uma espécie de desdobramento desta, para contribuir com a divulgação dos saberes.

Para Vieira (2004) ² “a linguagem para um artigo de divulgação científica deve ser diferente daquela empregada num artigo científico. Inacreditavelmente, alguns pesquisadores ainda não conseguiram perceber isso.”.

Os grandes jornais e revistas costumam estampar artigos de divulgação científica em suas páginas. Eles apresentam recursos de linguagem e organização específicos, como iniciar com uma informação de impacto para conquistar o leitor; usar e abusar das analogias, se preciso, (em divulgação científica, é vital distinguir especulações de resultados comprovados), escolher o tom e a linguagem adequados ao público a que se destina o artigo, evitar fórmulas, tentar tornar a leitura agradável, pela presença de humor, em alguns casos; usar linguagem simples e direta, desenvolver textos enxutos, evitar jargões, explicar conceitos científicos de forma clara, usar boxes para conceituar algo mais complicado ou técnico, usar siglas por extenso, não utilizar notas de rodapé nem agradecimentos.

É importante que esses artigos antecipem resultados de pesquisas que serão úteis para a população, como hipótese, sem dar ilusões nem falsas esperanças (por exemplo, com relação à cura de doenças).

² VIEIRA, Cássio Leite. Pequeno manual de divulgação científica: um resumo. Documento eletrônico disponível em <www.Scidevnet.com.br>. Acesso em 29 set 2007.

Os artigos de divulgação científica expressam uma forma de paráfrase de textos científicos, transmitindo informações de modo simplificado e acessível ao grande público. Nele as conclusões encabeçam o texto, por serem o chamariz direcionado aos leitores e, neste caso, só se conservam os termos técnicos relativos ao tema tratado, prevalecendo a linguagem formal próxima das demais seções dos jornais.

Artigo Científico

O gênero artigo científico é misto. O substantivo “artigo” remete ao que se publica na imprensa escrita, divulgando fatos recentes ou por ocorrer, do interesse do público leitor de jornais e revistas. O adjetivo “científico” aponta na mesma direção do relatório, ou seja, o registro dos resultados de investigações ou estudos sobre uma determinada questão.

Cabe dizer que, no caso do “artigo científico”, o peso do adjetivo é maior que o do substantivo, devendo esse tipo de texto não só descrever um processo de pesquisa, como também indicar e avaliar os resultados. Devem ser detalhados os objetivos e a metodologia, além de comparados esses objetivos com aqueles efetivamente atingidos, na avaliação final.

Para a ABNT, NRT, 6022 (2003, p.2) “Artigo científico é parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento”.

É preciso distinguir o “artigo científico” do “artigo de divulgação científica”, cujo tema é a divulgação rápida dos resultados de pesquisas concluídas que sejam do interesse do grande público e cujo título e “olho” anunciam as conclusões, para chamar a atenção do leitor. Os artigos de divulgação científica circulam em revistas científicas especializadas e/ou periódicos cotidianos.

Literaturas na área da pesquisa metodológica científica conceituam artigo científico como pequeno e completo estudo que trata de questões verdadeiras e comprovadamente científicas, mas que não se constituem como matéria de um livro, cabendo sua publicação em revistas e periódicos especializados.

Ele contém o problema investigado, um referencial teórico que serviu de base para a pesquisa, a metodologia empregada, os resultados obtidos e as principais dificuldades encontradas no processo de investigação ou na análise de uma questão.

Nessa linha, reporto-me a Lakatos e Marconi (2001) e a Secaf (2004) que, embora de outra área do conhecimento, respeitam o processo de elaboração dos textos pelo viés da linguagem. Para os primeiros, o conteúdo deste gênero é diversificado, apresentando temas ou abordagens inéditas sobre questões de cunho científico. Os artigos podem ser de argumentação teórica, de análise ou classificatório. Ressaltam que

o público a que se destina o artigo também deve ser levado em consideração; isto pode ser mais ou menos previsto, conhecendo-se de antemão a natureza da revista: científica, didática, de divulgação. (p.86).

A segunda chama atenção para o título do artigo, classificando-o como sintético (sucinto), analítico (explicativo), genérico (amplo), e restritivo (limitado, reduzido), e para a importância dos aspectos éticos e legais explicitados no artigo. Aponta características para a redação científica: clareza no enunciado; precisão e objetividade; coerência na utilização de nomes, símbolos e números; brevidade na composição dos parágrafos, sem perder a clareza; correção gramatical; encadeamento de idéias; fidelidade às fontes; originalidade.

A autora esclarece, ainda, que, para um trabalho científico ser considerado desse caráter, deve apresentar: a sistematização das idéias e fatos relativos ao tema, com base em uma fundamentação teórica; a

relevância temática para os pares e comunidade profissional; rigor documental, clareza nos procedimentos e a delimitação precisa; desenvolvimento de um estilo apurado e organizado.

Outros enfoques poderiam ser abordados, porém optei por esta síntese, indicando a seguir elementos constitutivos de um artigo científico e sua seqüência para a publicação em um periódico:

TÍTULO

Por extenso

AUTOR(ES)

Sobrenome, nome

RESUMO/ ABSTRACT

Apresentação concisa dos objetivos, da metodologia e dos resultados alcançados.

Não contém citações e deve ser escrito em terceira pessoa

Palavras-chave / Keywords

Elemento obrigatório, com no máximo cinco vocábulos, separados por ponto final.

CORPO DO TEXTO

Introdução – apresentar os objetivos do trabalho; apresentar o contexto em que ocorreu e sua proposta (hipóteses, questões tratadas, metodologia e principais resultados)

Desenvolvimento – expor a descrição do processo, detalhando os procedimentos e modo como ocorreram; indicar os resultados obtidos.

Conclusão – avaliar se foram encontradas respostas ao problema levantado; retomar objetivos iniciais, verificando se foram atingidos; indicar propostas de encaminhamento para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

Elemento obrigatório que consiste em uma lista ordenada de documentos efetivamente citados no texto. (ABNT 14724, 2002, p.2)

ANEXOS OU APÊNDICES

Elementos opcionais, caso tenham sido utilizados, como exemplificações ou comprovações das informações.

Artigo Acadêmico-Científico

Este gênero expõe como ocorreu um estudo ou pesquisa, descrevendo e avaliando o processo e indicando os resultados. Ele se caracteriza por estabelecer relações entre uma questão principal e subtemas relacionados. Dependendo do caso, pode surgir a necessidade de empregar recursos argumentativos, utilizados para sustentação ou refutação de pontos que suscitem posições divergentes.

Na composição deste gênero, é fundamental reconhecer e compreender a problemática proposta no texto, para tecer relações entre as partes, pois elas são de natureza diversa. Caso existam opiniões divergentes sobre o tema tratado, será necessário apontá-las e compará-las, antes de indicar que visão o produtor do texto tem a respeito.

Este gênero envolve dois campos de movimentação de saberes: a divulgação de um estudo e, também, a explicitação de uma posição a respeito de determinado assunto. O texto pode defender uma posição teórica sobre a interpretação de fatos ou experimentos e, simultaneamente, expor informações diferenciadas sobre o campo de estudos de que trata.

O artigo acadêmico-científico aparenta-se, distanciadamente, do artigo de opinião, pois supõe, como este gênero, presente em editoriais e colunas assinadas, a explicitação de uma posição de seu produtor. Ele se aproxima, sobretudo, do artigo científico, por desenvolver um tema sob pontos de vista diferenciados ou mesmo controversos, de forma teoricamente fundamentada e, por vezes, empregando recursos argumentativos.

No entanto, os propósitos são diferentes. O artigo de opinião prima pela discussão, e visa a convencer o leitor; já o artigo científico é pautado pela experimentação e divulgação de pesquisa inédita explicitada longa e detalhadamente; enquanto o artigo acadêmico-científico se caracteriza pela exposição descritiva, classificatória e avaliativa, não

necessariamente de pesquisas inéditas, podendo versar sobre processos de estudos ou pesquisas de âmbito universitário acadêmico.

Quanto à finalidade, o gênero aqui denominado “artigo acadêmico”, destina-se ao registro do próprio processo de aprendizagem e à constituição de consciência de autoria, por seu produtor; ele se volta, ainda, para outros leitores do ambiente acadêmico, para indicar-lhes possíveis caminhos para os próprios estudos e pesquisas.

A organização composicional do artigo acadêmico-científico tem uma apresentação sobre a temática do texto; uma indicação dos objetivos; o comentário dos pressupostos teóricos; a explicitação dos encaminhamentos a seguir; a discussão dos aspectos abordados; a conclusão, avaliando se foram encontradas respostas ao problema levantado, se os objetivos iniciais foram atingidos e indicando propostas de encaminhamento para trabalhos futuros. É importante não esquecer as referências bibliográficas utilizadas – em papel ou eletrônicas.

Os artigos acadêmico-científicos assemelham-se aos artigos científicos, quando a finalidade é a publicação em periódicos acadêmicos e seguem, portanto, a mesma formatação segundo a ABNT (já citada anteriormente)

É comum nos artigos acadêmico-científicos a presença do discurso de outrem por meio de citações. Isso confere credibilidade à produção, uma vez que encontra referendo na comunidade acadêmico-científica, não é um discurso isolado e sim um reforço de veracidade, com força argumentativa.

Podem-se apresentar também notas de rodapé, como recurso esclarecedor de dados secundários e/ou complementares, que não caberiam no corpo do texto, mas que são importantes, como explicações de siglas, dados do autor ou de autores citados, transcrições e/ou versões de outros idiomas, entre outras informações.

Quanto à linguagem utilizada, há algumas marcas lingüísticas específicas, como: uso da norma culta; emprego da terceira pessoa do discurso e predomínio dos verbos no tempo presente do modo indicativo;

ausência de marcas de subjetividade, por excesso de adjetivos ou de advérbios; escolha de termos específicos do discurso científico a que se refere a temática desenvolvida.

Cabe uma observação importante: o autor não pode perder de vista o perfil de seu público e, em função dele, as marcas dos textos podem ser adaptadas. Neste artigo as conclusões só aparecem no final, reiterando a linguagem especializada.

O reconhecimento desses gêneros em seus aspectos organizacionais, bem como a prática da leitura, em especial, para os relatórios, foram de relevante importância no processo porque permitiram aos alunos construir uma base mais reforçada para a seqüência dos trabalhos.

3.5 DE UM GÊNERO A OUTRO(S)

Desenvolver atividades com os gêneros discursivos contribui para que, gradativamente, os alunos construam conhecimentos sobre o gênero em estudo, apropriem-se de suas características, passem a produzi-los e a compreender de que modo alguns de seus aspectos podem ser reaproveitados em outros gêneros e outras situações de escrita.

Um dos propósitos desta tese é expor parte de um processo de transposição didática tendo como base os gêneros discursivos.

Concebo o termo transposição didática na perspectiva de Bronckart (1999) como o conjunto de transformações sofridas por um determinado corpo de conhecimentos, com o objetivo de ser ensinado. Isso conduz, invariavelmente, a deslocamentos, rupturas e transformações diversas em relação aos conhecimentos científicos a serem transpostos.

O processo de transposição não ocorre da mesma forma para todos os gêneros, em especial os secundários, mais formais, com os quais

os alunos têm pouco ou nenhum contato do cotidiano. Por isso, os gêneros necessitam de ser trabalhados, compreendidos e exercitados, para que os alunos se apropriem de suas características, com o intuito de identificá-las, e depois aplicá-las em situações diferenciadas de produção escrita, com composição, características de linguagem e estilo semelhantes aos daquele que foi o ponto de partida.

Paralelamente, os alunos vão construindo os próprios conhecimentos de linguagem e percebendo que um mesmo tema passa por tratamento diferenciado, em função do gênero do discurso em que é abordado.

Esta idéia também está preconizada nos PCN (1997) cujo objetivo é a apropriação pelos alunos das características dos gêneros, desenvolvendo, portanto, as capacidades de linguagem implicadas na produção dos textos pertencentes aos gêneros planejados.

A transposição didática, na passagem de um gênero a outro, permite relacionar conhecimentos em formas diferenciadas de produção escrita. Por exemplo, do nível científico ao cotidiano e vice-versa. Para tanto, o contato contínuo com leituras de gêneros diferenciados, torna possíveis as possibilidades de distinção entre diferentes gêneros e de reaplicação daquele que for do interesse do redator.

A exemplificação de um gênero textual, trabalhado adequadamente em suas respectivas constituições, fornece visualização concreta de suas dimensões constitutivas, servindo de base para a elaboração de outras construções lingüísticas. Essas referências permitem aos alunos apropriarem-se dos discursos postos, bem como produzir os próprios e retornarem a eles, com o intuito de reelaborá-los, num processo de reformulação e aprendizagem constante.

Nesta tese o processo de transposição didática ocorreu à medida que se desenvolveu o trabalho, considerando o ponto de partida, o estudo do **gênero poema** (explanados no capítulo 4) para chegar ao **gênero artigo acadêmico-científico** (analisados no capítulo 5). Durante o percurso foram trabalhadas leituras diversificadas que transitaram pelos

gêneros editoriais, fichamentos, posicionamentos críticos, resumos, artigo de opinião (leitura interpretativa – textos contidos nos anexos; o primeiro escolhido por mim e o segundo por sugestão de um aluno do curso) e relatório de leitura. (parte destes últimos encontra-se nos apêndice e anexo).

Organizei as atividades com os textos por meio das leituras de diversos gêneros que permeassem os suportes de periódicos (jornais e revistas semanais) e de livros, de obras literárias a ensaios técnicos e teóricos, estes indicados por outros colegas que lecionavam nas mesmas salas. Sob a forma de seqüências didáticas foram trabalhados os gêneros já citados.

O trabalho de transposição realizado permitiu passar do nível do conhecimento da linguagem poética ao dos conhecimentos científicos. Essa passagem foi percorrida por etapas de leituras, explorando diferentes aspectos: as condições de produção; as relações contextuais, as concepções veiculadas; as marcas lingüísticas, especificando as organizações de cada gênero e também como tais conhecimentos se corporificavam em outras composições da linguagem escrita, sobretudo a científica. Ao longo do processo, atuei de modo a respeitar as complexidades e facilidades na interpretação.

A transposição só se realiza com eficácia, caso a aprendizagem dos alunos se confirme concretamente. Isso se comprova pelo produto final desta pesquisa.

3.6 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: O PAPEL DA NORMA CULTA

Ainda que com certa dificuldade para uma conceituação de língua, em razão das diversas correntes a respeito, recorro, para esta exposição, ao conceito de língua no sentido de formar signos – palavras, expressões, textos; de informar; de comunicar e de mediar a interação

humana. A língua, nesta tese, se oferece como um objeto de pesquisa, sem a pretensão de aprofundamento na discussão de seus mecanismos.

Como a língua é uma instituição ideológico-social disponível ao homem, ele procura tentar adequá-la, do melhor modo possível, aos seus interesses. Isso permite que, por meio dela, possa tanto posicionar-se diante de fatos físicos, biológicos e sociais, quando conhecê-los.
(LEITE, 1999, p.29)

Na concepção de língua estão embutidos elementos relativos à origem, constituição e aos aspectos biológicos, sociolingüísticos e psicolingüísticos, porém sem imprimir destaque particular a um determinado aspecto, visto que a atividade lingüística se consubstancia na articulação de todos eles.

Assim, sem colocar em segundo plano nenhum deles, abordo aqui a questão da variação lingüística, concebendo a língua como “um veículo por meio do qual se transmite significação, informação e ideologia, elaboradas e reelaboradas no interior do próprio veículo.” (MORAES & SANTOS, 1992, p. 8). Pode-se dizer, portanto, que equivale, em alguns momentos, a um produto acabado e, em outros, a um processo em construção permanente e crescente.

A idéia de um produto acabado reflete o último momento de um percurso por entre variados textos. Reitero, no entanto, que a riqueza e complexidade desse produto expressam um intenso e constante processo de elaboração e reelaboração, o que explica o dinamismo e evolução do sistema, além de prever a diversidade lingüística.

A significação, a informação e a ideologia são a base da variação lingüística, pois a transmissão desses elementos processa-se de modo diferenciado em cada comunidade e segmento social. A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. Nem individualmente pode-se afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades da língua.

Os estudos científicos são ferramentas indispensáveis para a compreensão desses fatos, porque implicam a busca de invariantes a partir de uma série de experiências. Para isto emprega-se o termo fenômeno – um complexo de invariantes associados a uma série de acontecimentos. O estudo desses fenômenos permite observar-lhes o processo de estruturação para poder descrevê-los.

Nesse sentido, não importam categorizações como “certo” ou “errado”, nem realizações “boas” ou “más”. O que interessa são as possibilidades de ocorrências discursivas, a serem explicadas e descritas pelos estudiosos. Portanto, servindo à comunicação, estes fenômenos, utilizados efetivamente, expressam a identidade de grupos e o intercâmbio lingüístico.

A língua constitui-se de normas que refletem a variação lingüística nas comunidades e nos segmentos sociais. Os estudos bakhtinianos atribuem às palavras – e ao seu significante - um valor de relação social, uma vez que elas interagem com o contexto em que estão inseridas, e indicam que o real processo de mudança lingüística ocorre do social para o lingüístico: as relações sociais mudam, alterando a comunicação e a interação verbais, que, por sua vez, mudam os atos de fala.

Esse jogo especular reforça a idéia de que, na realidade atual, esses fenômenos corporificam-se nas interações verbais dos alunos, uma vez que as normas se constituem em modelos usados e consagrados pela comunidade em que esses alunos se inserem. As normas originam-se da fala, mas estão calcadas na gramática do sistema.

Dos vários tipos de norma, chamo a atenção para duas: a norma de discurso, em razão dos mecanismos lingüísticos que servem à adequação para o tipo do gênero utilizado; e a norma culta, que goza de grande prestígio social por representar o sistema de valores mais respeitado na vida social, cujo uso seria índice de uma posição de destaque.

Em seus atos de fala ou escrita, os alunos farão – ou deverão fazer – uso dessas normas, eventualmente combinando-as a outras, de

acordo com as exigências do processo de comunicação, sua experiência e procedência. “Assim como a língua expressa a identidade de um povo, cada norma expressa a identidade de um segmento.” (MORAES & SANTOS, 1992, p. 15).

Há uma tendência a valorar positiva ou negativamente determinadas normas, de acordo com o sistema de valores vigente na sociedade. Isso explica por que a norma culta torna-se a forma mais prestigiada, chegando a ser imposta a alguns segmentos como única possibilidade lingüística correta ou aceitável.

Não se trata aqui de valorizar a norma culta, mas de observar que sua imposição configura perda da identidade de um determinado segmento social, em detrimento de outras normas, se estas forem completamente banidas. No entanto, é pela utilização da norma culta padrão que os alunos apoiarão sua ascensão social. Por isso, sem que haja discriminação de nenhuma variedade lingüística, é preciso que o ensino de língua portuguesa assuma o ensino da norma culta.

As aulas de Língua Portuguesa, neste nível de ensino, usando metodologias adequadas, devem criar condições para o aluno tornar-se competente no uso da norma culta, mostrando-lhe a pertinência de seu uso que lhe permitirá a integração plena na comunidade lingüística.

Uma vez que a sociedade prima pelo uso da norma culta, os alunos têm de aprender a utilizá-la com precisão, pois dependem dela para a sua situação profissional.

Os gêneros trabalhados na aplicação aqui relatada caracterizam-se todos pelo uso da norma culta. Como a meta era a produção desses gêneros de forma adequada, o uso de recursos lingüísticos próprios da língua culta possibilitou atividades práticas e de pesquisa que encaminharam naturalmente os redatores na direção da linguagem formal adequada aos textos produzidos. Portanto, o uso dos aspectos gramaticais, constituintes dessa norma, tornou-se relevante para o estudo dos gêneros desenvolvidos.

4 UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Não existe “sentido em si”, não existe sentido primeiro ou sentido último. O sentido é aquilo que responde a uma questão; aquilo que não responde a nenhuma questão é desprovido de sentido. O ato de compreensão é ao mesmo tempo descoberta e adjunção, tomada de relação entre um todo acabado e um contexto ulterior inacabado. (AMORIN, 2004, p. 193)

Embora na Educação Superior o objetivo primeiro do ensino da língua materna seja o aprimoramento do aluno na leitura e na escrita, objetivando um melhor aproveitamento nas áreas dos conhecimentos que vão encaminhá-lo para a vida profissional, continuei, neste nível, o processo de trabalho que desenvolvo na Educação Básica, pautando-me pelo P.C.N.E.M (Parâmetro Curricular Nacional para o Ensino Médio) na área das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Ele enfatiza a importância de todas as linguagens, como constituintes dos conhecimentos e das identidades dos alunos, por isso desenvolvi esta pesquisa como uma das possibilidades de constituição das competências e habilidades imprescindíveis para o ensino e a aprendizagem da língua materna.

O currículo do curso de Administração de Empresas do ano em questão dispunha de dois semestres iniciais de Língua Portuguesa para auxiliar os alunos em suas leituras e produções escritas. Como em anos anteriores já havia constatado o grau de dificuldade dos alunos ingressantes, em especial a ausência do hábito de leitura e os vários problemas na escrita, planejei minhas aulas priorizando tais itens.

Para esta prática, reconduzi-me aos aspectos discursivos pautados nas leituras (já teorizadas no capítulo anterior) de Bakhtin (2003,2004), Dolz & Schneuwly (2004), entre outras, que pressupõem adotar a concepção de gênero como base para o trabalho em sala de aula. No processo de aprendizagem, o ensino necessita de instrumentos de mediação capazes de transformar a própria atividade e materializá-la. Uma vez transformado o instrumento, transforma-se também a atividade, bem como os sujeitos envolvidos.

O professor, o aluno e o objeto de conhecimento, nesta opção metodológica, vêem-se diante de uma nova condição de produção do conhecimento. O trabalho com gêneros discursivos, como instrumentos para uma ação, possibilita atividades operacionais com a linguagem em diferentes situações.

Essa pesquisa, conforme a concepção bakhtiniana, considera que ensinar e aprender os gêneros secundários requer o desenvolvimento de estratégias didáticas específicas, como o uso de atividades práticas numa seqüência progressiva de aprofundamento temático e de conteúdo. Cada gênero tem uma forma, um estilo, um conjunto de características que o indivíduo, como usuário da língua, serve-se desses recursos para suas próprias composições, em função das condições de produção em que se encontrar.

A escolha do gênero depende do que se quer dizer, para quem, com quais intenções. Para o leitor, o conhecimento das condições de produção é fundamental para compreender as escolhas realizadas pelo autor do texto, levando-se em consideração o dialogismo da linguagem e a alteridade do discurso.

Diante desses dados, o leitor tem condições de antecipar pistas para compreender e interpretar o que vai ler. Esse conhecimento lhe permitirá identificar o estilo da composição, a ser reempregado na própria produção, em outro momento. Dessa forma, o conhecimento e emprego adequado dos gêneros apóiam a concretização do processo de autoria.

Reafirmo aqui a importância de conhecer e reconhecer o universo da linguagem humana pelo uso da palavra, o que só poderá se realizar pela leitura.

O leitor utiliza mecanismos de uso da palavra que o leva a querer escrever para expressar as idéias desveladas. Nesse momento, a palavra torna-se instrumento delineador do sentido, do imaginário e da realidade. O exercício de compreensão contempla um repertório de meios possíveis para a prática da construção do texto, alicerçado na utilização dos recursos lingüísticos pertinentes à forma desejada.

Uma vez participante desse processo, o leitor passa a desenvolver seu espírito crítico. Em outras palavras, a leitura eficiente torna-se instrumento de combate à alienação.

É preciso atuar, levando em conta que “as competências de leitura crítica não aparecem automaticamente: precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas” (SILVA, 1998, p.27), sobretudo nas aulas de língua materna, momento em que se privilegia o discurso escrito, sem se esquecer de que “a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo” (KOCH, 2002, p.17).

Utilizadas como um instrumento de análise do processo de leitura e construção do conhecimento lingüístico do discurso escrito, especificamente o argumentativo, junto aos alunos da Educação Superior, as aulas de língua materna podem redirecionar encaminhamentos dos sujeitos quanto à expressividade de criação, intencionalidade e adequações pertinentes à transposição de gêneros discursivos.

“Uma das maneiras de se compreender a interpretação é observar a relação do sujeito-autor com a textualização do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 64). Pensando nessas questões, é fundamental fazer com que o sujeito perceba as relações de sentido que compõem os textos, configurando sua tessitura.

É preciso construir condições para, acolhendo sua capacidade simbólica, aumentar a capacidade de compreensão do aprendiz. Ensinar aqui significa trabalhar o efeito-leitor com o próprio aprendiz. E isto vai interferir na imagem que ele tem de texto e de leitura. Para isso é preciso mexer com a capacidade que esse sujeito tem de construir *arquivos*. Fazer presentes textos que possam ajudá-lo a compreender um texto posto. E isso se faz por uma mexida na relação estrutura/acontecimento. (...) São vários os efeitos-leitor produzidos a partir de um texto. São diferentes possibilidades de leitura que não se alternam, mas coexistem assim como coexistem diferentes possibilidades de formulação em um mesmo sítio de significação. É isso que deve ser trabalhado. Simbolicamente. (ORLANDI, 2001, p. 71)

Compreendido o discurso e os mecanismos que o estruturam, a escritura transcorrerá com maior facilidade e fundamentação.

Para os jovens, os textos são, normalmente, uma incógnita cuja resolução nem sempre está a seu alcance na vida escolar, seja por dificuldades decorrentes da organização lingüística, seja pela temática abordada, seja pelo desconhecimento do contexto sociocultural em que o autor se insere ou, até mesmo, pela falta de noção sobre os importantes e variados conhecimentos que a leitura pode lhe oferecer. A formação integral dos alunos passa pela ampliação desse universo de conhecimentos denominado leitura.

Pensar em estratégias que transponham aprendizagens em diferentes situações significa respeitar o que o aluno traz e, ao mesmo tempo, motivá-lo a ampliar seu repertório. É necessário fornecer-lhe subsídios para aprimorar as informações, transformando-as em conhecimentos que sejam úteis para si próprios e para a vida em sociedade.

Nesta busca, creio que o melhor caminho é a prática textual, reconhecendo, entendendo e produzindo textos em diferentes composições, por meio do trabalho com os gêneros discursivos. A participação dos alunos neste tipo de atividade permite que, gradativamente, construam os próprios conhecimentos sobre o gênero em estudo, de modo a se tornar capazes de empregá-lo, como produtores de texto, quando necessário.

Esse universo formal, com o qual os alunos têm pouco ou nenhum contato no dia-a-dia, deve ser apresentado e ensinado a eles. Esse tipo de trabalho deve ocorrer complementarmente àquele centrado nos gêneros, como condição necessária para a formação de leitores e redatores competentes.

Os alunos precisam apropriar-se das características de cada gênero para produzir outros textos do mesmo gênero, com composição, características de linguagem e estilo semelhantes ao daquele que foi o ponto de partida. Paralelamente, eles vão construindo os próprios conhecimentos de linguagem.

Esses conhecimentos precisam de momentos específicos de aprendizagem para que a prática social se efetive. Se a construção do conhecimento não tiver embasamento teórico-científico, o desenvolvimento no ensino ficará comprometido em função do senso comum e/ou da ideologia de quem o estiver direcionando. Isso comprometerá a aprendizagem e, conseqüentemente, a prática dos gêneros.

Levando em conta tudo o que foi exposto até aqui, elaborei uma seqüência de atividades, já indicadas anteriormente, que seriam desenvolvidas ao longo dos dois semestres, respeitando o universo do curso e envolvendo a constância da leitura e da escrita, como complementos imprescindíveis tanto nas aulas quanto além delas.

Essa seqüência compreendia: a) estudos orientados de leitura, com registros escritos e orais (exposições argumentativas), em sala; b) elaboração de relatórios de leitura extraclasse (previamente orientados); c) produção escrita de artigos acadêmico-científicos, com acompanhamentos semanais. Estes últimos constituem o *corpus* de análise desta pesquisa, apresentados no próximo capítulo.

Passo, agora, a descrever a seqüência das atividades indicadas.

4.1 OS ESTUDOS ORIENTADOS DE LEITURA: O POEMA COMO PONTO DE PARTIDA

O gênero utilizado como mote para a leitura, análise e produção dos demais foi o poema, porque considero que, se o aluno souber ler este gênero, desenvolverá melhores condições para ler quaisquer outros. Esclareço, de início, que os alunos chegam à Educação Superior conhecendo o poema, conquanto não seja aquele saber formal, que lhes permite aprofundamentos específicos, sobretudo, para conseguir estabelecer relações de conhecimento com outras áreas, partindo da leitura do poema.

Explorei, em especial, os aspectos metafóricos e argumentativos e explico por quê. Entender o processo metafórico, uma das razões para que o poeta consiga enredar o leitor na leitura poética, permite ao aluno perceber as intenções não declaradas. Compreendido e assimilado o modo como atua esse recurso, o aluno poderá transpô-lo para outras situações de leitura ou de produção.

Chego a escutar a hipotética pergunta de meu leitor: “esta pesquisa faz do poema um pretexto?” Respondo que não e ressalto, ainda, que em nenhum momento desconsiderarei a primazia do lirismo poético, mesmo porque sem ele, não há leitura de poesia. A poesia conquista a alma e o leitor pelo uso primoroso da palavra, pela sintaxe particularmente elaborada, pelo jogo rítmico e sonoro, pela sugestão de múltiplas significações.

Exatamente por essa complexidade, o gênero poético pôde exercer o papel de texto desencadeador de um processo de ampliação e aprofundamento do trabalho com a leitura e a produção textual de outro gênero, bem diverso.

Este ponto desencadeador do processo ocorreu com a leitura de dois poemas: **Rios sem discurso**, de Melo Neto (1975) e **De caça a**

caçador, de Colasanti (2005), cuja abordagem para estudo contemplou as dimensões intra e interdiscursivas. Esse exercício de leitura apontou aos alunos uma das fontes de informações para a aquisição de conhecimentos.

Como os alunos lêem pouco e raramente poemas, procurei explorar essa leitura, de forma minuciosa e detalhada. Como instrumento de informação, como elemento de repertório cultural, como exemplo de criação literária de qualidade. A meta era ampliar o universo de conhecimentos e desenvolver uma competência de leitura pormenorizada, estabelecendo sempre relações entre os planos do conteúdo e da expressão.

Considero que os alunos conseguem ler e entender outros textos adequadamente, se tiverem, antes, passado pela experiência de leitura do texto poético, que tem uma linguagem aprimorada e faz uso preciso dos recursos lingüísticos e estilísticos. Quando o aluno consegue realmente ler e entender um poema, isso lhe permite estabelecer relações de interpretação com outros textos, em versos ou em prosa, e identificar mecanismos de uso e de efeitos de sentido.

A leitura dos poemas possibilitou o encontro dos alunos com o texto literário, assinalando um outro olhar para o uso formal da linguagem. As palavras do poema conseguem, na pluralidade de sentidos, conduzir o leitor a refletir sobre o potencial imenso da linguagem. Os resultados dessa experiência vão se refletir nas produções realizadas posteriormente.

Quando as palavras são examinadas e exploradas, elas aproximam os indivíduos do saber que buscam e apontam, normalmente, para a falta dele, o que é bastante salutar, pois, tendo consciência de suas lacunas, todos permanecem sempre em busca.

Ao se defrontar com o novo que não parece tão novo, mas familiar, a similaridade discursiva vai sendo percebida como em uma projeção pouco nítida, que ganha clareza à medida que os elos de compreensão se completam. O leitor reelabora intenções e descobertas do autor e a parte se constitui como um todo, dando forma concreta ao imaginado, ao sentido e ao aprendido.

Devo enfatizar que não se trata de “inventar” um sentido para o texto lido, mas de interpretá-lo em função dos elementos que o constituem, dialogando com o autor, buscando compreendê-lo e respeitando sua criação.

No ato de recriação da obra de leitura, a proposta inicial se amplia e as intenções primitivas do autor são superadas. Entre o dizer e o ouvir, entre o escrever e o ler, ocorrem coisas maiores do que os propósitos de um emissor e as expectativas de um receptor: há um saber inconsciente circulando na linguagem, instituição e bem comum de autores e leitores.

O que importa, assim, não são as intenções mensageiras do autor (por melhores que sejam), e sim sua capacidade de imprimir à obra aquele impulso poderoso e aquela abertura estimulante que convida o leitor a prosseguir sua criação. Todavia, assim como o autor não é o dono absoluto da obra, que o ultrapassa, o leitor também não pode ter a pretensão de ser soberano em sua leitura. A leitura é um aprendizado de atenção, de sensibilidade e de invenção. A grande obra não pode ser lida de qualquer maneira, ao bel-prazer da pura subjetividade do leitor, porque nela estão inscritas aquelas linhas de força que podem ser moduladas e prolongadas, mas não anuladas. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.108).

No caso da experiência que relato, o repertório de conhecimentos dos alunos pôde ser ativado por meio das leituras poéticas indicadas, em virtude da aliança entre a sensibilidade e a razão intelectual. Ela acionou o processo reflexivo e crítico, perceptível nas produções posteriores.

Esse encaminhamento também auxiliou o desenvolvimento de habilidades de leitura nos alunos, prática que muitos desconheciam, por razões diversas: uns porque não tiveram a oportunidade desta vivência no ensino regular, outros, por não gostarem de ler, principalmente poemas, e alguns por ignorarem procedimentos de leitura para o texto poético. Posteriormente, eles puderam transpor as estratégias de leitura para as outras leituras propostas, de gêneros discursivos diferentes.

Creio ser prudente explicar que, na realidade, os alunos foram sendo sensibilizados aos poucos para a leitura do poema. Um recurso prévio para preparar o contato com o poema foi a audição de canções do repertório da música popular brasileira, acompanhada de comentários sobre as letras ou da leitura oral de citações de fragmentos de poemas, para estabelecer paralelos ou exemplificar questões teóricas, tratadas em momentos específicos das aulas. Por fim, o estudo dos poemas selecionados.

Nesse momento da pesquisa, a professora sobrepôs a pesquisadora, pois a experiência da primeira para abordar os poemas e sua paixão pelo gênero conseguiram conquistar a atenção dos alunos e motivá-los para as descobertas possíveis na leitura poética. Saliento que para trabalhar com poemas, é preciso gostar de ler poemas.

Por outro lado, a visão racional do estudo era preciso ser mantida, o que fiz explorando os aspectos da linguagem poética presentes nos poemas, além dos recursos de expressividade utilizados pelos poetas para compor encaminhamentos argumentativos, via leitura.

A intenção era não só de ler poesia, mas também motivar o debate sobre o uso da palavra e sobre o papel da linguagem na vida de todos nós; por isso a opção pelos dois poemas metalingüísticos, analisados a seguir: cronologicamente próximos de nós, aproximam-se, ambos, do eixo central desta tese: a importância da palavra, do texto, da comunicação humana.

O poema **Rios sem Discurso**, de João Cabral de Melo Neto, da Geração de 45 da poesia modernista brasileira, exerceu importante papel, desencadeando uma série de efeitos. Despertou para a prática da linguagem escrita; evidenciou o quanto é necessário ter repertório para escrever o que se pensa; explicitou a relação estreita entre texto e contexto. Apresento a seguir o poema e sua análise – breve e despretensiosa, como foi explanada aos alunos.

Rios sem Discurso

A Gabino-Alejandro Carriedo

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez:
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

Este é um poema representativo do lirismo contido, característico de João Cabral, dedicado ao poeta espanhol Gabino-Alejandro Carriedo, um dos poetas vanguardistas espanhóis. Foi quem traduziu, em Madri, o livro de João Cabral, **Dois parlamentos**, de 1980. Havia muito respeito pessoal e literário entre ambos, afinal Carriedo era o grande poeta espanhol do pós-guerra, um exímio estudioso do poema, em especial o soneto, sob a perspectiva da elaboração lingüística. Para ambos, poesia é construção de linguagem. Essa temática provavelmente os aproximou.

É possível observar essa mesma concepção neste poema, em que discurso e rio se entrelaçam no percurso de linguagem que percorre os versos, de ponta a ponta. A metáfora prolongada configura-se como uma alegoria, associando rio e discurso, fontes das duas necessidades vitais do ser humano, a física e a emocional: água e comunicação.

Na primeira estrofe, água e palavra são equivalentes em “poços” e “situação dicionária”. Uma vez estanques, a inércia predomina e os sentidos não germinam, ao contrário, emudecem, o que não permite o trajeto, a comunicação, a possibilidade de vida ou de troca entre pessoas. Sem água não há vida, sem palavras não há discurso: “cortou-se a sintaxe desse rio, / o fio de água por que ele discorria.”.

A segunda estrofe estabelece a relação “curso de um rio” e “seu discurso-rio” para expor o efeito do corte. Quando se muda o percurso de um rio, dificilmente se poderá recuperá-lo, porque o que sobrou foram apenas fios solitários, fechados em si mesmos. Um rio, por si só, não muda drasticamente seu curso. Apenas na época das águas ele ganha maior fluxo, o que ocorre são pequenas curvas que se amoldam com as erosões comuns e lhe conferem novos contornos identificados saborosa e mansamente pelas águas. Somente o homem pode interferir nessa natureza e mudar o curso do rio. O rio só poderá retomar seu curso, caso haja “uma cheia lhe impondo interina” o corpo de água desfeito, disperso. Assim é o discurso. Se não for interrompido antes de ser completado, terá de ser retomado, “frase e frase”, num processo coeso de composição “até a sentença-rio do discurso único”.

Um discurso deve ser elaborado com clareza, precisão, coerência. Alterada a água, alterado o rio, alterada a palavra, presentifica-se o discurso vazio.

A organização sintática do texto apóia o seu sentido no uso dos sinais de pontuação, uma vez que representam imageticamente os cortes, as explicações, os recortes, as interações, no processo alegórico. O verso de João Cabral explora o efeito plástico de visualidade e movimento, associado à descrição.

A composição discursiva do texto explora as relações contextuais; assim as palavras passam a existir. Há nele uma voz revestida de autoria que aponta a idéia de que nenhum texto se realiza por si só, ele vai sendo tecido pelas palavras cujos significados são inferidos pelo leitor para que os sentidos congeminem.

Difícil é perceber que as palavras mal usadas eliminam as possibilidades de diálogo, de compreensão. O discurso bem estruturado, “*único*”, “*a seca ele combate*” porque passa a ser voz de sabedoria, de discernimento. Se os discursos não forem reatados “*frase e frase, / até a sentença-rio do discurso único*”, eles se esvaziarão no tempo, nos significados evasivos das próprias palavras. Assim, os leitores precisam estar de posse de “*muito fio de água*” e, se possível, da “*grandiloquência de uma cheia*” para alcançar esse discurso único: o texto.

Ao ler conjuntamente este poema com os alunos, fui orientando-os a observar os aspectos lingüísticos trabalhados pelo autor, as relações estabelecidas, dentro do texto, para que percebessem o processo pensado por quem escreve e a importância de se saber usar palavras bem escolhidas e combiná-las engenhosamente. O paralelo com outros poemas resultou na percepção do estilo próprio do autor e do modo como ele apresenta uma visão de mundo de sua época.

O texto necessita das habilidades do escritor e do leitor para que seu percurso se concretize, para que essa visão da realidade seja compartilhada. Neste caso foi impactante para os alunos, perceber a vitalidade social presa à palavra, elemento essencial para a sobrevivência do ser humano, alegorizada no texto pelo percurso fluvial.

Preocupei-me também em destacar a qualidade deste texto poético de um lirismo contido, diverso do de textos poéticos. Busquei chamar atenção especial para as escolhas lexicais do poeta, pois não se trata da composição apenas de um rio, mas também de um enunciado, com tema, forma composicional e marcas lingüísticas próprias.

Os resultados dessa leitura contribuíram para que os alunos percebessem que nenhuma escrita é aleatória, por isso necessita de um trabalho muito bem pensado de planejamento e preparação.

Essa leitura do poema de João Cabral de Melo Neto despertou o desejo para ler o próximo poema, de Marina Colasanti.

A leitura deste suscitou a curiosidade dos alunos por ser de uma autora atual, viva. Durante certo tempo, li outros poemas de seu livro **Fino Sangue** (2005), no início das aulas, despertando comentários coletivos sobre cada um deles. Observava a linguagem e o modo de estruturá-la, e eles registravam os apontamentos que mais lhes chamavam a atenção, livremente. De certa forma, estavam lendo e escrevendo em sala.

Pela leitura foi possível perceber que a autora, utilizando-se das palavras, expressa uma sensibilidade observadora, alegre, porém direta e até ríspida, em alguns poemas.

Explora de forma ampla o tempo, em variados momentos, além de outros temas: os obstáculos comuns da vida presente, o cotidiano vivido, o vivenciado no passado próximo e distante. Trata-se de leitura agradável, curiosamente informativa e plenamente poética, ilustrada no poema a seguir:

De caça a caçador

Para alcançar palavras que nos fogem
preciso é acarpetar os passos
velar de espesso véu nosso desejo
e esperá-las
calados
de tocaia.
Sempre haverá um momento
de descuido
em que a palavra
recolhidas asas
pousará sobre a língua
e será nossa.

Entrementes
há que tomar cuidado.
Assim como as caçamos
palavras há também
em cada esquina
prontas
com unha e dente
a nos saltar em cima.

COLASANTI, Marina. **Fino sangue**. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 49.

O poema apresenta uma visão metalingüística do processo de criação escrita. O termo “*palavras*”, personificado, humaniza a tarefa poética de persegui-las, para organizá-las em criações verbais. A comparação dessa perseguição com a da “*caça*” e do “*caçador*” expressa com engenho o percurso da escrita.

Na maioria das vezes, as palavras fogem do alcance das pessoas. Com dificuldade, elas conseguem reatar as ligações do pensamento. Por isso o ritual do encontro deve ser planejado detalhadamente, para que elas não fujam nem enganem. O desvelamento necessita de sutileza e suavidade no contato. Sem que elas percebam, estarão entrelaçadas. Como sugere Paz (1982) “as redes de pescar palavras são feitas de palavras”.

Caça e caçador são presas fáceis da linguagem. O discurso poético, já pelo título, sugere que a relação entre caça e caçador pode se inverter. E isso ocorre, porque a busca passa a ser de ambos. Para serem senhores da própria ação, presa e predador se revezam em cuidados, em pormenores para que “o ataque” seja certo.

Assim, autor e instrumento se resignam “em tocaia”, aguardando o momento e o destinatário certos. A comparação se sustenta na escolha dos vocábulos. De um lado os mecanismos da caça: “*acarpetar os passos, velar de espesso véu, desejos, calados, tocaia*”; de outro, o poder da palavra que a torna desejada: “*momento, descuido, palavra, recolhidas asas, pousará sobre a língua, será nossa*”. Somos remetidos novamente a Octávio Paz:

A palavra, finalmente em liberdade, mostra todas as suas entranhas, todos os seus sentidos e alusões, como um fruto maduro ou como um foguete no momento de explodir no céu. (1982, p. 26)

Em toda caça é preciso o cuidado, a vigília constante, para não ser pego de surpresa. Caça e caçador se respeitam, o descuido pode ser fatal. O discurso pode não se concretizar, caso as palavras certas fujam do autor, tornando os resultados catastróficos. Na forma, os jogos verbais sugerem um presente cuidadoso para que o futuro não se torne imprevisível. A personificação das palavras atribui-lhes o caráter de personagens complexas e surpreendentes: “*ora são nossas*”, ora estão prontas a “*nos saltar em cima*”.

Conquanto curto, o poema se revela bastante complexo e sugere interpretações que se abrem para além dele próprio, estendendo-se para o universo da criação em geral. O estilo é moderno, enxuto, a leitura, agradável e expressiva. Exemplo de como um texto breve, bem elaborado, pode ser rico de significação.

Após a leitura e estudo deste poema, a discussão sobre o processo criador foi interessante porque permitiu aos alunos pensar sobre o poder que as palavras possuem e a importância da escolha certa para o propósito pretendido. Comentou-se a diferença entre o falar e o escrever; e a importância da consciência, por parte do autor, sobre o interlocutor, para quem vai falar e sobre os motivos para dizer aquilo que vai ser dito.

Essa atividade efetivamente teve um papel motivador, como ilustram os exemplos extraídos de produções discentes posteriores, já em um momento avaliativo do processo (com exemplificação nos apêndices):

A leitura de poemas fez com que eu tivesse outro sentido de interpretação, pois várias estruturas foram ensinadas, além disso, é necessário se manter informado sobre os acontecimentos, para conseguir abstrair o que está lendo.
(Aluna A – período diurno)

Os trabalhos de leitura dos poemas, os relatórios de leitura e o artigo científico me motivaram a ler e melhorar, com isso, minha escrita... As leituras foram direcionadas para que tivéssemos fundamentação teórica... Hoje, após a realização de vários trabalhos que me forçaram a ter o hábito de ler, entendi a interferência e a diferença que tem na escrita. ... compreendo que sem a leitura não temos repertório para cumprir nosso papel de cidadãos.
(Aluna B – período diurno)

4.2 AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIO: ELABORAÇÃO DE RELATÓRIOS DE LEITURA EXTRACLASSE

A leitura literária realizada inicialmente teve importante papel na ampliação do letramento dos alunos. Uma nova estratégia deu prosseguimento ao processo, pois eles precisariam ler mais, ter mais contato com materiais cotidianos – jornal, periódicos – e outros, mais complexos e menos usuais, como os artigos científicos. Trata-se de leitura essencial para quem está descobrindo a realidade profissional. Mais tarde, para quem prossegue, chegam outras leituras mais especializadas.

Afinal, é na faculdade, normalmente, que se aprende a escrever os relatos, os resumos, as resenhas, os artigos e as monografias. Os artigos científicos e/ou acadêmico-científicos tornam-se leitura essencial para quem está descobrindo a realidade profissional e deseja se especializar na carreira.

No geral, os alunos lêem pouco e escrevem menos ainda, não conseguem expressar com clareza e coerência o que pensam. Na escrita apresentam vários equívocos e no corpo dos textos produzidos, as idéias se perdem. O problema precisa ser resolvido, ou ao menos diminuído sensivelmente, para que, de fato, haja aproveitamento não só na língua portuguesa, como nas demais disciplinas.

Precisava encontrar uma forma de a leitura fazer parte do cotidiano desses universitários e, ao mesmo tempo, aproveitar os recursos de que dispunham nas demais aulas, para complementar as necessidades do momento. Como já explanei anteriormente, o exercício da leitura presentifica-se como instrumento educativo, induzindo os alunos à prática da cidadania, uma vez que lhes possibilita uma nova concepção de valores e atitudes e os auxilia a ter mais confiança e segurança em suas próprias potencialidades e experiências. A leitura associada à escrita permite ao aluno tornar permanente o conhecimento apreendido e expresso em seu

discurso. Isso é ainda mais gratificante quando ele próprio descobre essa potencialidade, fruto de seu esforço pessoal.

Nas três salas participantes da pesquisa, com quarenta a cinquenta alunos cada uma, sendo uma no período diurno e duas no noturno, os repertórios e históricos eram os mais diversos possíveis. Havia desde bons alunos na escrita até os que mal conseguiam organizar um parágrafo coeso e coerente. Muitos estavam retornando aos bancos escolares depois de anos, por necessidade pessoal ou profissional; um grande determinante contra, pois estavam ali por imposição e não, por escolha. Também não entendiam, no início, qual era a razão de haver aula de Língua Portuguesa no curso de Administração de Empresas.

Fomos desnudando, aos poucos, o que era aquele universo de linguagens a ser conhecido e utilizado, com clareza e pertinência, como forma de apoiar a própria atuação profissional em busca da qual tinham se dirigido a uma instituição de ensino superior.

Em relação às fontes, a intertextualidade far-se-ia pela recuperação de informações, oriundas dos vários gêneros lidos. As aulas seriam abertas às possibilidades do diálogo, da indagação, da dúvida e do próprio processo de criação.

Meserani (2002) diz que o professor é um tradutor das fontes de conhecimento para seus alunos, mais precisamente, o professor é um tradutor de repertórios culturais. Era preciso nutrir as raízes para que os frutos viessem fartos e substanciosos.

Restou-me outra grande dificuldade: a escrita formal, que demanda concentração, elaboração e escolhas, atividades que implicam um processo prolongado de construção de saberes e estratégias por parte de quem escreve. Nesse processo, o papel do leitor é muito ativo, uma vez que é ele quem põe em jogo sua habilidade lingüística e cognitiva, a fim de interagir com o texto, no intuito de reorganizar as informações em um novo sistema de relações que vai construindo.

Os passos dessa trajetória foram se compondo pouco a pouco. Atualmente, como educadora e professora de língua materna, percebo que é

preciso não só indicar caminhos para um bom exercício de leitura e escrita, como também proporcionar condições aos alunos para vivenciá-los, levando-os a acreditar em si próprios.

Optei pela leitura extraclasse, em três categorias: a jornalística, a literária e a acadêmica, realizadas pelos alunos e registradas em forma de relatórios de leitura. A cada semana, os alunos teriam de elaborar, no mínimo, três relatórios diferentes, e, no final da cada mês, exporiam os resultados nos Círculos de Leitura, organizados em sala, com apresentações orais, comentários e debates.

Para cada um deles, seqüenciei etapas de leituras, explorando oralmente diferentes aspectos: as condições de produção dos textos lidos; as relações interdiscursivas, as concepções veiculadas; o reconhecimento das marcas lingüísticas.

Ao longo do processo, atuei de modo a respeitar as complexidades e facilidades na interpretação. Para cada gênero discursivo trabalhado, procurei estabelecer vínculos entre as temáticas abordadas, orientando os alunos para que pudessem perceber as relações pertinentes e, posteriormente, transpusessem os conhecimentos adquiridos para outras produções escritas.

Quanto ao registro, os alunos seguiram o roteiro abaixo para a apresentação dos resultados:

Identificação pessoal.

Relatório de Leituras

Semana de ___a ___/___/2006

Modalidade: Literária /Jornalística / Teórica

Referência: (exemplo) BOFF, Leonardo. A trindade e a sociedade. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p.33.

Síntese: (desenvolver um pequeno resumo do que leu. Se for poema, apenas indicar qual a idéia central).

Posicionamento: (apontar seu ponto de vista sobre a leitura realizada, com criticidade)

Indicação: (para quem recomenda esta leitura?).

Palavras-chave: Sociedade. Convívio. Relacionamentos. Religiosidade. Conduta.
(exemplos)

SEGUIR SEMPRE AS NORMAS DA ABNT PARA REGISTROS ESCRITOS.

A etapa de elaboração dos Relatórios de Leitura cumpriu seu objetivo que era o de ampliar o universo de informações, de modo a ampliar o repertório dos alunos para o momento da escrita, como apoio, também, a seu posicionamento argumentativo.

A seguir apresento alguns depoimentos dos alunos sobre esta atividade, para ilustrar esse processo:

Acredito que melhorei em português, pois pude aprender muita coisa nova, principalmente a importância da leitura em nossas vidas, pois antes eu não ligava para ler, nunca tinha pegado um jornal; com os trabalhos que foram passados, incentivando a leitura, aprendi que devemos estar sempre informados, expandindo nosso conhecimento. Aprendi a ter um olhar crítico sobre determinados assuntos, palavras novas, regras de escrita, entre outras coisas.

(Aluno C – período diurno)

Este ano foi muito proveitoso no meu aprendizado de língua portuguesa. Adquiri muito conhecimento em relação à escrita e à leitura. A prática do relatório no 1º semestre aumentou o meu interesse pela leitura. Eu não gostava de ler, lia apenas alguma revista ou jornal quando estava em algum consultório médico. Com a elaboração dos relatórios e do artigo aprendi a ter mais cuidado com as palavras que tenho que usar na elaboração de algum texto. Hoje já posso fazer artigos e sínteses mais fundamentadas.

(Aluno D – período diurno)

No primeiro trabalho referente ao relatório de Leitura, tive a impressão de que não conseguiria concluí-lo, pois eu não tinha o hábito de ler, acabei me surpreendendo, gostei de executar o trabalho e realmente percebi que a leitura me trouxe conhecimentos.

(Aluna E – período noturno)

... eu possuía dificuldades com a leitura, hoje estou apto para escrever um artigo, então nota-se a evolução.

(Aluno F – período noturno)

Fiquei realmente surpresa com o quanto aprendi neste ano, principalmente após o relatório de leitura. Hoje já consigo ler um bom livro a cada mês, estou escrevendo textos para exercitar. O “sebo” se tornou parada obrigatória e deliciosa. Estou lendo *Grande sertão: veredas*... Fiz um concurso mês passado, de 40 questões de português errei duas e de matemática (30 questões) errei 5, minha interpretação está melhorando a cada dia.

(Aluna G – período noturno)

O relatório de leitura, como trabalho, foi sem dúvida uma melhora no meu modo de escrever, ler e pensar. Aprendi neste trabalho a interpretar e pensar a respeito dos textos.

(Aluno H – período noturno)

4.3 PRODUÇÃO DOS ARTIGOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS

Esta foi a fase final do processo e o fechamento do segundo semestre. Os alunos já estavam amadurecidos, mostravam-se mais preparados, porém não prontos, ainda. Por esse motivo, trabalhei em classe leituras orientadas de artigos de opinião, sempre abordando as condições de produção, os aspectos contextuais (externos ao texto), identificando autor, o ano de publicação, o suporte textual em que foi publicado o texto, a situação sociocultural da produção, e os aspectos co-textuais (internos à publicação): estruturação visual do texto e da página, formatação e diagramação. Nas relações interdiscursivas foi salientada a perspectiva dialógica, observando as relações temáticas e formais com outros gêneros.

Como um analista, é necessário o leitor não deixar de procurar. Não basta fazer o levantamento das marcas lingüísticas do gênero, é preciso saber o que procurar e saber reconhecer determinadas regras de composição específicas do gênero estudado.

Terminado o estudo dos artigos de opinião, propus dois temas para que se posicionassem a respeito, após uma busca de informações para aprofundamento: **A inclusão social: novas ações e distribuição de rendas** e **A evolução tecnológica e a evolução do pensamento humano: conciliação ou exclusão**.

Esses temas foram pensados, levando-se em consideração algumas discussões ocorridas em sala e a consulta a alguns colegas que lecionavam nas mesmas turmas. Procurei abordar uma temática atual, aproveitando leituras já realizadas também nas outras disciplinas dos dois semestres cursados: Sociologia, Filosofia, Teoria da Administração e Direito.

Trabalhamos sobre esse gênero durante doze aulas (três semanas), mediante leitura e análise de exemplos. Inicialmente, busquei conceituar o que é o artigo científico e o acadêmico-científico, para que é utilizado, a quem se dirige e como se organiza, seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas – ABNT, orientando os alunos a observar a linguagem específica empregada, conforme o assunto tratado.

Levei alguns artigos particulares de periódicos e sugeri a leitura de outros na biblioteca da faculdade. Li mais dois artigos para eles, um de minha autoria², e outro do professor de Sociologia, em livro da área.

À medida que os alunos iam trazendo informações e desenvolvendo as primeiras escritas, fui monitorando os encaminhamentos nas aulas, tirando dúvidas sobre como organizar o artigo, como argumentar com apoio em opiniões de outrem, como corrigir os próprios textos, como citar as referências bibliográficas. Eles produziam e corrigiam suas produções, sob minha orientação, nas aulas finais do semestre – total de oito aulas. Alguns apresentavam mais facilidade e outros menos, mesmo assim iam todos caminhando.

Os resultados foram relativamente satisfatórios, considerando-se a limitação decorrente dos fatores tempo, nível de conhecimento e repertório de leitura ainda em formação.

² publicado na Revista da APLL – Associação dos Professores de Língua e Literatura, da Universidade de São Paulo.

Um esclarecimento a mais se faz importante, antes da análise do *corpus*, e, para isso, retomo a questão da transposição didática e do dialogismo. À medida que os alunos foram adquirindo amplitude de informação por meio das leituras trabalhadas, puderam fomentar descobertas sobre os gêneros discursivos, o que permitiu interpretações dialógicas e possibilidade para novas produções escritas.

Os estudos bakhtinianos propõem uma progressão dialógica que parte de um texto e de seu contexto para um contexto futuro, novo, cujos limites de compreensão se ampliam. Assim, os conhecimentos se recompuseram e revelaram outros sentidos.

Os alunos percorreram uma trajetória de gêneros discursivos, do poético ao informativo-argumentativo, lendo poemas, textos teórico-didáticos, artigos variados, reportagens, notícias, romances, crônicas, resenhas, resumos, entre outros, para compor seus relatórios de leitura e preparar-se para a etapa final do processo em que produziram artigos acadêmico-científicos.

Para um esclarecimento complementar a respeito da trajetória da leitura poética à produção do gênero artigo acadêmico-científico, retomo a importância de se conhecer os recursos expressivos desenvolvidos pelo autor no poema não só para contemplá-los, mas para compreender o processo argumentativo presente nas entrelinhas. Essas apreensões se reforçam e permitem os diálogos entre os diferentes conhecimentos e usos.

5 ANÁLISES DO *CORPUS* – ARTIGOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Quero dizer: não é uma experiência traduzida depois pelas palavras, mas as palavras mesmas constituem o núcleo da experiência. A experiência se dá ao se nomear aquilo que, até não ser nomeado, carece propriamente da existência. Assim, a análise da experiência inclui a análise de sua expressão. Ambas são uma e mesma coisa. (PAZ, 1982, p.191)

Seria inexecutável a extensão de análises para todas as produções, aproximadamente cem textos, no âmbito desta pesquisa, por isso delimito um *corpus*, com nove produções de alunos escolhidas das três turmas (uma diurna e duas noturnas), como uma amostragem do trabalho realizado. Priorizei, na seleção, três textos que atenderam plenamente aos requisitos, três que atenderam satisfatoriamente aos requisitos e três que atenderam apenas parcialmente aos requisitos.

Há que se considerar, inicialmente, nesse processo de produção escrita, a inexperiência dos participantes com a escrita de textos de caráter acadêmico-científico. Foi, praticamente, a primeira escrita oficial deste gênero, por isso a produção dos alunos ainda apresenta falhas: é ampla, contém posicionamentos sustentados por argumentação, porém sem grandes aprofundamentos.

Pautando-me pela fundamentação teórica já indicada, em especial Bakhtin, revisitado por Dolz e Schneuwly (2004), busquei a caracterização para a produção dos alunos, guiada pela concepção do gênero artigo acadêmico-científico como um organizador global, observando o tratamento do conteúdo, o tratamento comunicativo e o tratamento lingüístico. Ou, de modo esquemático:

a) um plano composicional, em relação ao conteúdo temático (manutenção temática), como forma de organização do gênero que apresenta um assunto, desenvolvendo e aprofundando-o, gradativamente;

b) plano comunicativo, em relação aos aspectos discursivos e condições de produção (contextualização, intencionalidade e situacionalidade);

c) plano lingüístico, em relação à organização global do enunciado quanto ao uso da norma culta, destacando as marcas lingüísticas de coesão (como o uso dos conectivos) e coerência (progressão, articulação e informatividade), quanto ao emprego da sintaxe do padrão culto da língua, no que se refere ao uso dos tempos verbais, à regência, à concordância, à organização das palavras na frase e à pontuação.

Esses aspectos serão examinados nos textos do *corpus*, de modo a verificar o predomínio da norma culta padrão, característica do gênero em estudo.

Considerarei também Nogueira (2001), para o desenvolvimento destas análises, acompanhando a dimensão textual, visto que os fenômenos concernentes à coesão e à coerência textual constituem, de fato, a unidade lingüística específica denominada texto. E essa unidade é fundamental em todos os gêneros discursivos.

Os elementos coesivos e coerentes levantados baseiam-se em Fávero (1991). É importante ressaltar que não houve detalhamento nas análises, mas apenas observação das ocorrências e dos efeitos do uso desses elementos, como instrumentos para a organização e inteligibilidade dos textos.

Em termos de coerência, baseei-me nos referenciais teóricos de Maingueneau (1996), Koch e Travaglia (1995) e Fávero (1991). Foi feita uma adaptação para esta pesquisa, considerando predominantemente os seguintes aspectos: a manutenção temática ou não fuga do tema; a progressão, ao integrar informações novas a informações adquiridas, pontos de apoio para a entrada de novos elementos; a articulação na relação de pertinência entre os fatos apresentados; a informatividade, em termos de

menor previsibilidade; a intencionalidade — pois compartilhar um propósito com o outro implica certo grau de persuasão, o que, na produção escrita, referenda a coerência do texto; e, por fim, a situacionalidade, destacando a importância da relação entre a situação comunicativa e a na maneira como o texto é constituído —, o que, por sua vez, pode influenciar a própria situação, uma vez que ela é introduzida no texto via mediação.

Esta relação texto-situação e vice-versa demonstrada no texto fortalece sua coerência. Isolde Jordan (1994) diz que:

... la coherencia de un discurso tiene que ver con las relaciones semánticas del contenido de significado, la cohesión se produce a través de determinados elementos verbales concretos, destinados a conectar las diferentes partes de un discurso... Los elementos cohesivos son palabras o expresiones que proveen la substancia adhesiva, la 'cola', para la formación de un conjunto discursivo compuesto de secuencias de enunciados. (p.63)

Recorri às análises do *corpus*, levantando elementos presentes nessas produções que permitissem sustentar a idéia de que esses textos apresentam a organização textual própria do gênero artigo acadêmico-científico, mesmo no caso daqueles que atenderam apenas parcialmente aos requisitos para essa composição.

Como diz Maingueneau:

Todo gênero de discurso está associado a uma certa *organização textual* que cabe à lingüística textual estudar. Dominar um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, mas também em suas partes maiores. (2004, p.68).

Destaco, portanto, a organização textual para o procedimento das análises, os encadeamentos constituídos e as relações estabelecidas discursivamente. Os entrelaçamentos de teorias diversas ratificam os diálogos e sustentam esta leitura do *corpus*.

Os textos que *atenderam plenamente* aos requisitos serão chamados doravante de *textos 1, 2 e 3*. Os textos que *atenderam satisfatoriamente*, de *textos 4, 5 e 6*. E os que *atenderam apenas parcialmente*, de *textos 7, 8 e 9*.

A seguir são transcritos esses textos, em imagens computadorizadas, em folhas introdutórias diferenciadas, para evidenciar o discurso dos alunos, como um exemplo de heterogeneidade mostrada, no meu próprio discurso.

Retomando postulados anteriores, reitero os dizeres de Bakhtin expressos na página 63, desta tese: “ a consciência do autor é aquela que concebe e dá acabamento à consciência do outro (...); é o ponto de vista do outro que me dá acabamento”.

Antes de passar às análises do *corpus*, recupero dos capítulos anteriores a idéia principal do ler para o escrever. Em sua maioria, os alunos entenderam os objetivos propostos, buscaram as leituras, compreenderam o propósito do estudo dos textos, apreenderam informações e estabeleceram relações, o que resultou na produção dos artigos acadêmico-científicos, analisados na seqüência.

Como um apontamento de resultados, a pesquisa mostra por meio das produções obtidas que a ampliação do repertório de leitura, desencadeado pelo estudo do poema e seqüenciado pelo trabalho com os demais gêneros relatados, foi atingida. Mesmo apresentando falhas, os textos foram produzidos e podem comprovar a aprendizagem obtida.

Seguem-se as respectivas análises:

ANÁLISE DOS TEXTOS 1, 2 e 3

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA: O HOMEM A CAMINHO DA EXCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Texto 1

Resumo: A evolução da tecnologia se dá em função da evolução do pensamento humano, porém à medida que o tempo passa o homem perde controle de suas criações e caminha pouco a pouco para sua auto exclusão.

A evolução da tecnologia se dá em função da evolução do pensamento humano. À medida que a humanidade sente a necessidade de reestruturar sua ligação com o mundo, ela parte para criação de novas tecnologias, pois estas cada vez mais modernas criadas pelo homem causam sua própria exclusão no mercado de trabalho.

É o homem perdendo o controle do alcance de suas criações, idealizadas justamente para o controle, ou pelo menos, com possibilidade de controle quase completo. (INTERCOM - Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001).

Cada vez mais, tecnologias criadas com o intuito de auxiliar o trabalho humano, tomam seu espaço dentro das organizações. O que seria um auxílio na execução de tarefas, acabou por se tornar peça fundamental, e, fugindo ao controle humano, cria sua autonomia, independência e evolui de acordo com seu próprio momento.

Tanto as grandes quanto as pequenas empresas defendem a idéia de que as altas tecnologias as levarão ao topo da cadeia de negócios, tornando-as competitivas e inovadoras. Para tanto investem em tecnologias de ponta e capacitação de funcionários.

Quando se fala em funcionários, considera-se que as exigências para adentrar ao mercado de trabalho evoluem de acordo com a tecnologia, é preciso alto

¹ Aluna do curso de Administração de Empresas, 1^o ano, das Faculdades Integradas de Jacareí. Novembro de 2006. Disciplina Língua Portuguesa II. Prof^a Sílvia Helena Nogueira.

conhecimento científico e tecnológico. Além de disposição para se adaptar quando a organização decide inovar ainda mais.

É possível dizer que se um funcionário não se adapta aos recursos tecnológicos, estará excluído do mercado de trabalho. Hoje é muito comum as empresas utilizarem aparelhos celulares para que seus funcionários estejam disponíveis sempre que necessário, sendo que as mesmas fornecem o equipamento para essa finalidade. Assim como também é possível dizer que se uma pessoa passa dois ou mais anos sem se atualizar tecnologicamente, dificilmente conseguirá uma nova colocação no mercado.

"Os custos sociais só se tornam evidentes muito tempo depois de sua adoção". (RHEINGOLD, 2006, p.58).

Não só as organizações sentem a necessidade de evoluir, o homem acompanha essas evoluções no mesmo ritmo. Torna-se "escravo" da tecnologia à medida que ela se transforma sem nem ao menos questionar que mudanças elas causarão na sociedade em que vive.

Aparelhos MP3, iPods, aparelhos celulares e câmeras digitais, hoje são comuns em meio à população, e excluem as pessoas de um convívio social. Estão sempre a falar ao celular ou com seus fones de ouvido ligados, tocando suas músicas preferidas, e deixam de lado o contato humano. As câmeras digitais trazem a comodidade de se adquirir fotos gratuitamente, mas essa tecnologia causa a exclusão de profissionais ligados à fabricação de filmes fotográficos e outros artigos dispensáveis. Quando se opta pela câmera digital, é notável a transferência para outras cidades ou mesmo o encerramento de atividades das indústrias deste meio, como aconteceu recentemente com a Kodak de São José dos Campos.

O homem é constantemente modificado por suas invenções, cria máquinas capazes de executar tarefas substituindo várias pessoas por uma só, que será encarregada apenas de ligá-la e verificar o ritmo de sua produção.

A tecnologia não é totalmente ruim, considerando que ela facilita o trabalho das pessoas. Para efetuar pagamento mensal de funcionários, era preciso se dirigir a uma agência bancária, aguardar na fila até que fosse concluída a operação. Hoje é possível fazer tudo isso por meio da internet. Ainda assim a exclusão no mercado está presente neste meio, visto que são reduzidos os números de operadores de caixa em razão de todas essas facilidades.

A síndrome de Frankstein: o homem cria uma máquina para um propósito particular e limitado. Mas assim que a máquina é construída, nós descobrimos, sempre para nossa surpresa – que ela tem idéias próprias; que ela é capaz não só de mudar nossos hábitos mas... de mudar nossos hábitos mentais. (POSTMAN, 1983).

De fato há mais tecnologias do que jamais se conseguirá usar para lidar bem com elas, é preciso viver o momento e aprender que as máquinas podem ser desligadas, afinal, ninguém é capaz de funcionar no ritmo delas. Também é necessário questionar não só a tecnologia, mas as mudanças que ela causa na sociedade como um todo e refletir sobre sua adoção, e, continuar ou não seu uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERREIRA, José Rincon; TARAPANOFF, Kira. Micro e pequenas empresas – competitividade e inclusão digital. **Inclusão Social**, Brasília, v.1, n.1, p. 43-46, out./mar. 2005.

MOREIRA, Ildeu de Castro. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v.1, n.2, p. 11-16, abr./set. 2006.

FILHO, Rodolfo S.. Simplicidade digital. **Vida Simples**, São Paulo, 47 ed, p. 56-59, nov. 2006.

RHEINGOLD, Howard. Simplicidade Digital. In: FILHO, Rodolfo S.. Simplicidade digital. **Vida Simples**, São Paulo, 47 ed, p. 56-59, nov. 2006.

DETERMINANTES do avanço tecnológico. **EMVI**, Málaga (Espanha). Disponível em: <<http://www.eumed.net>>. Acesso em: 08 nov. 2006.

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande – MS, set. 2001. In: DETERMINANTES do avanço tecnológico. **EMVI**, Málaga (Espanha). Disponível em: <<http://www.eumed.net>>. Acesso em: 08 nov. 2006.

POSTMAN, Neil. The disappearance of childhood, 1983. In: DETERMINANTES do avanço tecnológico. **EMVI**, Málaga (Espanha). Disponível em: <<http://www.eumed.net>>. Acesso em: 08 nov. 2006.

DETERMINISMO tecnológico. **Infoamérica**, Málaga (Espanha). Disponível em: <<http://www.infoamerica.org>>. Acesso em: 08 nov. 2006.

UMA EVOLUÇÃO INTERMINAVEL

Texto 2

Resumo: O artigo irá tratar sobre o tema evolução tecnológica e evolução do pensamento humano, uma grande evolução que surgiu na Idade Média com os homens das cavernas, e se prolonga até os dias de hoje, pois a evolução tecnológica nada mais é do que uma grande evolução do pensamento do homem.

O termo revolução tecnológica, apesar de ser muito amplo, pode ser conceituado como as criações e descobertas realizadas pelo homem, desde o *Homo erectus* ao *Homo sapiens*. Estas descobertas provocam em uma sociedade profundas mudanças, englobando todas as esferas humanística – psíquica, física e sócio – econômica – generalizando os costumes e práticas cotidianas das pessoas. O termo revolução provém do latim *evolution*, de acordo com o dicionário Aurélio (1993), tem seu significado como “um desenvolvimento progressivo de um conjunto de coisas, de fatos, idéias” o termo pode ser considerado então como um processo de crescimentos, mudanças ou desenvolvimento.

A revolução tecnológica surgiu quando o homem primitivo passa a dominar o fogo, pois assim aprende a dominar a técnica de fundição, derretendo o metal encontrado em seu estado natural, para fabricação de armas e utensílios. Este manuseio no metal pode ser considerado uma evolução, já que o homem contribuiu para a modificação da vida em todo o planeta, mudando drasticamente o seu mundo social. A revolução tecnológica surge então com os homens da caverna, que começam a fazer toda uma evolução no meio social em que está inserido.

Uma grande evolução tecnológica surgiu ao longo de toda história humana, desencadeando vários tipos de civilizações, assim como as orais e, posteriormente, as escritas, como os telégrafos visuais, a invenção da imprensa, a difusão do livro e o surgimento dos jornais, depois surge a civilização que traz a eletricidade, acarretando evoluções como o telefone, o rádio, a televisão, os satélites, computadores, e novas mídias como a Internet, assim revelando a evolução do pensamento humano. Portanto, a evolução tecnológica nada mais é do

¹ *Aluno das Faculdades Integradas de Jacareí, do curso de Administração de empresas Novembro de 2006. Disciplina: Língua Portuguesa, prof^a. Sílvia Helena Nogueira.

que a evolução do pensamento humano, pois ao longo da história o homem foi aprendendo a lidar com mudanças, transformando sua maneira de pensar, num esforço de vencer obstáculos, o tempo e o espaço, as dificuldades mais prementes de serem vencidas. O homem usa a tecnologia para suprir suas necessidades, na tentativa de conseguir eficiência e comodidade em sua vida.

Com isso podem e devem ser considerados como evolução tecnológica os eventos vindo da inteligência do homem, que causem modificações substantivas no sistema social e produtivo da espécie humana nos diversos cantos do planeta, mesmo que estas modificações sejam processadas vagarosamente em cada sociedade. Esses eventos e mudanças deverão possuir dentro de tal sociedade um poder misterioso de conduzir modificações significativas nos métodos de produção, então aceitos, alterando o meio ambiente e a organização das sociedades nos quais sejam inseridos.

O dilema da evolução tecnológica aumenta à medida que cresce uma certa dependência pela tecnologia. O número de indivíduos que “entram” e se fascinam pelo universo de informação e virtualidade da Internet é cada vez maior, e seria praticamente impossível para uma pessoa imaginar a vida sem, pois é um tipo de comunicação instantânea e um entretenimento de baixo custo. Não é só a Internet que as pessoas acham impossível viver sem, mas também os automóveis, aviões, telefones celulares, Tv's a cabo entre outras tecnologias que vem dominando o mundo. O próprio pensamento humano fez prender as pessoas em bens materiais, criando uma certa indiferença na sociedade, pois hoje quem detém o conhecimento destas novas tecnologias se destaca dos demais indivíduos do grupo que estão inseridos.

A evolução tecnológica poderia fazer a sociedade entrar em uma determinada desordem, pois esta transformação criada pelo pensamento humano tem acontecido de forma progressiva. No período de descobertas que acontece na idade média a relação social era quase inexistente, hoje as pessoas se organizam e dependem das sociedades para sobreviverem, unindo pensamentos podem criar tecnologias cada vez mais modernas, e com este grande salto de pensamento percebe-se a necessidade de criar uma maneira eficiente de organizar esta nova sociedade, surge então a Administração. (CHIAVENATO, 2000) “a palavra administração vem do latim *ad* (direção, tendência para) e *mister* (subordinação ou obediência)” a tarefa da Administração é de interpretar objetivos propostos pela organização e transformá-los

em ação organizacional por meio de planejamento, organização, direção e controle de todos os esforços realizados em todas as áreas e em todos os níveis da organização, e a fim de alcançar tais objetivos da maneira mais adequada à situação. Essa evolução veio exigir das pessoas uma inovação do conhecimento, pois esta é a consequência do mundo dinâmico em que a sociedade está inserida, em que este mundo vem exigindo das pessoas maior integração e adaptação, esta transição social aconteceu e economia tornou-se mais forte, ambos consequência da disseminação do conhecimento. Segundo Drucker (1992) o conhecimento adotou um caráter diferenciado ao longo dos anos, na antiguidade clássica o conhecimento foi trabalhado sobre o pensamento individualista, objetivando a ampliação tanto da satisfação como da ciência individual. Para uma melhor concepção deste processo evolutivo, se faz necessário buscar o entendimento sobre o surgimento da administração e suas perspectivas.

A administração surge em uma época de complexidade, mudanças e incertezas como hoje, tornando-se uma das mais importantes áreas da atividade humana, pois foi usada para administrar as incertezas que vem surgindo cada vez mais. A civilização atual é baseada no esforço cooperativo do homem, é a base fundamental da sociedade, a tarefa básica da administração é de fazer as coisas por meio das pessoas de maneira eficiente e eficaz. O avanço tecnológico e o desenvolvimento do conhecimento humano acabam não produzindo efeitos se a administração sobre os grupos de pessoas não permitir uma aplicação efetiva dos recursos humanos e materiais. As pessoas estão considerando a administração uma peça fundamental para que possa solucionar os problemas mais graves que atualmente afligem o mundo moderno. Peter Drucker (1992), autor neoclássico afirma “não existem países desenvolvidos e países subdesenvolvidos e sim países que sabem administrar a tecnologia e os recursos disponíveis e potências e países que não o sabem”, em outros termos podem ser considerado países administradores e países subadministradores.

A administração científica surge com os estudos de Taylor, que percebeu a necessidade de inovação do processo de produção, enfatizando a necessidade de se trabalhar com eficiência, dividindo as tarefas em múltiplas etapas e administrando a operação com mãos de ferro, para assim ter uma máxima produção com mínimo de custo. Esta fase conhecida como Taylorismo a civilização vivenciou também o Fordismo comandado pela genialidade de Henry Ford, que procurou modificar o

pensamento humano, já que percebeu-se a necessidade de se ter uma produção em série, com uma produção repetitiva. (CHIAVENATO, 2000) "Ford tinha um olhar moderno para a época" Henry explorava estratégias diferenciadas e técnicas de racionalização dos recursos oferecidos, sobre tudo o humano. Henry Ford sabia como administrar sua fábrica com uma genialidade praticamente perfeita, pois sabia adequar as tecnologias da época com uma grande agilidade, fazendo com que seus subordinados aprendessem a lidar com tais evoluções, por estes motivos que Ford era visto com um ser de pensamento bem evoluído para época em que estava vivendo. Taylor e Ford fizeram parte da escola clássica da Administração, além desta escola, a sociedade vivenciou a escola humanística que teve como responsável Elton Mayo e Hawthorne, um dos grandes focos desta abordagem foi a motivação dos indivíduos como fonte de consecução dos objetivos das organizações, pois motivando os indivíduos é fácil de se conseguir máxima eficiência em uma organização.

A evolução de algumas escolas administrativas conduz à idéia de novas configurações organizacionais, em que o foco está no conhecimento e no desenvolvimento das pessoas, por este motivo que o homem usa seu pensamento para a fabricação de novas tecnologias, pois dentro de uma determinada organização há necessidade de se produzir ou que chegue determinada informação as pessoas com uma certa rapidez, e só por meio da tecnologia isso é possível, o trabalho manual é muito lento demorando horas para fabricação de um produto, com as novas tecnologias que surgem é possível criar vários produtos em apenas minutos, cabe aos administradores gerenciar de forma eficiente e eficaz a empresa em que está atuando com um pensamento moderno, para que possa conseguir se destacar dos concorrentes. Com o uso das telecomunicações, computadores, e do transporte as organizações e empresas estão internacionalizando suas operações e atividades, por este motivo a tecnologia proporciona uma eficiência e maior precisão na liberação da atividade humana para tarefas mais complicadas e que exijam planejamento e criatividade. A tecnologia introduzirá novos processos e instrumentos que causarão impactos ainda maiores sobre as estruturas e comportamento das organizações e as sociedades, pois o pensamento do ser humano se evoluiu, e com certeza novas tecnologias surgiram.

REFERÊNCIAS

- CHIAVENATO, Idalberto. *Administração geral*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999, p.05 - 15.
- DRUCKER, Peter. *Administrar para o futuro*. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1992, p.20- 33.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SAMPAIO, Francirley. *A Evolução do pensamento administrativo*. Administradores, São Paulo. Disponível em: <<https://www.administradores.com.br>>. Acesso em: 13 nov. 2006

POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL: INCLUÍDA OU EXCLUÍDA DO QUADRO NACIONAL?

Texto 3

Resumo: Este artigo tem por objetivo abordar a marginalização do negro no Brasil. A herança histórica, as dificuldades no mercado de trabalho e no meio escolar, as diferenças salariais, o preconceito pela etnia e as ações desenvolvidas para diminuir as desigualdades quanto a distribuição de renda entre negros e brancos.

Eu tenho um sonho que um dia esta nação se erguerá e viverá o verdadeiro significado de seus princípios: 'Nós acreditamos que esta verdade seja evidente, que todos são criados iguais.' ... Eu tenho um sonho que um dia minhas quatro crianças viverão em uma nação onde não serão julgadas pela cor de sua pele, mas sim pelo conteúdo de seu caráter.

(LUTHER KING, 1963)

A discriminação e a exploração do negro no Brasil é uma prática presente desde a colonização. Mesmo alcançando igualdade jurídica com a abolição, o negro manteve não só a desigualdade econômica, mas também social para com os brancos. Ainda a antiga ideologia que definia bem a diferença entre ambos, reserva ao negro uma posição de submissão.

O preconceito étnico continua a ser exteriorizado de maneira discreta e branda, ou seja, o preconceito de etnia existe em várias regiões do Brasil e penetra em maior ou menor grau todas as classes sociais. A abolição e o processo de passagem da condição de escravo para a de cidadão foi feito de maneira errada já que, da noite para o dia os negros foram declarados livres, e após a "comemoração" encontravam-se sem abrigo, trabalho e meios de subsistência, o que resultou em sua marginalização e desfavorecimento. Os negros que viviam na cidade perambulavam, agora, pelas ruas e começaram a habitar cortiços que deram origem às favelas. Os que viviam no campo imigraram para os centros urbanos causando um aumento populacional nas cidades.

¹ Aluna das Faculdades Integradas de Jacareí, do curso de Administração de Empresas, Novembro de 2006. Disciplina: Língua Portuguesa, Prof^a Sílvia Helena Nogueira.

Durante muito tempo, os negros não conseguiram boas ocupações, principalmente, pela chegada de imigrantes europeus que passaram a substituí-los. Os serviços mais indignos, que exigiam poucos requisitos e eram mal remunerados representavam as oportunidades mais amplas para o negro no mercado de trabalho.

Com o aparecimento do capitalismo, por não possuir qualificação, o negro fica à margem do processo e passa a ser utilizado apenas em serviços pesados nas indústrias.

Isso reforça mais a idéia de que quando a procura de ocupações for maior que a oferta, ou quando esta for seletiva, os negros e mulatos sempre ficaram e ficarão em último lugar. Essa situação se reflete no nível econômico dos negros que levou a um processo de marginalização social. O escravo passa a ser assalariado, porém não participa da elevação social dos senhores brancos. E, admitir os negros como cidadãos significaria a diminuição ou até mesmo perda de benefícios conquistados com as diferenças criadas pela escravidão. Com isso, o preconceito e a discriminação étnica ganham novas formas e espaços de atuação em defesa dessa estrutura de privilegiados e explorados.

Atualmente, no Brasil, o processo de exclusão sofrido pelos afrodescendentes tem tido a função perversa de constituir um exército de reserva de mão-de-obra barata. A imagem do negro perante a sociedade é de desqualificado e incapaz, um estereótipo criado que torna restrito o mercado de trabalho. Em posições de pouca importância, sofrem também de forma bastante intensa com o desemprego, marcado pelo estigma de ser preto ou mulato.

Na sociedade capitalista, os rendimentos de trabalho dos negros são inferiores aos percebidos pelos brancos, associados a trabalhos menos qualificados ocupando setores de menor status social. Com isso, vê-se que por meio do preconceito a mão-de-obra negra é direcionada a serviços domésticos e pesados, mostrando que a cor sobrepõe a formação e competência.

O afro-brasileiro também enfrenta outro problema: a dificuldade de ingressar e permanecer no meio escolar. Isso ocorre em razão de sua baixa condição social, que o obriga a se inserir mais cedo no mercado de trabalho, comprometendo seu rendimento estudantil.

O negro tem entrado precocemente no ambiente de trabalho e é também o último a sair, trabalhando até mais de 60 anos. A realidade dele no mercado brasileiro é triste. Estatísticas mostram que ele se encontra nas áreas de serviços

mais pesados, como a construção civil, no campo e em serviços domésticos. As áreas "elitizadas" como os setores técnicos, científicos e administrativos a presença da etnia afro é reduzida, representando menos da metade em nível nacional.

A formação profissional não é suficiente para diminuir também as desigualdades salariais, uma vez que entre um negro e um branco de igual nível intelectual, o de cor receberá um salário inferior, desempenhando ambos a mesma atividade.

As diferenças educacionais também são grandes. Com relação ao ingresso na universidade, enquanto 18% dos negros têm possibilidade de ingressar no ensino superior, para os brancos esta possibilidade é de 43%.

No entanto, a sociedade brasileira tem se empenhado para modificar esse quadro tão cruel. O ministério do trabalho iniciou um processo de valorização do negro no mercado de trabalho promovendo a igualdade de oportunidades e tratamento. Primeiramente, realizou-se uma reunião técnica sobre discriminação que teve apoio da Organização Internacional do Trabalho na qual se discutiu as bases da ação inclusiva. Esta política recebeu o nome de ação afirmativa, mostrando, assim, um cumprimento efetivo do papel do Estado em tal questão. Seguindo sua postura, empresas também resolveram propiciar as pessoas de diferentes etnias, oportunidade democrática de inclusão.

Uma iniciativa que merece destaque é o projeto desenvolvido pela PUC-RJ que, desde 1994, vem concedendo bolsas de estudos a mais de 150 jovens afrodescendentes da Baixada Fluminense e prestando serviços educacionais e sanitários à população das favelas cariocas. Na Bahia, destaca-se o projeto com o Centro Federal de Educação Tecnológica que procura qualificar as vendedoras de acarajé, em sua maioria negras e pobres, por meio de educação social, cultural e sanitária. (SANCHES, 1997, p.130-132)

Muitas empresas também têm reservado uma porcentagem de vagas de empregos destinadas exclusivamente a negros. O poder público tem apoiado a criação de muitas leis antiracistas com o objetivo de diminuir as diferenças tanto sociais como econômicas para tornar a distribuição de renda mais justa entre as diversas etnias existentes no Brasil.

Todavia, a exclusão da massa negra ainda é muito forte no país. E, o brasileiro, tem grande dificuldade em assumir o seu racismo em razão do processo de convivência cordial que distorce o conflito. A escola e a mídia apresentam um

modelo branco de valorização o que colabora para a marginalização das outras etnias, principalmente, a negra. Como forma de solucionar esse problema, o governo federal criou o sistema de cotas no ensino superior que muitos consideram outra maneira de discriminação e preconceito, contrariando o objetivo de integração e afirmação do negro na sociedade. Entretanto, as narrativas de humilhação e dificuldades entram em choque com a presença e importância dos negros e seus descendentes na cultura e artes brasileiras. Religiões como umbanda e candomblé e lutas como a capoeira fazem parte da herança internalizada por eles na cultura nacional.

Apesar disso, o negro não é reconhecido. Ele é visto como um animal para ser observado que não serve para aproximação. É tido como um segmento da sociedade que se atrasou na dinâmica, sendo por isso parte do passado se marginalizando na medida em que não se integrou.

Enfim, somente por intermédio de medidas que levem a interligação dos setores público e privado em prol da inclusão de fato do negro e de seus descendentes no meio social e do fim das diferenças, construirá uma sociedade mais justa e democrática em oportunidades e recursos econômicos para incorporar, assim, os excluídos ao corpo da nação brasileira.

REFERÊNCIAS:

- SANCHES, Neuza. **Cores do Brasil**. Veja, São Paulo, 26 de mar. 1997, p. 130-132.
- SOARES, Rosângela. **Tá na cara que o Brasil é racista**. Jornal MNU, Salvador, set. 1997.
- ARRUDA, Roldão. **Deus é negro**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 de mar. 1998.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. **À sombra da escravidão**. Veja, 15 de mai. 1996, p. 52-65.
- FERNANDES, Florestan. **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo: T, A. Queirós, 1980.
- CEDI. **Dia nacional de combate ao racismo**. Portal da UFG, Goiânia, 18 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.ufg.br/datas/data.php?d=931>>. Acesso em: 26 nov. 2006.
- VOGT, Carlos. **Brasil negro: ações afirmativas e políticas de afirmação do negro no Brasil**. Com Ciência, São Paulo, 10 nov. 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/01.shtml>>. Acesso: 18 nov. 2006.
- LUTHER KING, Martin. **Eu tenho um sonho**. Portal Afro, São Paulo. Disponível em: <<http://www.portalaфро.com.br/religioes/evangelicos/discursoking>>. Acesso em: 19 nov. 2006.

A. PLANO COMPOSICIONAL

O primeiro aspecto a considerar é o plano composicional. Os textos 1, 2 e 3 seguem as apresentações gerais do artigo acadêmico-científico, em termos de formatação: título do texto, autor, resumo, corpo do texto fundamentado teoricamente e referências em acordo com as normas da ABNT. Compõem também este corpo as palavras-chave e o resumo em português e em outra língua. Quanto ao resumo neste *corpus* eles não aparecem porque os alunos foram liberados de apresentá-los, por mim, uma vez que as produções não seriam publicadas em revista científica.

Considerando leituras, debates e apontamentos anteriores que caracterizam o artigo acadêmico-científico pela exposição de um estudo que trata de questões reais, com fundamentação comprovadamente de caráter científico, esses três textos apresentaram tais requisitos.

A temática abordada foi desenvolvida conforme a proposta dada e houve demonstração de pesquisa documental, dados os argumentos utilizados, como, por exemplo, as citações pertinentes às idéias seqüenciadas. Considero também aqui o tipo de referências utilizadas: livros, periódicos e documentos eletrônicos.

A temática desenvolvida nos textos 1, 2 e 3 seguiu uma ordem seqüencial, sem digressões. Os três alunos mantiveram a progressão de idéias compondo uma exposição argumentativa concisa.

O texto 1 tratou da evolução tecnológica no contexto empresarial, sua importância na vida do empresário moderno, mostrando a ambigüidade deste avanço competitivo que desencadeou um processo de exclusão no mercado de trabalho.

O texto 2 estabeleceu um processo comparativo entre a evolução tecnológica, a evolução do pensamento humano – considerada determinante para as transformações criadas pelo homem para a sobrevivência das sociedades – e a evolução das configurações administrativas, nas quais o homem aplica seus conhecimentos.

O texto 3 abordou outra temática: a marginalização do negro no Brasil e suas dificuldades no mercado de trabalho, as diferenças salariais, o preconceito étnico e as ações para a diminuição das desigualdades neste setor. Ainda que tenham seguido abordagens diferenciadas, os textos corresponderam aos objetivos propostos.

No plano comunicativo, é possível identificar a preocupação dos alunos-autores em manter o olhar externo para as questões apontadas nos textos, procurando mostrar conhecer o fato de que os textos científicos devem ser imparciais e que um possível leitor destes textos tem o seu olhar direcionado para o debate de idéias e não opiniões particulares. Isso se comprova pelo uso da terceira pessoa do discurso.

À medida que os textos foram sendo interpretados foi possível perceber como a apresentação de elementos novos se integrava aos dados anteriores, de modo a caracterizar a progressão temática dos textos.

Isso se evidencia pelas citações de autores, como Postman (1983), no texto 1, Chiavenato (2000), no texto 2, e Sanches (1997), no texto 3, além de exemplificações por meio de dados do cotidiano, como:

Hoje é muito comum as empresas utilizarem aparelhos celulares para que seus funcionários estejam disponíveis sempre que necessário, sendo que as mesmas fornecem o equipamento para essa finalidade. (texto 1).

A civilização atual é baseada no esforço cooperativo do homem, é a base da sociedade, a tarefa básica da administração é de fazer as coisas por meio das pessoas de maneira eficiente e eficaz. (texto 2).

Atualmente, no Brasil, o processo de exclusão sofrido pelos afrodescendentes tem tido a função perversa de construir um exercício de reserva de mão-de-obra barata. (texto 3).

Essa exemplificação tem ainda outra função. Ela traz o argumento de autoridade, uma das características do gênero artigo acadêmico-científico, dados os aspectos da situacionalidade e da argumentação fundamentada.

Contextualmente, esses textos foram escritos para um leitor atual, que detém conhecimentos sobre os problemas que a sociedade enfrenta em todos os setores, desde o pessoal – para se adaptar aos processos formativos étnicos e aos avanços tecnológicos – até o administrativo. Pressupõe um leitor interessado no debate de idéias e na aquisição de novos posicionamentos a respeito da temática abordada. Ao mesmo tempo, não deixam de buscar persuadir esse mesmo leitor a pensar sobre as idéias expressas e até a se posicionar a respeito, aderindo ao ponto de vista do texto ou refutando-o. Isso se vê em:

A tecnologia não é totalmente ruim, considerando que ela facilita o trabalho das pessoas. Para efetuar pagamento mensal de funcionários, era preciso se dirigir a uma agência bancária, aguardar na fila até que fosse concluída a operação. Hoje é possível fazer tudo isso por meio da internet. Ainda assim a exclusão no mercado está presente neste meio, visto que são reduzidos os números de operadores de caixa em razão de todas essas facilidades. (texto1)

Com isso podem e devem ser considerados como evolução tecnológica os eventos vindos da inteligência do homem, que causem modificações substantivas no sistema social e produtivo da espécie humana nos diversos cantos do planeta, mesmo que estas modificações sejam processadas vagarosamente em cada sociedade. (texto 2)

O negro tem entrado precocemente no ambiente de trabalho e é também o último a sair, trabalhando até mais de 60 anos. A realidade dele no mercado brasileiro é triste. Estatísticas mostram que ele se encontra nas áreas de serviços mais pesados, como a construção civil, no campo e em serviços domésticos. As áreas “elitizadas” como os setores técnicos, científicos e administrativos a presença

da etnia afro é reduzida, representando menos da metade em nível nacional. (texto 3).

Os exemplos confirmam, na perspectiva bakhtiniana, a concepção de autoria, pois é no ponto de vista do outro que o autor irá completar o processo de suas idéias, dar-lhes acabamento. Bakhtin (2003) reitera que apenas o 'outro' pode receber acabamento espacial, temporal e de sentido. Neste plano discursivo, os textos evidenciam um ouvinte situável no tempo e no espaço, certamente um grupo de conhecedores e/ou especialistas nessa área do conhecimento ou mesmo um leitor que se identifica com o tema e, por isso, tem informações a respeito.

Neste sentido, o discurso defendido nos textos vai ao encontro daqueles discursos, presentes na sociedade, reconhecidos do tema que identificam a importância dos posicionamentos defendidos, porém parcialmente desenvolvidos a favor de mudanças mais efetivas. Isto quando se trata de prevenção às conseqüências dos usos tecnológicos, em especial no setor empresarial, e quanto à equidade social, em todos os sentidos, independente da etnia de cada grupo.

Pressuposto, desta forma, que o interlocutor seja conhecedor ou interessado no tema, algumas informações são supridas do discurso porque seu autor as considera desnecessárias naquele contexto, como em: "Também é necessário questionar não só a tecnologia, mas as mudanças que ela causa na sociedade e refletir sobre sua adoção, e, continuar ou não seu uso" (texto 1). Aqui, o autor não explicita quais seriam as mudanças porque pressupõe que elas já sejam conhecidas do leitor.

No texto 2, há referência a autores específicos da área administrativa, como Ford, Taylor, Mayo e Hawthorne, dos quais se espera o conhecimento do leitor.

No texto 3, a informação: "Com relação ao ingresso na universidade, enquanto 18% dos negros têm possibilidades de ingressar no ensino superior, para os brancos esta possibilidade é de 43%", requer do leitor o conhecimento dos dados percentuais, via informações periódicas

veiculadas nos meios de comunicação, em especial jornais e revistas; caso ele não saiba disso, poderá pesquisar por meio das referências indicadas no final do artigo.

Percebo, pelos exemplos acima, a intenção persuasiva dos autores, expondo fatos para comprovar os argumentos utilizados, validando, assim, no ponto de vista dos autores, o rigor científico dos discursos desenvolvidos.

Desse modo, os autores evidenciaram as pesquisas e leituras feitas, como preparação para produzir seu texto, garantindo a veracidade das informações apresentadas e mostrando o interesse do leitor. O gênero artigo acadêmico-científico cria no leitor a expectativa de conhecer o ponto de vista do autor. Nos três casos, a promessa se cumpre.

O fato de expressarem uma comunicação escrita argumentada responde aos anseios do leitor de um discurso de valor científico.

B. PLANO LINGÜÍSTICO: OS RECURSOS ORGANIZACIONAIS

Neste plano, a organização global dos enunciados atendeu, majoritariamente, aos requisitos essenciais para a composição do gênero artigo acadêmico-científico, pois os três textos utilizaram a norma culta, embora apresentem pequenos problemas quanto à pontuação, acentuação, ortografia. Fazem uso adequado dos elementos de coesão e de coerência, empregam os tempos verbais adequadamente, constroem orações e períodos concernentes aos padrões cultos da sintaxe de concordância e regência, evidenciando poucos equívocos.

A expressão lingüística do artigo também revela uma exposição organizada linearmente, o que permite compreender o processo de investigação e de redação como constitutivos do discurso utilizado.

Elaborei as tabelas abaixo, em função das ocorrências apresentadas, para tornar mais claras as considerações anteriores e contribuir para outros esclarecimentos posteriores.

As tabelas foram organizadas em dois quadros distintos, a saber: o primeiro, com exemplificações, quanto ao uso dos sinais de pontuação, ao emprego da acentuação gráfica, da ortografia e da repetição de palavras e/ou expressões; o segundo, também exemplificado, quanto ao uso dos tempos verbais, concordância e regência.

| Textos | Pontuação | Acentuação Gráfica | Ortografia | Repetição de palavras e/ou expressões |
|--------|--|---|--|---|
| 1 | Total de 10 usos inadequados de <u>vírgula</u> , nos <u>parágrafos 1, 6, 7 e 8</u> . | Sem casos | Sem casos | Repetiu-se a expressão <u>“cada vez mais”</u> no final do 1º. parágrafo e início do 3º. Neste último também houve a repetição de lexemas: <u>“auxiliar / auxílio”</u> |
| 2 | Total de 9 usos inadequados de <u>vírgula</u> , ao longo do texto, como também <u>dois-pontos</u> no 8º. parágrafo, período final, 1 falta de <u>ponto-e-vírgula</u> , no 9º. Parágrafo. | 3 inadequações, na escrita das palavras: <u>“ numero, esta</u> – 3ª pessoa do verbo estar, no presente do ind., <u>introduzira e ira</u> – verbo no futuro –, <u>fabrica e alem, potencia</u> (8º e 9º. parágrafos; 1 caso de inadequação na expressão <u>“conduz a idéia”</u> , no início do último parágrafo. | Há duas inadequações na do verbo surgir – <u>“surgir”</u> —no resumo e no 3º parágrafo, 1 inadequação na escrita de <u>“idade média”</u> , com letra minúscula, no 6º. parágrafo; 1 inadequação na escrita de <u>“sobre tudo”</u> , no 8º. parágrafo e no verbo surgir, na última linha do texto: <u>“surgiram’</u> – idéia de futuro. | Repete-se o <u>verbo surgir 7 vezes</u> , ao longo do texto, em conjugações diversas. No 3º. parágrafo também houve a repetição do conector <u>“assim”</u> . O advérbio <u>“hoje”</u> repete-se 3 vezes no texto. No último parágrafo, penúltima linha são desnecessárias: <u>“as e se”</u> . O termo “evolução tecnológica” repete-se no texto todo. |
| 3 | 4 inadequações quanto ao uso da <u>vírgula, no 7º e 15º parágrafos</u> . | 1 inadequação na expressão <u>“Propiciar as pessoas”</u> , 12º parágrafo. | Sem casos | Sem casos |

Ocorrência 1 – Aspectos Gramaticais – Quadro 1 de exemplificações

| Textos | Tempos Verbais | Concordâncias | Regências |
|---------------|--|--|--|
| 1 | Adequados - predomínio do presente do indicativo | Adequadas | Adequadas |
| 2 | Adequados - predomínio do presente do indicativo | Apresentação de inadequações: <u>no último período do parágrafo 2: "começam</u> a fazer toda uma evolução no meio social <u>em que está inserido</u> "; no parágrafo 5: "as pessoas <u>vem</u> "; no parágrafo 7: "As pessoas (...) <u>para que possa</u> solucionar os problemas" (passiva sintética); no último parágrafo: "em que esta atuando com um pensamento moderno, <u>para que possa</u> conseguir" (o sujeito é administradores). | Apresentação de inadequações em: "cabe aos administradores <u>a</u> gerenciar" – último parágrafo; " fez prender as <u> pessoas em bens</u> materiais" , no 5º. parágrafo. |
| 3 | Adequados - predomínio do presente do indicativo | Apresentação de uma inadequação: "no qual se <u>discutiu</u> as bases", no parágrafo 12 | Apresentação de 2 inadequações: "propiciar <u>as</u> pessoas", no parágrafo 12 e no 9º. Parágrafo: " <u>As</u> áreas 'elitizadas' como os setores técnicos". |

Ocorrência 1 – Aspectos Gramaticais – Quadro 2 de exemplificações

No texto 1, as ocorrências lingüísticas inadequadas foram mínimas. A incidência maior de equívocos deu-se no emprego da vírgula, com 10 casos de falta desse sinal de pontuação, em especial nos casos de expressões explicativas, o que não descaracteriza a completude do texto para o reconhecimento do gênero, nem implica compreensão equivocada das idéias do autor.

No texto 2, as ocorrências de deslizes foram em maior número, porém tão pouco comprometeram a seqüência das idéias apresentadas. Houve maior incidência de problemas com sinais de pontuação em razão dos períodos muito longos; na realidade, o discurso deste aluno aproximou-se do ritmo da fala. Percebe-se que o aluno talvez saiba usar a pontuação, mas, para não perder o fluxo das idéias, acaba por não utilizar adequadamente os sinais de pontuação, sobretudo aqueles identificados no quadro 1, vírgula, dois-pontos e ponto-e-vírgula.

Quanto à acentuação, suponho que se tratou de esquecimento, pois, comumente, isso ocorre nas produções feitas em sala de aula: os alunos conhecem as regras, mas só as empregam quando lembram ou são cobrados incisivamente.

Quanto ao esquecimento de acentos gráficos, assim como problemas ortográficos, podem decorrer de erros de digitação, porque, num segundo momento o emprego aparece de forma correta, como, por exemplo, no segundo parágrafo do texto 2: “ a revolução tecnológica surgiu quando o homem primitivo passa a dominar o fogo” e “ A revolução tecnológica surge então com os homens da caverna”. Em um texto redigido em linguagem culta, todavia, isso não deveria ocorrer e penso que este é um aspecto a ser criticado.

As repetições de palavras refletem os hábitos da fala; muitas vezes, os alunos não percebem que já disseram várias vezes o mesmo vocábulo ou expressão.

O mesmo processo de espelhamento da fala na escrita reaparece nos deslizes da sintaxe, com referência à concordância e à

regência. Novamente eis um aspecto negativo, já que o gênero artigo acadêmico-científico pressupõe emprego de sintaxe culta.

No entanto, observando-se os textos como um todo, vê-se que neles o uso da grafia e da sintaxe próprias da linguagem culta prevalece, o que evidencia que os alunos dominam as características do gênero, sem, entretanto, ter o hábito do uso constante do padrão culto da linguagem.

Examino, a seguir, o emprego dos tempos verbais. O presente do indicativo predomina nesse gênero. Seu uso revela explicitamente o compromisso em assumir o momento atual para a exposição das idéias resultantes da investigação teórica realizada, confirmando, ainda, a precisão do discurso científico por parte do enunciador. Isso corrobora um recurso argumentativo para confirmar a objetividade do discurso de caráter científico.

No texto 3, as ocorrências com problemas ortográficos foram mínimas. Com relação ao emprego dos tempos verbais e à sintaxe, reiterem-se para este caso as mesmas observações do precedente.

Quanto à repetição desnecessária de termos, cabe observar que não houve interferência de peso na exposição das idéias.

No conjunto, volto a reafirmar: os alunos assimilaram as características e as marcas lingüísticas do gênero. Sua dificuldade decorre da falta da prática de utilização dos recursos lingüísticos próprios da língua culta.

C. PLANO COMUNICATIVO: ASPECTOS DE COESÃO E COERÊNCIA

| Texto | Coesão Referencial | Coesão Recorrential | Coesão Seqüencial |
|-------|--|--|--|
| 1 | <p>Por Substituição pronominal, como no exemplo: “ Á medida que a humanidade sente a necessidade de reestruturar <u>sua</u> ligação com o mundo, <u>ela</u> parte para criação de novas tecnologias”/ Por Substituição por elipse, no parágrafo 10: “<u>cria</u> máquinas capazes de executar tarefa”.</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos e de alguns nomes específicos, por exemplo, no mesmo parágrafo 10.</p> | <p>Pela recorrência de termos específicos das áreas afins: “<u>adaptação aos recursos tecnológicos</u>, exigências para adentrar ao <u>mercado de trabalho</u>”.</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso do presente do indicativo e alguns casos da forma nominal de gerúndio, por exemplo, no 2º. e 10º. parágrafos, expressando redução de período pelo uso do gerúndio.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos coordenativos e subordinativos.</p> |
| 2 | <p>Por Substituição: pronominal, adverbial e por elipse. Por exemplo, o emprego dos pronomes possessivos seu, no 1º. parágrafo; no parágrafo 5, 3º. Período.</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos e de alguns nomes específicos e expressões definidas, como “<u>evolução tecnológica e avanço tecnológico</u>”.</p> | <p>Pela recorrência de termos específicos das áreas afins, no geral texto, como por exemplo, nos vocábulos : “<u>configurações organizacionais, comportamento das organizações, motivação dos indivíduos</u>”.</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso do presente do indicativo e da forma de gerúndio, na mesma incidência do texto anterior.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos coordenativos e subordinativos.</p> |
| 3 | <p>Por Substituição: pronominal e por elipse. Reiteram-se os empregos dos pronomes</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos e de alguns nomes específicos, como por exemplo, os termos: “<u>o negro, o afro-brasileiro, a massa negra</u>”.</p> | <p>Pela recorrência de termos específicos das áreas afins: “<u>discriminação étnica, processo de exclusão, mercado de trabalho</u>”.</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso do presente do indicativo e alguns casos da forma nominal de gerúndio, expressando a mesma incidência do texto anterior.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos coordenativos e subordinativos.</p> |

Ocorrência 2 – Aspectos de Coesão – Quadro 3 de exemplificações

A tabela 2 ilustra que os três textos apresentaram-se de forma coesa, com recursos próprios para a constituição do gênero, apontando alta incidência de emprego dos termos adequados. Isso demonstra a preocupação dos autores com a organização interna dos textos.

O texto 1 apresentou uma incidência menor de aspectos coesivos em relação aos outros dois, o que não descaracteriza sua qualidade. Isso ocorreu em razão de sua extensão, pois é um artigo mais pontual, expressando idéias e exemplificações mais enxutas no desenvolvimento da unidade temática.

Nos textos 2 e 3 os recursos de coesão foram utilizados com mais evidência, em razão da perspectiva histórico-social adotada pelos autores para expor seus argumentos em função da abordagem temática.

Observadas as incidências ocorridas no texto, evidencia-se que os três textos são coesos, por articularem adequadamente suas partes e empregarem os operadores apropriados para explicar, confirmar, ou reforçar os próprios posicionamentos.

Para se obter a coesão textual, ressalta a importância do emprego de elementos adequados para expressar as diversas relações semânticas. É preciso lembrar, também, que um mesmo elemento de ligação pode expressar relações semânticas diferentes, conforme a estrutura e o contexto em que vier inserido. (FÁVERO & KOCH, 1998, p. 41-42)

Reitero aqui a importância da coesão seqüencial no uso dos tempos verbais e dos conectivos, operadores do discurso, do tipo lógico. Diante da proposta comunicativa do gênero artigo acadêmico-científico – conduzir o leitor a uma atitude receptiva, interativa – observa-se a predominância do tempo do mundo comentado: o presente do indicativo, reafirmado pela forma nominal de gerúndio, para indicar a ação de pensar no momento atual. Exemplos:

Tanto as grandes quanto as pequenas empresas defendem a idéia de que as altas tecnologias as levarão ao topo da cadeia de negócios, tornando-as competitivas e inovadoras.
(texto 1)

Hoje as pessoas se organizam e dependem das sociedades que sobrevivem, unindo pensamentos podem criar tecnologias cada vez mais modernas (...)
(texto 2)

O ministério do trabalho iniciou um processo de valorização do negro no mercado de trabalho promovendo a igualdade de oportunidades e tratamento.
(texto 3)

Quanto ao uso dos conectivos, estão, praticamente, no mesmo patamar os coordenativos e subordinativos com o objetivo de fazer progredir o texto. Os mecanismos de coesão seqüencial fundamentam a estruturação lógica e coerente dos textos. Exemplos:

À medida que a humanidade sente a necessidade de reestruturar sua ligação com o mundo, ela parte para criação de novas tecnologias, pois estas, cada vez mais modernas, criadas pelo homem causam sua própria exclusão no mercado de trabalho.
(texto 1)

Não é só a internet que as pessoas acham impossível para uma pessoa imaginar a vida sem, pois é um tipo de comunicação instantânea e um entretenimento de baixo custo.
(texto 2)

Entretanto, as narrativas de humilhação e dificuldade entram em choque com a presença e importância dos negros e seus descendentes na cultura e artes brasileiras.
(texto 3)

Com a incidência de casos dos operadores do discurso, constato que houve uma preocupação dos alunos em utilizar, com cuidado e correção, estes elementos na estruturação dos próprios textos.

O que completa o processo da organização coesiva dos textos está na utilização adequada dos termos específicos da área administrativa, o que mostra uma articulação concisa da exposição em relação à temática apresentada, por exemplo, no texto 1 e 2, respectivamente:

É possível dizer que se um funcionário não se adapta aos recursos tecnológicos, estará excluído do mercado de trabalho. Hoje é muito comum as empresas utilizarem aparelhos celulares para que seus funcionários estejam disponíveis sempre que necessário, sendo que as mesmas fornecem o equipamento para essa finalidade.

Peter Drucker (1992), autor neoclássico afirma: “não existem países desenvolvidos e países subdesenvolvidos e sim países que sabem administrar a tecnologia e os recursos disponíveis e potencias e países que ao sabem”, em outros termos podem ser considerados países administradores e países subadministradores.

Reportando-me ao capítulo 3, quanto às explanações sobre a Lingüística Textual, trago de lá, para o quadro abaixo, as referências sobre os aspectos de coerência, enfocando: a manutenção temática, a progressão, a articulação, a informatividade, a intencionalidade e a situacionalidade.

Esclareço, ainda, que a marcação da incidência dos aspectos de coerência pelo símbolo “x” significa que os textos, em suas composições, apresentam tais aspectos que caracterizam o gênero em questão.

| Texto | Manutenção Temática (não houve fuga) | Progressão (consistên- cia e relevância discursiva) | Articulação (relação de pertinência entre os fatos apresentados) | Informatividade (menor previsibilidade) | Intenciona- lidade (grau de persuasão/ argumentos concretos) | Situaciona- lidade (relação texto- situação e vice-versa) |
|-------|---|---|--|---|---|--|
| 1 | X | X | X | X | X | X |
| 2 | X | X | X | X | X | X |
| 3 | X | X | X | X | X | X |

Ocorrência 3 – Aspectos de Coerência – Quadro 4 de exemplificações

Para um texto ser lido como coerente é necessário que os enunciados sejam apresentados com consistência de verdade e relevância em relação ao tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis em relação à temática abordada.

Nos três textos houve relação de pertinência entre os fatos apresentados, caracterizando a articulação progressiva das idéias e a não-contradição diante dos aspectos contextuais.

Para Kock e Travaglia (1995, p. 81),

o texto será tanto menos informativo, quanto maior a previsibilidade; e tanto mais informativo, quanto menor a previsibilidade. A informatividade exerce, assim, importante papel na seleção e arranjo de alternativas no texto, podendo facilitar ou dificultar o estabelecimento da coerência.

À medida que os textos demonstraram elaborações de leitura, por meio das referências ao discurso de outrem, via citações e/ou exemplificações, esses aspectos de informatividade se fazem presentes. Esse movimento resulta em elemento fundamental de coerência na estruturação dos textos produzidos exemplificado em:

Os custos sociais só se tornam evidentes muito tempo depois de sua adoção. (RHEINGOLD, 2006, p.58)
(texto 1)

Na Bahia, destaca-se o projeto com o Centro Federal de Educação Tecnológica que procura qualificar as vendedoras de acarajé, em sua maioria negras e pobres, por meio de educação social, cultural e sanitária. (SANCHES, 1997, p. 130-132)
(texto 3)

Retomo o aspecto discursivo sobre a presença da heterogeneidade mostrada, uma vez que o autor utilizou-se do discurso do outro para sua explanação. O diálogo se estabelece.

A presença do 'outro' no discurso de caráter científico não só indica informatividade como se revela uma estratégia argumentativa, reconhecida como argumento de autoridade. Este é um fenômeno que considero importante na construção dos sentidos do texto para confirmar as idéias defendidas.

Embora tais citações e referências explícitas constituam, na forma, verdadeiros discursos relatados, parece-me que a presença do componente intencional, subjacente e orientador do discurso, leva a extrapolar o simples relato..., a intenção parece ser sempre a mesma: mostrar a importância e a pertinência da própria experiência, situá-la no conjunto de pesquisas da mesma área, enfim, conseguir a adesão do outro (leitor-cientista) à própria tese. Tal intencionalidade, como houve oportunidade de assinalar, se percebe no encadeamento dos enunciados a partir das referências. (CORACINI, 2007, p.170)

Ressalto a intencionalidade. Quem produz um texto possui intenções específicas para atingir determinado fim. Isso, certamente, levará a prever uma pluralidade de interpretações. Os argumentos irão ou não convencer os interlocutores do que se pretende. Compartilhar um propósito com o outro implica certo grau de persuasão, o que na produção escrita, também referenda a coerência do texto.

No aspecto da situacionalidade, identifico a relação de mão dupla entre a situação comunicativa e o gênero artigo acadêmico-científico. A situação de comunicação faz interferência na maneira como os textos se constituíram. Inversamente, os textos, pela sua intencionalidade, lançam reflexos na situação, introduzida no texto via mediação. Este processo acaba sendo mais um ponto de apoio à coerência interna dos textos.

Os três textos apresentam aspectos de coesão e coerência, o que os qualifica como textos de fato. Quanto ao gênero artigo acadêmico-científico, o atendimento quase pleno dos requisitos foi evidenciado. Houve a exposição das informações pesquisadas sobre a temática, o registro da idéias defendidas, com argumentos comprovados, e a demonstração de que o processo de autoria foi se constituindo pela própria construção do texto.

Apesar dos pequenos equívocos de caráter lingüísticos mostrados nas tabelas, os textos conquistam credibilidade, uma vez que não se revelaram num discurso isolado, ao contrário, mostraram uma preocupação com a realidade, com problemas que não devem ser compreendidos isoladamente. Esta posição, certamente, está alicerçada em uma nova forma de valores, referendada pelos discursos presentes nos textos, que se pautam pelo respeito à diversidade e ao homem, sem desconsiderar a necessidade dos avanços tecnológicos.

ANÁLISE DOS TEXTOS 4, 5 E 6

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA: A AUTO-SUFICIÊNCIA DA TECNOLOGIA

Texto 4

Resumo: Com o passar dos anos o homem foi se transformando, evoluindo seus pensamentos e criando novas formas de sobrevivência, introduzindo cada vez mais tecnologia em seu cotidiano, o que gerou uma perda do controle das mesmas.

A televisão preto e branco, os discos de vinil, as fitas cassetes ou os rádios à pilha, que constituíam, na época em que foram criados, maravilhas tecnológicas e faziam as delícias da juventude, estão prestes a cair no esquecimento. As novas tecnologias entram no cotidiano a uma velocidade inigualável. Assim aconteceu com as civilizações orais e escritas, a invenção da imprensa, o surgimento dos jornais, a eletricidade que trouxe evoluções como o telefone, a televisão, os computadores, a internet e todas as invenções que foram revelando a evolução do pensamento humano. As tecnologias criadas pelo homem para o domínio da natureza são tantas que ele acabou perdendo o controle das inúmeras invenções que foram criadas para controlar, ou pelo menos ter uma possibilidade de controle quase completa. Com o passar dos anos o homem evoluiu seu pensamento e criou coisas novas para modernizar o seu dia-a-dia, facilitando a execução de tarefas que ocupavam um tempo considerável para serem executadas, porém o "Homo-Sapiens" se superou e conseguiu alcançar um nível de intelectualidade que nem mesmo ele esperava.

As tecnologias são consideradas como a causa principal das mudanças na sociedade, e são vistas como padrão de sustentação da organização social. Os avanços tecnológicos afetam a sociedade em todos os níveis, inclusive institucional, social e individualmente.

Segundo Ellul (1964) as tecnologias carregam consigo um número de consequências positivas e negativas, não importando como e para que são utilizadas. Não é apenas uma questão de intenções. O desenvolvimento tecnológico não é bom ou mal ou neutro. As pessoas tornam-se condicionadas por seus

¹ Aluna do curso de Administração de Empresas, , das Faculdades Integradas de Jacareí. Novembro de 2006. Disciplina Língua Portuguesa II. Prof^a Sílvia Helena Nogueira.

sistemas tecnológicos, independente de se acreditar que as tecnologias são boas ou más, elas continuarão seu curso fazendo o que sempre fazem; subjugando a humanidade. Utilizando o pensamento de Ellul para o contexto empresarial atual, esta citação retrata o que acontece nas organizações: as novas tecnologias e modernidades implantadas trazem muitos benefícios no que diz respeito a melhoria de qualidade, tempo de execução e redução de custos, por outro lado subjugam a capacidade humana ao mínimo. As 'máquinas' alteram as relações pessoais e interpessoais, não importando o uso que se faz delas, seu efeito foi reestruturar o trabalho humano, colocando-o em segundo plano, ou seja, com a introdução da tecnologia nas empresas a mão-de-obra deixa de ser a prioridade, já que um equipamento em menos tempo e a um menor custo desempenha uma função que necessita de mais de duas pessoas.

A tecnologia tem se tornado autônoma e auto-expansível, algo que não está no controle humano, que muda de acordo com o momento e influencia diretamente a sociedade:

"Toda tendência da tecnologia tem sido inventar máquinas que estão cada vez menos sob controle direto e cada vez mais parece ter vontade própria. É clara a progressão do controle direto e imediato pelos meios humanos, até mesmo em tempos primitivos, para o 'escorregão' à frente até extrapolar e criar invenções ainda menos controláveis, até mais independentes que qualquer coisa de que eles tinham experimentado diretamente". (ASIMOV, 1981)

Mais do que a quebra da rotina cotidiana, a tecnologia se transforma cada dia mais o dia-a-dia da sociedade, inutilizando o trabalho, revolucionando e mudando os hábitos e pensamentos humanos. As invenções estão a cada momento sendo inovadas pelo homem que a princípio tem o controle total de suas criações, mas com o passar do tempo cada tecnologia criada gerava uma novidade ainda mais interessante e útil, desta já surgia uma idéia mais atrativa e moderna até o seu criador perceber que nada que se faça atingiria o topo, mas tudo seria sempre substituído por algo mais inovador ainda. É evidente que os recursos tecnológicos melhoram e agilizam a vida do homem, a questão é a alienação que esse avanço gera para as pessoas, a realidade é que as empresas adquirem cada vez mais equipamentos que não necessitam de pessoas para operá-los, (o que prova a auto-suficiência da tecnologia).

Não se pode negar que a economia moderna convive hoje em uma competitividade muito forte, necessitando que todos, tanto empresas como funcionários acompanhem passo-a-passo tudo que acontece com o progresso tecnológico de toda parte do mundo para que se possa sobreviver e estar na vanguarda da evolução dos tempos, contudo não se pode deixar que elas tomem conta de todos os campos de trabalho que ainda restam e alcance uma dimensão na qual será impossível voltar atrás, para rever e analisar o que pode ser feito, entretanto uma coisa ainda é certa o criador está alienado a sua própria criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:

ASSISMOV, Isaac "Assismov on Science Fiction", 1981, p.130.In: Determinantes do avanço tecnológicos". **EMVI**, Málaga (Espanha).Disponível em: <<http://www.eumed.net>>. Acesso em:05.nov.2006.

ELLUS, Jacques "The Tecnological Society ",1964. In: Determinantes do avanço tecnológicos". **EMVI**, Málaga (Espanha).Disponível em: <<http://www.eumed.net>>. Acesso em:05.nov.2006.

CESAR, Ricardo. **Revista Exame**. "O poder da geração digital" Ed.875 – ano 40 – n.14, n.17, p.21-30.

DETERMINISMO tecnológico. Infoamérica, Málaga (Espanha). Disponível em <<http://www.infoamerica.org.br>>. Acesso em: 3.nov.2006.

MANSFIELD, Edwin. Microeconomia: teoria e aplicações. Rio de Janeiro, Campus, 1978, p.439.

A NOVA SOCIEDADE E SUAS CONSEQÜÊNCIAS NA VIDA DOS MAIS VELHOS.

Texto 5

Resumo: A necessidade de se construir uma sociedade democrática e inclusiva, onde todos tenham seu lugar é um consenso. Muitas são as influências do atual sistema econômico na vida da população e nos aspectos culturais. A evolução tecnológica, o avanço da ciência são conseqüências de vidas e conhecimento de pessoas que lutaram em busca do amanhã, é preciso encontrar melhores caminhos para que essa sabedoria conquistada no decorrer de uma vida não seja desvalorizada.

O mercado está em mudanças constantes. O atual modelo econômico transforma o tempo em dinheiro, essas mudanças são capazes de revolucionar aspectos não só administrativos, mas também culturais.

A capitalização do tempo é a principal conseqüência do capitalismo. As organizações competem em um cenário em constante mudança, que por conseqüência da falta de tempo, são obrigadas a reestruturar sua organização, criar novas estratégias e desenvolver um planejamento para atingir metas.

A nova estrutura organizacional possui um departamento inteiro voltado para o funcionário que se preocupa com a motivação, nível de satisfação dos empregados, clima organizacional, a imagem da empresa na sociedade, seu papel e contribuições para a mesma. Os aspectos sociais, comprometimento com o meio ambiente, são as novas metas do RH.

O papel da empresa na sociedade é hoje a mais nova preocupação dos empresários. "Toda organização depende de outras organizações e da sociedade em geral para poder sobreviver", afirma Chiavenato (2003,p.76). A gestão de pessoas era no começo dos estudos administrativos insignificante, o principal objetivo era números

¹ Aluna do curso de Administração de Empresas. das Faculdades Integradas de Jacareí.
Novembro de 2006. Disciplina Língua Portuguesa II, profª Silvia Helena Nogueira.

de produção. O avanço da ciência administrativa, a revolução humana, desenvolveu nas organizações uma nova preocupação e novos caminhos.

Essas mudanças organizacionais são decorrentes de fatores externos, capazes de mudar também hábitos, costumes, e criar um novo padrão social. A evolução da ciência, os interesses sociais, fatos históricos, são algumas das principais causas capazes de revolucionar a sociedade, e fazer com que esta caminhe para um novo modelo.

Antes se trabalhava o suficiente para se casar, ter filhos e sustentá-los até quando eles tinham condição de se casar e ter filhos e assim continuar a humanidade. Não era tão comum para as pessoas viverem até idades avançadas. Uma das coisas que chamam a atenção no novo modelo social é o aumento da população idosa, que se aposenta e continua trabalhando.

O sistema social se depara com um grande problema atualmente, dois fatores presentes na sociedade aumentam como resultado do conhecimento, o aumento da população economicamente ativa e a evolução da tecnologia, mas diante uma sociedade ainda sem planejamento e estrutura esse aumento tem sido negativo, já que a evolução da tecnologia representa demissão de pessoas.

A sociedade vive na atual modernidade uma cruel realidade, afins de reduzir custos, os departamentos de RH estão contratando estagiários, trainee e diminuindo o número de profissionais formais, antigos. A inclusão dos jovens no mercado de trabalho é usada como pressuposto para retirar os profissionais mais velhos, conseqüentemente, mais caros. O grande problema nessa inclusão é a exclusão de uma classe que vêm crescendo, na nova sociedade a expectativa de vida aumentou muito.

Os idosos acima de 60 anos, participam da vida da sociedade de uma maneira muito mais ativa do que se imagina. O novo trabalho dos aposentados hoje é outra realidade com a qual os filhos estão se acostumando. Os idosos, mais saudáveis e com energia de sobra que deixa muitos jovens comendo poeira, não se limita a ficar em casa somente assistindo à televisão.

As reformas nas empresas, tanto na questão meio ambiente, como a inclusão social está cada vez maior. "A administração é fundamentada em uma cultura no ambiente social ou código moral", afirma Chiavenato (2003, p.82) é como podemos

perceber em escolas universidades e organizações a preocupação com as cotas raciais e deficientes físicos está aumentando. Os programas de inserção do jovem nas Universidades crescem, junto com o número de jovens nas empresas.

Esses jovens hoje inclusive entram por meio de programas, uma ajuda apresentada pelo governo e empresa, os quais demonstram esquecer dos mais velhos, as empresas precisam rever seus conceitos, e ao invés de excluir os mais velhos mantê-los dentro das organizações como fonte de sabedoria.

O crescimento do índice de idoso, segundo a Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados) no futuro serão necessárias menos escolas, mas a pressão sobre os serviços de saúde crescerá. O número de pessoas com mais de 50 anos mais do que dobrará

A atenção ao idoso demandará profissionais preparados e uma rede ampla de centros de saúde especializados, de lazer e de unidades de cuidados diários, além de oferta garantida de remédios de uso contínuo.

Esse é um problema se visto por um lado, mas uma oportunidade para o futuro. "Seria pequeno achar que o envelhecimento é só um problema", afirma Marília Berzins, assistente-técnica da área de Saúde do Idoso da Prefeitura de São Paulo.

A sociedade e o sistema capitalista trazem mudanças, e oportunidades, junta a elas, a inclusão do idoso no mercado de trabalho se tornará uma necessidade, sua sabedoria e experiência de vida devem ser aproveitadas da melhor forma, já que ainda não se encontra dentro das organizações máquinas que gerenciam pessoas, identificam necessidades e encontram oportunidades.

O aumento da esperança de vida da população como resultado de melhorias de suas condições de vida não deve ser um fator desprezado, mas sim estudado para melhor ser aproveitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHIAVENATO, Idalberto. *Gerenciando pessoas: Como transformar gerentes em gestores de pessoas*. 4. ed. São Paulo: Pearson, 2003.
<http://www.mpas.gov.br> <acesso em 25/11/2006, 17h35min>
<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos> <acesso em 25/11/2006; 18h20 min>

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA: DO PROCESSO HISTÓRICO AS CONSEQUÊNCIAS ATUAIS.

Texto 6

Resumo: A sociedade hoje passa por uma informatização muito rápida. Isso facilita a vida de muitas pessoas, mas prejudica outras. Esse artigo analisa a evolução tecnológica através dos tempos, as consequências no mundo de hoje e aponta saídas para o trabalhador tentar se adaptar a essa nova realidade.

Desde os primórdios o homem trabalhou sob duas óticas: explicar e explorar o universo em que vive. Analisando historicamente os primeiros avanços tecnológicos, como a descoberta do fogo e a confecção da primeira roda, percebe-se que esses avanços foram tão importantes que são usados até hoje para tudo. Usa-se o fogo como combustível ou para cozer alimentos, enquanto a roda está contida em praticamente todo o maquinário desenvolvido pelo ser humano, na forma de engrenagens que fazem o equipamento funcionar.

Dos primórdios até a Idade Média vê-se que o homem desenvolveu o artesanato e a agricultura. Esse período histórico foi regido pelo teocentrismo, ótica segundo a qual Deus é o centro do universo. Isso limitou muito o avanço da humanidade em muitos níveis, pois o pensamento religioso era muito forte e idéias originais eram malvistas pela sociedade.

Os principais movimentos que mudaram esse cenário foram as Revoluções Francesa e Industrial. Essas revoluções originaram duas principais mudanças: passou-se a ter uma visão antropocêntrica da sociedade, o homem era o centro do universo. A segunda mudança foi no campo do trabalho, passando do artesanal para o industrial, com o auxílio de grandes máquinas para auxiliar e aumentar a produção.

Hoje o avanço tecnológico aumentou. Engrenagens foram substituídas por microprocessadores, passou-se do trabalho braçal ao trabalho mecanizado. Isso trouxe melhorias, como o aumento da produção e uma certa redução nos custos.

Para a indústria isso é bom. Contudo esse avanço não tem sido bom para o trabalhador comum. Este acaba sofrendo com esse avanço tecnológico, vítima de demissão em massa. A justificativa que a empresa dá ao empregado caiu no lugar comum: "cortes no pessoal", "reestruturação da empresa", entre outros. A grande

¹Aluno das Faculdades Integradas de Jacareí, do curso de Administração de Empresas, Novembro 2006. Disciplina: Língua Portuguesa. Prof^a: Sílvia Helena Nogueira.

verdade é que muitas vezes, quando a indústria adere às novas tecnologias, ela dispensa o operário que não está apto a trabalhar com e esses novos recursos.

Há uma concepção ingênua, aparentemente sensata sobre a produtividade: quanto mais ela cresce, assim pensa o bom raciocínio humano, mais alívio traz à vida em comum. A maior produtividade permite fabricar mais bens com menos trabalho. Em nossa época, no entanto, parece que o aumento da produtividade, além de criar uma quantidade exagerada de bens, resulta numa avalanche de desemprego e miséria.(OLIVEIRA, 2001 p. 188).

Essa é a realidade de muitos países. Independente de eles serem desenvolvidos ou subdesenvolvidos, muitos passam por essa situação quando aderem a tecnologia. Segundo o livro de Pêrsio Santos de Oliveira:

Do operário de macacão e marmitta ao executivo de gravata e casa de praia, ninguém nos Estados Unidos está seguro no emprego. Ninguém tem mais sossego. Nos Estados Unidos, o medo do desemprego se espalha porque o avanço tecnológico é demasiado rápido e não cessa de transferir para máquinas as funções do ser humano.(OLIVEIRA, 2001 p. 188).

Isso deixa o trabalhador com poucas alternativas. Uma delas é voltar a estudar, aprendendo a manusear a tecnologia que está em sua empresa. Essa saída não serve somente para área tecnológica, mas para qualquer outra área em que o trabalhador corra o risco de ser substituído. Empresas como a Johnson e a Votorantin dão ao operário a oportunidade de que ele ingresse no ensino superior para continuar no emprego. Geralmente essas empresas dão ao funcionário uma bolsa de cinquenta por cento, porém, muitas vezes elas exigem que ele faça faculdade em uma área específica, como engenharia ambiental ou administração com habilitação em marketing, por exemplo.

Outra opção, segundo o autor Jeremy Rifkin, é ir para o setor de serviços. Esse setor dificilmente será substituído inteiramente por tecnologia e sempre necessitará de mão-de-obra capacitada. Além disso, é um dos setores mais baratos de se investir. Segundo artigo da internet:

Organização Mundial de Turismo (OMT) demonstra bastar sete mil dólares para a manutenção de um emprego no setor. Em moeda nacional, a criação de um posto de trabalho na indústria automobilística exige 170 mil reais, mas 40 mil reais criam um emprego num hotel e 10 mil, num restaurante. Esta comparação explica o porquê de o turismo representar 11% do mercado mundial de trabalho.(FILHO, 2004).

Uma última opção seria ingressar no trabalho informal. Porém, ingressando nesse ramo, muitas vezes não se têm algumas das garantias que se adquire no trabalho formal, como décimo terceiro, férias, seguro-desemprego, e carteira assinada.

Conclui-se que a transição da mão-de-obra operária para a mecanização nas indústrias não irá parar, aliás, a tendência é aumentar cada vez mais. Se os novos operários que estão entrando no mercado de trabalho, não entrarem preparados para as exigências do mesmo, não irão conseguir atingir as metas desejadas. Deve-se estar por dentro dos avanços das tecnologias, saber lidar com as grandes mudanças e é preciso adaptar-se a elas rapidamente. A substituição da mão-de-obra é um fato que atinge inúmeros trabalhadores, mas para os mesmos terem o direito de reclamar, é preciso antes de qualquer coisa se capacitar. Essa radicalização toda no mercado de trabalho traz consigo seus pontos positivos, afinal de contas, quem não terminou de estudar, vê-se obrigado a retomar seus estudos, aqueles que estão estudando, vêem-se incentivados a não parar. A cada dia, trabalhadores querem se especializar cada vez mais, para que possam ter mais chances com outros do mesmo ramo. Essa revolução toda é inevitável, a economia vem crescendo a cada dia, o número de demandas aumenta com o passar do tempo, e é preciso uma produção elevada para atender a esses dois pontos.

REFERÊNCIAS.

FILHO, Milton Mira Assumpção. **M Books do Brasil**, São Paulo, nov. 2004.
Disponível em: <<http://www.mbooks.com.br/artfimepregos.html>>. Acesso em: 26 nov. 2006.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia**. 24. ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 188.

A. PLANO COMPOSICIONAL

No plano composicional os textos 4, 5 e 6 também atendem aos aspectos da formatação geral do gênero acadêmico-científico, já analisados nos textos 1, 2 e 3. Cabe notar que o texto 5 apontou pequenos equívocos quanto a referências conforme a ABNT, em especial para os documentos eletrônicos. Os resumos dos textos 4 e 5 apontam mais para uma reflexão do que propriamente informações sobre o texto subsequente; já o texto 6, ao contrário, é bastante objetivo e apresentou um resumo mais adequado para o gênero.

As fundamentações teóricas foram apresentadas de forma simplificada, com considerações pertinentes quanto à temática, demonstrando ter havido leitura e compreensão.

É possível perceber as idéias seqüenciadas, no entanto, não apresentam o aprofundamento desejável nesse gênero. Como em: “A tecnologia tem se tornado autônoma e auto-expansível, algo que não está no controle humano, que muda de acordo com o momento e influencia diretamente a sociedade.”. (texto 3). Neste exemplo, o autor não explica o porquê de a tecnologia ter se tornado autônoma e auto-expansível. Isso possibilitaria uma compreensão expansiva. Também se pode ver esse problema no texto 5, em: “Essas mudanças organizacionais são decorrentes de fatores externos, capazes de mudar também hábitos, costumes, e criar um novo padrão social.”.

Estes três textos também mantiveram a progressão de idéias, com seqüência linear adequada. O texto 4 abordou a questão da evolução tecnológica, suas transformações e formas de intervenção na vida do homem. O texto 5 apresentou uma reflexão sobre a nova constituição da sociedade tecnológica e a presença do idoso no mercado de trabalho. O texto 6 seguiu uma ordem mais específica, apontando comentários sobre a evolução tecnológica no tempo, sua conseqüência para o mundo atual e possíveis saídas para o trabalhador tentar se adaptar a essa nova realidade.

Os três textos correspondem à proposta, não fugiram dos objetivos. No entanto, algumas considerações estão um pouco superficiais. O caráter científico, por outro lado, não pode ser descaracterizado porque se fez presente no uso da terceira pessoa do discurso, indicando não parcialidade. Toca os temas, tratam dele, conquanto não os aprofundam.

Os alunos-autores tiveram o cuidado em estabelecer um diálogo com a realidade atual, no plano comunicativo, demonstrando preocupação com as conseqüências desencadeadas pelos avanços tecnológicos, colocando o homem, na ambígua situação de promotor desses avanços e, também, receptor dos problemas desencadeados por eles. Interpreto este posicionamento como um aprendizado dos alunos para uma visão amadurecida do tema tratado.

É possível constatar nos três textos o caráter progressivo, uma vez que há integração de informações na seqüência dos parágrafos, referendadas pelos recursos argumentativos das citações. Este foi um dado positivo nos textos 4 e 6, mas reduzido a um ponto específico do texto 6 e do texto 5, porque neste há uma única citação literal, no final da segunda página: “ ‘A administração é fundamentada em uma cultura no ambiente social ou código moral’, afirma Chiavenato (2003, p.82)” e uma afirmação de Marília Berzins, sem indicação referencial, apenas informação do cargo que ocupa na área de Saúde do Idoso da Prefeitura de São Paulo. No texto 6, há também uma citação de autor, porém sem a referência adequada na segunda página, parágrafo cinco, sobre Jeremy Rifkin.

Cabe neste ponto uma consideração dialógica para com a realidade: como os alunos lêem pouco e escrevem menos ainda, eles estão acostumados a se apoderar do discurso do outro como sendo próprio. Não percebem que citam ou, muitas vezes, para eles, isto não é “um erro”, afinal eles leram e, em seus textos, estão expressando o resultado da pesquisa. Mesmo quando sabem, não percebem a necessidade da indicação referencial. Num processo interno de enunciação, esse contexto desencadeia-se numa espécie de heterogeneidade interna a uma formação dominante de constituição, e, por isso ganha um novo movimento.

Contextualmente, estes textos também foram escritos para um leitor atual, atento às questões das Ciências Humanas e que detém conhecimentos para o tratamento específico da área. Portanto, é um leitor engajado nas informações, aquele que não deixa de pensar sobre o que leu, aceitando ou contrapondo argumentos. Assim os textos seguiram dialogando com a realidade e com o conhecimento do leitor.

A tecnologia tem se tornado autônoma e auto-expansível, algo que não está no controle, que muda de acordo com o momento e influencia diretamente a sociedade.
(texto 4).

O atual modelo econômico transforma o tempo em dinheiro, essas mudanças são capazes de revolucionar aspectos não só administrativos, mas também culturais.
(texto 5)

Deve-se estar por dentro dos avanços das tecnologias, saber lidar com as grandes mudanças e é preciso adaptar-se a elas rapidamente.
(texto 6)

Na perspectiva bakhtiniana, estes textos assumem a relação dialógica essencial na constituição discursiva, ainda que de forma incipiente. Os textos situam-se no tempo e no espaço do hoje, pressupondo um leitor atualizado que detém informações comuns.

O discurso presente nestes textos, a princípio, demonstrou, predominantemente, um caráter expositivo. Ao expor, seqüenciou esclarecimentos e posições determinadas quanto ao ponto de vista defendido. Essas observações referendam caracterizações do gênero artigo acadêmico-científico, dados seus aspectos de situacionalidade.

Ao contrário dos textos 1, 2 e 3, que pressupunham que o leitor fosse detentor de informações subentendidas no discurso, os textos 4, 5 e 6 são mais explícitos, tornando a leitura simplificada. Neste ponto, é possível identificar o caráter científico, porém com menor rigor.

Percebo neles uma dicotomia entre o compreendido e planejado, por um lado; e os realizados, por outro. Os aspectos do gênero presentes no texto sugerem que ele foi assimilado e que os alunos-autores planejaram produzir um texto que fosse um artigo acadêmico-científico. O produto final, no entanto, não atende à expectativa, caracterizando apenas parcialmente o gênero e apresentando lapsos em relação à proposta.

Embora estes textos tenham demonstrado preocupação com o processo argumentativo, o valor científico ficou um pouco prejudicado em razão de posicionamentos mais generalizados. Isso se pode ver nos exemplos abaixo.

As tecnologias são consideradas como a causa principal das mudanças na sociedade, e são vistas como padrão de sustentação da organização social. Os avanços tecnológicos afetam a sociedade em todos os níveis, inclusive institucional, social e individualmente.
(texto 4)

A atenção ao idoso demandará profissionais preparados e uma rede ampla de centros de saúde especializados, de lazer e de unidades de cuidados diários, além de oferta garantida de remédios de uso contínuo.
(texto 5)

Essa é a realidade de muitos países. Independente de eles serem desenvolvidos ou subdesenvolvidos, muitos passam por essa situação quando aderem à tecnologia.
(texto 6)

B. PLANO LINGÜÍSTICO: OS RECURSOS ORGANIZACIONAIS

Na expressão lingüística, os artigos demonstraram uma exposição organizada linearmente, o que permitiu compreender o processo de investigação e de redação como constitutivos do discurso utilizado.

No plano lingüístico, a organização global dos enunciados atendeu aos requisitos essenciais para a composição do gênero artigo acadêmico-científico.

Os três textos utilizaram a norma culta, embora com pequenos equívocos quanto à pontuação, ortografia e acentuação; igualmente quanto ao uso adequado dos elementos de coesão e de coerência. Empregam os tempos verbais adequadamente, constroem orações e períodos concernentes às sintaxes de concordância e regência, mas apresentam equívocos.

Há no texto 5, parágrafo 9, uma expressão coloquial, “comendo poeira”, que foi utilizada para estabelecer uma comparação entre os idosos e os jovens. Isso confere um “tom irônico” ao gênero.

Como nos três primeiros textos, as tabelas a seguir ilustram esse processo:

| Textos | Pontuação | Acentuação Gráfica | Ortografia | Repetição de palavras e/ou expressões |
|--------|--|--|--|--|
| 4 | Total de 4 usos inadequados, de <u>vírgula</u> , e outro de ponto final nos <u>parágrafos 6, 2º e 3º períodos, e no último parágrafo, nas duas últimas linhas.</u> | Incidência de 1 uso inadequado no 2º parágrafo, em “ as novas tecnologias (...) no que diz respeito <u>a</u> melhoria da qualidade”. | Total de 2 usos inadequados: um do <u>substantivo próprio</u> “Ellus”, no 3º período do 5º parágrafo, outro, no 3º. parágrafo: <u>subju</u> ga e <u>desempenhar</u> , 4º. e 5º. períodos”. | 7 usos repetidos da palavra <u>tecnologia</u> 2 usos repetidos do <u>verbo ser</u> , no 2º..parágrafo: “são” e o mesmo caso com a <u>conectivo</u> “ <u>que</u> ”, no 3º. parágrafo. 2 ocorrências com o <u>substantivo próprio</u> “Ellus”, no 3º. parágrafo. |
| 5 | Total de 3 usos inadequados, de <u>vírgula</u> , e outro de ponto final nos <u>parágrafos 4, 8, e 11.</u> | Total de 1 uso inadequado: verbo vir, no parágrafo 8: de uma classe que <u>vêm</u> | Total de 1 uso inadequado: “ <u>afins</u> ”, no lugar de <u>a fim de</u> – parágrafo 8. | Total de 2 usos inadequados “ <u>oportunidade</u> ”, nos parágrafos 16 e 17 / 3 usos de “ <u>mudanças</u> ” |
| 6 | Sem casos | Incidência de 1 uso inadequado no 7º. parágrafo, em “ <u>aderem a tecnologia.</u> ”. | Incidência de 1 uso inadequado no parágrafo 2, a escrita de “ <u>malvistas</u> ”. | Total de 3 usos inadequados, no início dos parágrafos 1 e 2: “ <u>Desde os primórdios/ Dos primórdios</u> ” / “ <u>trouxe evoluções, revelando a evolução, o homem evoluiu</u> ”. |

Ocorrência 1 – Aspectos Gramaticais – Quadro 5 de exemplificações

| Textos | Tempos Verbais | Concordâncias | Regências |
|---------------|--|---|--|
| 4 | Adequados - predomínio do presente do indicativo | Total de 3 usos inadequados no 3º. parágrafo: “ <u>subjuga</u> e <u>desempenhar</u> , 4º. e 5º. períodos” , e “ <u>alcance</u> ”, no último parágrafo, penúltimo período. | Adequadas |
| 5 | Adequados - predomínio do presente do indicativo | Incidência de 2 usos inadequados no parágrafo 4: verbo de ligação “ <u>era</u> ” – 3º. período; no 15º parágrafo – “ <u>encontra</u> ”. | Incidência de 2 usos inadequados no parágrafo 7: “ <u>diante uma sociedade</u> ”, e no parágrafo 10: “ <u>como (n) a inclusão social</u> ” |
| 6 | Adequados - predomínio do presente do indicativo | Incidência de 1 uso inadequado no parágrafo 12: “das garantias que se <u>adquire</u> no trabalho” , e no parágrafo 15: “sabedoria e experiência (...) já que ainda <u>não se encontra</u> dentro das organizações.” | Adequadas |

Ocorrência 1 – Aspectos Gramaticais – Quadro 6 de exemplificações

Nos textos 3, 4 e 5 as ocorrências identificadas foram mínimas, o que demonstra que os textos estão registrados predominantemente na língua formal. As pequenas incidências ocorridas não descaracterizam o gênero, ainda que devam ser apontadas e retificadas. Eventualmente decorrem de equívocos na digitação. No conjunto, os textos apontam conhecimento da norma culta.

Penso que as repetições de palavras são indícios de hábitos da fala, já mencionados em análise anterior; muitas vezes, esses usos passam despercebidos.

No texto 5, parágrafos 6, 12 e 15, o aluno-autor, pelo excesso do uso, demonstra ter aprendido o emprego do pronome demonstrativo, porém se esqueceu de que a repetição excessiva desgasta o texto e compromete o desenvolvimento da idéia. Pela apresentação seqüencial das idéias e contato direto com o aluno no decorrer de sua produção, percebi que as repetições não foram notadas, por isso permaneceram e não foram revisadas.

Quanto aos usos sintáticos, houve plena adequação no emprego do tempo próprio a esse gênero, confirmando a intenção de produzir discurso científico por parte do enunciador. Nos três textos os alunos-autores souberam precisar a adequação dos tempos verbais aos propósitos das idéias desenvolvidas.

No que se refere às sintaxes de concordância e regência, os três textos não apresentaram deslizos, apesar de terem sido desenvolvidos parágrafos longos. Assim como nos três primeiros textos, é possível constatar que as leituras extras, transpostas nos Relatórios, realmente, contribuíram para a melhora da escrita.

Nos três textos os aspectos argumentativos foram expressos por meio de algumas citações, porém menos elaboradas. No texto 4, há inadequações quanto à concordância – “máquinas (...) cada vez mais parecem ter vontade própria”, e no texto 5, uma impropriedade de idéias no parágrafo 13, ainda que a tentativa fosse de referendar um dado estatístico. Isso, porém, não interfere na constituição do gênero.

Em comparação ao quadro dos textos 1, 2 e 3, este segundo apresenta menos incidências, o que levaria o leitor a considerar que os textos 4, 5 e 6 apresentassem uma melhor estruturação gramatical e, por isso, tivessem um nível superior ao dos primeiros.

Para um professor preocupado exclusivamente com a escrita normativa, este risco existiria. O meu viés para este enquadramento, entretanto, está primeiro na composição do gênero artigo, e os aspectos gramaticais levantados referendam apenas um requisito: os alunos terminaram o ano sabendo escrever melhor.

Como artigo acadêmico-científico, estes três textos ilustram o gênero de modo menos abrangente que os anteriores.

C. PLANO COMUNICATIVO: ASPECTOS DE COESÃO E COERÊNCIA

| Texto | Coesão Referencial | Coesão Recorrencial | Coesão Seqüencial |
|-------|---|---|---|
| 4 | <p>Por Substituição pronominal, no exemplo: “As tecnologias criadas pelo homem (...) que <u>ele</u> acabou perdendo” – parágrafo 1.</p> <p>Por Substituição por elipse, no parágrafo 2: “ <u>As tecnologias</u> (...) e <u>são vistas</u> como padrão de sustentação da organização social”.</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos, como “tecnologia e avanço tecnológico”, ao longo do texto.</p> | <p>Pela repetição de termos, por exemplo, “tecnologia” e pela utilização de nomes genéricos, como “coisa”, na última linha do texto.</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso predominante do presente do indicativo.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos subordinativos, como o “que”, e coordenativos, como o “e”, em predominância nos parágrafos.</p> |
| 5 | <p>Por Substituição: pronominal, com o emprego demonstrativo “esse/ essas/ esses; e por elipse, no parágrafo 3 do artigo definido.</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos e de alguns nomes específicos: como “mudanças organizacionais”, no 5º parágrafo.</p> | <p>Pela repetição de termos, Por exemplo, a palavra “mudanças” no 1º, 2º, 5º, 15º. parágrafos, da palavra capitalização/ capitalismo, no 2º. parágrafo.</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso predominante do presente do indicativo e em dois casos do pretérito imperfeito – “trabalhava, tinham, era”, no parágrafo 6 do futuro do presente – ‘dobrará, no parágrafo 13.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos coordenativos e subordinativos.</p> |
| 6 | <p>Por Substituição: pronominal e por elipse.</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos: “indústria/ empresa, no parágrafo 5.</p> | <p>Pela repetição de termos, por exemplo, “mudanças, ” e pela utilização de nomes genéricos.</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso do presente do indicativo e do presente do subjuntivo, além do pretérito perfeito e das formas nominais de infinitivo, gerúndio e participio, ao longo do texto.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos coordenativos e subordinativos.</p> |

Ocorrência 2 – Aspectos de Coesão – quadro 7 de exemplificações

A tabela ilustra a apresentação coesa dos três textos, dada a utilização apropriada de recursos de coesão referencial, recorrencial e seqüencial. Isso referenda, mais uma vez, a preocupação dos alunos-autores com a organização interna dos textos.

Os aspectos de coesão identificados nesses textos expressam organização seqüencial adequada, confirmam a sua unidade e contribuem para esclarecer, nos três casos, a perspectiva sociohistórica adotada como um recurso argumentativo para validar a reflexão do autor. Esses aspectos articulam relações discursivas e semânticas que permitem compreender a temática abordada com maior precisão.

Num texto, tudo está relacionado; um enunciado está subordinado a outros na medida em que não só se compreende por si mesmo, mas ajuda na compreensão dos demais. Esta interdependência semântica e/ou pragmática é expressa por *operadores do tipo lógico, operadores discursivos e pausas*. (FÁVERO, 1991, p. 35)

No uso dos tempos verbais predomina o presente do indicativo, conduzindo o leitor à afirmação de pensar o mundo atual, no momento atual. Segundo Koch (1998), na atitude comunicativa, este é o tempo do comentário, que conduz o leitor a uma atitude receptiva, atenta, engajada no que está por vir. Quanto à perspectiva, tem-se no presente o chamado tempo-zero (sem perspectiva) e os tempos retrospectivos e prospectivos, o pretérito perfeito e o futuro do presente, respectivamente.

Em momentos de relato, nos textos 5 e 6, a alternância com os pretéritos do modo indicativo, perfeito e imperfeito, permitem ao leitor o trânsito entre o hoje e o ontem, visualizando ações já concluídas e outras por concluir. Isso revela o comentário sobre o mundo, ao mesmo tempo em que mescla o mundo narrado, num tempo de possibilidades, o imperfeito está sempre inacabado, a recomeçar. Ele é retrospectivo.

A mesma autora, citando Weinrich, ainda faz referência quanto ao sistema temporal, ao relevo, dividindo o texto em primeiro plano e

segundo plano, instruindo o leitor sobre a informação considerada principal e as outras, secundárias. Nesses três textos, é possível perceber essa relação quando os alunos-autores narram o processo da evolução tecnológica e, em seguida, retomam o comentário sobre a temática desenvolvida.

Esses recursos reforçam a estrutura coesiva dos textos e confirmam também a comunicabilidade do gênero artigo acadêmico-científico.

A recorrência de tempo verbal tem função coesiva, indicando ao leitor/ouvinte que se trata de uma seqüência de comentário ou de relato, de perspectiva retrospectiva ou zero, ou ainda, de primeiro ou segundo plano, no relato. (KOCH, 1998, p. 53-54)

No texto 6, a recorrência ao presente do subjuntivo indica o modo da hipótese e do desejo, empregado aqui, para apresentar como as ações podem vir a ocorrer. Estabelece-se um jogo simbólico que, em seguida, retorna para o presente do indicativo, num jogo de exemplificações, confirmando os comentários. Os exemplos abaixo estão destacados pelos grifos (meus):

Essa saída não serve somente para área tecnológica, mas para qualquer outra área em que o trabalhador corra o risco de ser substituído. Empresas com a Johnson e a Votorantin dão ao operário a oportunidade de que ele ingresse no ensino superior para continuar no emprego. Geralmente essas empresas dão ao funcionário uma bolsa de cinquenta por cento, porém, muitas vezes elas exigem que ele faça faculdade em uma área específica, como engenharia ambiental ou administração com habilitação em *marketing*, por exemplo. (texto 6)

As formas nominais utilizadas, em especial o gerúndio, caracterizam um valor expressivo de ação relacionada a da oração principal ou simultânea a ela. Apesar de este uso ratificar a estrutura do comentário, apresenta o risco de cansar o leitor porque contribui para períodos longos demais.

Com o passar dos anos o homem evoluiu seu pensamento e criou coisas novas para modernizar o seu dia-a-dia, facilitando a execução de tarefas que ocupavam um tempo considerável para serem executadas, porém o *Homo-Sapiens* se superou e conseguiu alcançar um nível de intelectualidade que nem mesmo ele esperava.
(texto 4)

Nestes três textos houve predominância dos períodos compostos por subordinação, interligados pelo uso dos conectivos, levando o texto a uma progressão coerente. Esses mecanismos de coesão seqüencial apóiam a estruturação lógica dos textos. Mais uma vez, a incidência alta dos operadores do tipo lógico e do discurso mostrou o uso adequado desses recursos apesar de algumas repetições.

Exemplifico, a seguir, outra tabela para os aspectos de coerência relativos aos textos 4,5 e 6, como nos textos 1, 2 e 3.

| Textos | Manutenção Temática (não houve fuga) | Progressão (consistência e relevância discursiva) | Articulação (relação de pertinência entre os fatos apresentados) | Informatividade (menor previsibilidade) | Intencionalidade (grau de persuasão/ argumentos concretos) | Situacionalidade (relação texto-situação e vice-versa) |
|--------|--------------------------------------|---|--|---|--|--|
| 4 | X | X | X | X | X | X |
| 5 | X | X | X | X | X | X |
| 6 | X | X | X | X | X | X |

Ocorrência 2 – Aspectos de Coerência – quadro 8 de exemplificações

A tabela anterior, referendada pelos textos, indica que os alunos-autores apresentam em suas produções os traços que garantem a coerência, demonstrando conhecimento, apresentando informações novas, por um lado, e fixando outras já apreendidas, por outro. Os enunciados foram apresentados com consistência de verdade e relevância em relação à realidade, passíveis de serem interpretáveis em se tratando da temática abordada.

Também nesses três textos os fatos apresentados desenrolaram-se com pertinência entre si, caracterizando a articulação progressiva das idéias e a não-contradição diante dos aspectos contextuais.

Apesar de os textos se confirmarem como coerentes, apresentarem informações que delineiam a seqüência temática, o aspecto de informatividade ficou um pouco comprometido nos textos 4 e 5, que se caracterizaram pela presença de dados mais previsíveis, como em:

As tecnologias são consideradas como a causa principal das mudanças na sociedade, e são vistas como padrão de sustentação da organização social. Os avanços tecnológicos afetam a sociedade em todos os níveis, inclusive institucional, social e individualmente.
(texto 4)

O aumento da esperança de vida da população como resultado de melhorias de suas condições de vida não deve ser um fator desprezado, mas sim estudado para melhor ser aproveitado.
(texto 5)

Mesmo contendo aspectos previsíveis, os textos 4, 5 e 6 recorreram à presença do 'outro' por meio das citações, revelando a estratégia argumentativa, pertinente no gênero em questão.

Reitero a intencionalidade, presente nos textos, aliada à aceitabilidade, sua contraparte. Dado importante, pois esses textos têm por princípio a interação entre o autor e o leitor. O primeiro se esforça para o segundo compreender os sentidos contidos no texto e, conseqüentemente, partilhar de pistas que ativam os conhecimentos de mundo e da situação de produção. Os participantes de um dado discurso devem se fazer compreender pelos sentidos ativados nos textos.

A intencionalidade tem relação estreita com o que se tem chamado de argumentatividade. Se aceitamos como verdade que não existem textos neutros, que há sempre alguma intenção ou objetivo da parte de quem produz um texto, e que este não é jamais uma 'cópia' do mundo real, pois o mundo é recriado no texto através da mediação de nossas crenças, convicções, perspectivas e propósitos, então somos obrigados a admitir que existe sempre uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem.
(KOCH & TRAVAGLIA, 1991, p. 80)

É mais importante o papel dos mecanismos de coerência na constituição do gênero artigo acadêmico-científico, uma vez que se evidenciam nele, além do registro do próprio processo de aprendizagem, as relações com as idéias que movimentam o mundo exterior. A coerência se constrói na interação entre as idéias veiculadas no texto e aquelas que fazem parte do repertório do leitor, num processo comunicativo concreto.

Diante das considerações anteriores, qualifico os textos 4, 5 e 6 como coesos e coerentes, atendendo satisfatoriamente aos requisitos para a composição do gênero em questão. Os textos evidenciam conhecimentos adquiridos em pesquisas sobre a temática abordada, desenvolvem argumentos comprovados e mostram terem sido constituídos em um processo de elaboração pessoal, caracterizando a autoria.

Faz-se necessária a observação de que estes textos poderiam ser mais aprofundados, compondo um quadro mais consistente de idéias. Isso, porém, não interferiu em sua estruturação como gênero, cuja discursividade se manteve pelos recursos utilizados, pela interação com o leitor, pelos encadeamentos e pela progressão.

Considerando que estes alunos-autores iniciaram o curso de Administração com problemas em relação à procura de outras leituras, além das cotidianas; ao uso culto da língua; ao desconhecimento das regras para a apresentação dos textos acadêmicos; as produções analisadas podem ser consideradas bons frutos, que ilustram a aprendizagem pautada pelo trabalho com os gêneros discursivos.

ANÁLISE DOS TEXTOS 7, 8 e 9

REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E A QUALIFICAÇÃO DO HOMEM

Texto 7

Resumo: Este artigo analisa as descobertas e criações realizadas pelo homem, revoluções tecnológicas, que afetam de forma ampla, os conhecimentos e as práticas da sociedade

A humanidade se supera desde sua criação. A inteligência humana, já nos primórdios, ajuda o homem a lidar com suas dificuldades, superando os desafios que a natureza e o mundo impõem. A necessidade de evoluir esteve sempre presente; nas últimas décadas a evolução tecnológica foi a principal vertente para as mudanças na sociedade.

A tecnologia, e suas evoluções, para alguns, surge como ameaça a sua existência ou a sua forma de trabalho, para outros, a mesma evolução, pode ser considerada como oportunidade para obter produtos e serviços mais rápidos, confiáveis e de menores custos. Estes parâmetros deixam uma questão, a ser formulada: a tecnologia atende as necessidades e os interesses de todos?

Facilidade e comodidade são geradas pela tecnologia, nas residências e nas empresas, recursos como estes são inventados a cada dia para agilizar aquilo que o homem sabe fazer, assim pode trabalhar ou utilizar o tempo vago para outras funcionalidades, enquanto a máquina executa o serviço.

É observado em alguns casos, que a evolução tecnológica é superior a necessidade momentânea, novos produtos são introduzidos no mercado, gerando necessidades de informações, para utilizar estas tecnologias. Diante destas mudanças, a sociedade e o mercado de trabalho sofrem profundas transformações, adequando-se, rapidamente, a fim de conseguir êxito no novo cenário em que se vive. Enquanto as empresas investem em equipamentos e tecnologia, para que obtenham uma boa produtividade, com rapidez, qualidade e com custos mínimos, resultando em lucros para a organização. Os profissionais necessitam estar constantemente atualizados, o que se torna mais difícil, em função do bombardeio de informações a qual são

¹ Aluna do curso de Administração de Empresas-
Jacarei, Novembro de 2006. Disciplina: Língua Portuguesa II- Prof^ª Sílvia Helena

expostos a cada dia. "A profissão, como prática habitual de um trabalho, oferece uma relação entre necessidade e utilidade, no âmbito humano, que exige uma conduta específica para o sucesso de todas as partes envolvidas." (SÁ, Antônio Lopes de, 2001, p.137). A falta de conhecimento e qualificação faz parte do cotidiano de muitos na sociedade, e conseqüentemente cresce o número de desempregos em todo o mundo, sendo muito maior em países subdesenvolvidos, onde a informação e o conhecimento são escassos.

No Brasil, percebe-se isso de forma clara, país historicamente explorador de mão-de-obra barata, se vê atualmente tendo que avançar no mundo tecnológico, a globalização e o capitalismo força a sociedade a se inserir neste mundo informatizado, seja ela, importada ou não, o país paga um preço muito caro pela inclusão.

O grau de qualificação da população é o grande elemento diferenciador das sociedades desenvolvidas nos dias de hoje. " Os sistemas tradicionais pressupõem que o profissional possua determinado conjunto de habilidades." (JR, Thomaz Wood e FILHO, Vicente Picarelli, 2004, p. 65) e para se tornar profissional de sucesso no meio desta transformação, é preciso filtrar as informações e aplicações importantes, agregando valores para si e fazer a diferença dentro das empresas, principalmente num mercado dinâmico e turbulento como este, de tempos capitalistas e globalizados.

"Vive-se uma época em que praticamente todos os conhecimentos gerados pelas diversas ciências a partir do paradigma Newtoniano/Cartesiano estão sendo colocados em xeque, pela simples razão de não apresentarem um poder explicativo convincente da realidade atual." (CARAVANTES, G.R. 2003, p. 146)

A evolução tecnológica com o decorrer dos anos cresce e traz, novos direcionamentos econômicos, culturais, sociais e educacionais, viabilizando transformações e desenvolvimento significativo para a sociedade, sendo que, a mesma, possibilita o aumento das desigualdades e exclusões do indivíduo no mundo capitalista e infelizmente para uma grande faixa da população, competências básicas e informação é algo desconhecido no seu meio.

Conclui-se então, que o homem evoluiu seus pensamentos, por necessidade de sobrevivência, se superou e criou ferramentas para facilitar o seu dia-a-dia, mas vem

se tornando escravo de suas próprias criações, vivendo em conflito com elas para não perder o seu lugar de status, ou apenas possuir uma vida digna na sociedade.

Referências:

SÁ, Antonio Lopes de. **Ética profissional**. 4 ed.. São Paulo: Atlas, 2001.

JUNIOR, Thomaz Wood e FILHO, Vicente Picarelli. **Remuneração Estratégica**. 3 ed.. São Paulo, 2004.

Revolução Tecnológica. Disponível em: <www.wikipedia.com.br>. Acesso em: 18 nov. 2006.

CARAVANTES, G. R. **Teoria geral da administração**. Porto Alegre: AGE, 2003.

O TRABALHO COMO FERRAMENTA DE RESSOCIALIZAÇÃO DE DETENTOS

Texto 8

Resumo: Este artigo aborda o trabalho como instrumento de ressocialização de detentos e ex-detentos, destacando problemas e sistemas alternativos que contribuem para o cumprimento da Lei e representam a oportunidade de recuperação e reinserção social.

Ao se discutir inclusão social toda sociedade se remete ao mundo ideal, um lugar em que há harmoniosa convivência entre as pessoas e a valorização de todos os tipos e inteligências, além da realização de suas necessidades e direitos. Entretanto, a discussão sobre a inclusão social tem uma amplitude maior no que se refere a políticas públicas, pois se trata de transformações sociais e de Direito, pois cada política pública é formulada e basicamente executada por decretos e leis.

Estar à margem da sociedade é uma idéia inconcebível ao homem, uma vez que é de sua natureza ser gregário e estar sempre em busca de sua identidade. Porém, ao infringir leis definidas pela própria sociedade, o homem se encontra em posição de marginalidade e é excluído social e economicamente, tornando-se um "problema" para o Estado e para os seus, uma vez que deixa de gerar renda e contribuir para a sobrevivência familiar.

No Brasil, a situação é mais grave, pois o sistema carcerário não dispõe de meios adequados que promovam de fato a ressocialização do indivíduo, apesar da Lei de Execuções Penais vigente que contempla a recuperação do detento via laborterapia – que é a ocupação do tempo por meio de uma atividade profissional. O trabalho visa resgatar a auto-estima do detento, sua vontade e seu senso de responsabilidade, pois qualquer pessoa em condição de cárcere se vê longe dos valores da sociedade e se sente diminuída, além de se achar incapaz e irrecuperável.

Em meio a escassez de oportunidades de trabalho para detentos e ex-detentos, apresentam-se alternativas beneméritas como a administração de

¹ Aluna do curso de Administração de Empresas - das Faculdades Integradas de Jacareí. Novembro de 2006. Disciplina: Língua Portuguesa II – Pro^{fa} Sílvia Helena Nogueira.

presídios pela APAC – Associação de Proteção e Assistência ao Condenado, ações e postos de trabalho como os oferecidos por empresas como a Ramblas Propaganda e Design em Papel (São Paulo) e Schrader Bridgeport Brasil (Jacareí).

Nos presídios administrados pela APAC não existem policiais civis nem militares, os internos têm as chaves de todas as portas e portões da unidade, inclusive da entrada e saída. Nesse método, o regime é o tempo para recuperação, o semi-aberto para a profissionalização, e o aberto para a inserção social. A principal idéia é o resgate do ser humano, sua dignidade e produtividade, além de preparar o detento para seu retorno à sociedade. Desde sua fundação em 1974, em São José dos Campos, a APAC apresenta um baixo índice de reincidências, uma vez que os presos são tratados como seres humanos com direitos e deveres. Como Bernard Shaw afirmava “para emendar um indivíduo é preciso melhorá-lo e não o melhoramos fazendo-lhe o mal”.

As iniciativas de empresas como a Ramblas Propaganda e Design em Papel e a Schrader Bridgeport Brasil são viabilizadas por meio de convênios e contratos via ONGs (Organizações Não Governamentais). A Ramblas e a Schrader Bridgeport empregam ex-detentos e detentos em alguns presídios paulistas e unidades da APAC, os quais passam por treinamento específico e recebem (salário) por produtividade. Oportunidades de trabalho como essas beneficiam as três partes envolvidas: a empresa – que gera postos de trabalho a um custo menor, sem encargos e vínculos trabalhistas, e que realiza ações de cunho social (que integram a política de ações sociais vinculadas a muitos certificados); o detento, que a três dias trabalhados tem sua pena reduzida em um dia, além de receber um “salário” pelo trabalho realizado; e o próprio Estado, uma vez que sistemas como a APAC representam um custo reduzido de manutenção de presidiários, cerca de quarenta por cento menor que o “sistema tradicional”, pois são sistemas basicamente auto-sustentáveis, com índices pequenos de reincidências, fugas e mortes.

Mesmo sendo uma alternativa rentável para as empresas, empregar um detento ou ex-detento ainda é algo inovador e esbarra em preconceitos e discriminações, principalmente ao se exigir Certidão de Antecedentes Criminais. O egresso enfrenta sua maior dificuldade ao se deparar com sua nova realidade, que é de ser um indivíduo que cumpriu sua pena e está legalmente apto a retornar à sociedade e ao trabalho. Entretanto, sua Certidão de Antecedentes o condena

novamente à condição de marginalidade, sem credibilidade junto ao empregador. Na verdade, a maioria dos detentos e ex-detentos cumpre a pena da marginalização pelo resto de suas vidas.

De fato, o índice de reincidências está plenamente vinculado à falta de empregos e à falta de preparo para o retorno do detento ao mercado de trabalho. Teoricamente, as prisões deveriam trabalhar a reeducação do cárcere, deveriam oferecer instrumentos para que o mesmo pudesse ser reintegrado à sociedade de forma digna. Mas, nem tudo o que a teoria contempla, é considerado na prática.

“Ressocializar não é reeducar o condenado para que se comporte como deseja a classe detentora do poder e sim a efetiva reinserção social, a criação de mecanismos e condições para que o indivíduo retorne ao convívio social sem traumas ou seqüelas, para que possa viver uma vida normal”. (Shecaira e Corrêa Junior, 1995)

Segundo Mario Ottoboni – um dos fundadores da APAC, o delinqüente é condenado e preso por imposição da sociedade, ao passo que recuperá-lo é um imperativo de ordem moral, do qual ninguém deve se escusar. A recuperação de detentos é de responsabilidade de todos de uma sociedade, principalmente do Estado e das empresas, pois têm a chance de proporcionar oportunidades de ouro por meio de postos de trabalho e de qualificação profissional. O sentir-se útil e produtivo faz com que o detento vislumbre a porta de entrada à reintegração social – a porta de entrada da sociedade e não a porta dos fundos (dos excluídos).

A melhora das condições do sistema carcerário brasileiro é o ponto crucial para a ressocialização de detentos, entretanto, outro fator que deve ser desenvolvido é a queda do preconceito na sociedade, que, hipocritamente, aceita, mas não aprova a reintegração, seja ela organizacional (em empresas), seja ela social, de forma geral. Um país que almeja se desenvolver deveria reconhecer suas falhas e providenciar meios de saná-las, principalmente às referentes ao tratamento e garantia de direitos de seus cidadãos. Se o Estado não for capaz de resolver o problema sozinho, ele deveria incentivar iniciativas privadas a fazê-lo ou a contribuir de alguma forma.

Detentos, ex-detentos, negros, pardos, amarelos, brancos, todos são brasileiros que têm necessidades, têm histórias de vida, têm famílias, precisam viver e sobreviver. E o trabalho tem a função de aproximar o homem à sua realidade sócio-econômica, proporcionando condições adequadas de viver. Mais que um meio

de subsistência, o trabalho é a ferramenta de resgate do ser humano e sua dignidade, além de ser um direito, que não deve ser negado a quem quer que seja.

Referências

SILVA, Alex Victor da. Protagonismo carcerário . **Jus Navigandi**, Teresina, ano 9, n. 778, 20 ago. 2005. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7129>>. Acesso em: 20 nov. 2006.

DE PAULA, Fabrício. **Reintegração social é difícil para ex-condenados**. Disponível em: <<http://oliberal.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2006.

FBAC – Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados e APAC – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados. *Site*: <<http://www.geocities.com/fbacapac>> Acesso em: 20 nov. 2006.

OTTOBONI, Mário. **Ninguém é irrecuperável**. 2ª ed. São Paulo: Cidade Nova, 2001.

SAP/SP – Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo. *Realizações: Inovações no Sistema Prisional com a criação dos CRs*. Apresentação: Uma atitude para mudar o sistema prisional. Arquivo para *download*. Disponível em: <<http://www.sap.sp.gov.br/>> Acesso em: 20 nov. 2006.

SHECAIRA, Sergio Salomão; CORRÊA JUNIOR, Alceu. **Pena e Constituição, Revista dos Tribunais**, São Paulo, 1995, pág 44.

<<http://lanudbrasil.com.br>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

INCLUSÃO DO IDOSO NO MERCADO DE TRABALHO

Texto 9

Resumo: Observou-se, no Brasil que a qualidade e a extensão da vida das pessoas aumentaram. Esta longevidade baseada na realidade econômica brasileira, faz com que os idosos possam continuar trabalhando, seja com a finalidade de complementação de renda, ou seja, como forma de realização pessoal.

A preocupação com a população idosa atualmente surgiu pelas conquistas sociais do século XX foi o aumento da longevidade. O fenômeno está provocando verdadeira revolução no curso de vida das pessoas, a capacidade de trabalho é incompatível com as exigências do mesmo, e os gastos sociais com o envelhecimento representam, sobretudo, consumo para o Estado.

A média de vida do brasileiro atualmente é de 70,8 anos. Contribuíram para esse envelhecimento, fatores como: melhorias na rede de saneamento básico e avanços na área de saúde por meio de programas de vacinação, novos medicamentos e de ampliação do sistema de assistência médica.

À medida que uma população envelhece, torna-se vulnerável a doença e surgem outras conseqüências entre a idade e pobreza. No entanto, essa vulnerabilidade pode ser diminuída por meio de políticas sociais necessárias que enfrentam as desigualdades existentes em nossa sociedade oferecendo a Inclusão social como objetivo: todo o brasileiro independente de sua idade deve ter garantido o exercício pleno da cidadania. Dentre os direitos necessários a este pleno exercício, destaca-se o direito à saúde; a renda; e ao suporte social.

A questão social não pode mais ser tratada por governo populista com medidas de assistencialismo paternalista e filantrópica que tendem a prolongar as relações de vida das pessoas, subestimando a relação entre capital e trabalho. Eliminar a fome, não basta "a vida não é uma mercadoria". Neste país de profunda recessão econômica de caos e corrupção na política, de destruição da vida social e

¹ Aluno do curso de Administração de Empresas – , das Faculdades Integradas de Jacareí. Novembro de 2006. Disciplina: Língua Portuguesa II – Profª Sílvia Helena Nogueira.

das relações de solidariedade humana, a medida a ser tomada com urgência é outra; a reconstrução do capital social da nação; a criação de relações de cooperação; a ética; confiança recíproca e de solidariedade para mobilizar e motivar a população e resgatar a auto-estima do chefe de família.

Os seres humanos se sentem mais realizados quando unidos, cada um atento e consciente de seu compromisso pessoal, servindo a um propósito comum.

Reconhece-se, também, que o idoso, presta uma contribuição importante à família; com sua renda. Quase 30% dos aposentados contribuem trabalhando pela necessidade de uma remuneração devido às baixas aposentadorias.

Sobre visão disso, os programas desenvolvidos pela iniciativa privada devem atender as necessidades específicas do idoso. Por exemplo, em um projeto de inserção no mercado de trabalho, a carga horária deve ser reduzida para que tenha tempo de dedicar parte de sua vida a outros programas de lazer, de cultura e para que possa participar de grupos de integração social que há nas cidades.

O grupo Pão de Açúcar, como um exemplo de ação social que deu certo, a empresa promove a inclusão do idoso em duas frentes: disponibiliza vagas de trabalho e realiza doação constante de produtos para as instituições filantrópicas.

A Limpidus rede de serviços de limpeza anuncia o lançamento do projeto "volta ao trabalho". Com o programa, a empresa visa reintegrar ao mercado pessoas da terceira idade, que apresentam disposição para trabalhar e condições físicas e psicológicas para o exercício da função. O Projeto de alcance nacional (a rede esta presente em 10 estados) prevê o apoio de entidades que desenvolvam trabalhos para a terceira idade e que possam auxiliar no recrutamento e acompanhamento psicológico do idoso. Todos serão contratados sob o regime de CLT e remunerados com base no piso salarial da categoria. O "volta ao trabalho" alia dois fatores caros à sociedade: a inclusão social do idoso e a geração de emprego.

Segundo MORAGAS (1997), trabalhadores idosos e saudáveis apresentam índices menores de faltas ao trabalho e acidentes quando comparados com os jovens. De acordo com o autor, entende-se: maior motivação para se manter no trabalho, tendo em vista as dificuldades que o idoso tem de conseguir outro emprego, maior experiência e valores de estabilidade.

Em relação a produtividade, estudos apontam que os trabalhadores de maior idade tem taxas de produtividade similares às das pessoas mais jovens em tarefas

que exigem uma atenção contínua e em tarefas para as quais os trabalhadores de mais idade contam com uma grande experiência.

Ainda com relação à produtividade e o trabalho idoso,

"existe diminuição da força e da resistência muscular, mas a maioria dos trabalhos atuais tem exigências que podem satisfazer a maioria das pessoas saudáveis até aos 70 anos ou mais. O tempo de reação do idoso no trabalho é maior, mas sua experiência compensa, se sobra, essa limitação. Os trabalhadores idosos elaboram, através de sua vida de trabalho, estratégias para enfrentar os problemas, fato que compensa suas limitações físicas ou cognitivas" . (MORAGAS, 1997:141)

O trabalho, muito além de significar um meio de sobrevivência, possui uma significação muito mais ampla, a de realização pessoal.

Concluindo, pode-se dizer que o aumento da longevidade, ligada com situação econômica brasileira, tem levado o idoso a permanecer trabalhando por mais tempo, na maioria das vezes por imposições legais, já que a Previdência Social não consegue bancar tal custo.

É necessário rever o papel Social do idoso brasileiro, que até hoje costuma ser visto apenas com o consumidor de serviços e dependente da sociedade.

Referências

- MORAGAS, R.M. **Gerontologia Social**: envelhecimento e qualidade de vida. Tradução Nara C. Rodrigues. São Paulo: Paulinas, 1997.
- <http://www2.uol.com.br/canalexecutivo.com.br>. Acessado em: 22 nov. 2006.
- <http://www.ibict.br>. Acessado em: 24 nov.2006
- <http://www.unb.br>. Acessado em 27 nov 2006

A. PLANO COMPOSICIONAL

Os textos 7, 8 e 9 atendem apenas parcialmente aos aspectos da formatação geral do gênero acadêmico-científico, no plano composicional, também analisados nos textos anteriores. Os três textos apresentam incorreções quanto à citação das referências, de acordo com a ABNT, em especial para os documentos eletrônicos. Os resumos dos textos 7 e 8 estão precisos e coerentes com a proposta, já o do texto 9 aponta mais para uma reflexão do que propriamente para o assunto a que se refere o texto.

Esses textos dispõem de fundamentação teórica pertinente à temática, o que também demonstra resultados de leitura, de idéias organizadas seqüencialmente, porém problemas de ordem formal e contudinal são identificados: no primeiro, o adentramento de parágrafos, no texto 7, algumas citações no corpo dos textos; no segundo, a referência a algumas informações sem indicar a fonte. Isso me permite considerar a apropriação do discurso de outrem como próprio.

Nos textos 8 e 9 as informações apresentadas se referem a dados que, certamente, foram trazidos de outros textos informativos, porém a ausência das fontes no texto me conduziram a duas interpretações: os alunos-autores estabeleceram, de fato, um diálogo entre enunciados lidos, constituindo processos de heterogeneidade, ou, simplesmente, utilizaram-se dos textos, sem atentar para a necessidade das fontes. Conhecendo os alunos e o caminho percorrido por eles para a elaboração dos textos, afirmo que ambas as interpretações são cabíveis. Por exemplo:

O trabalho visa resgatar a auto-estima do detento, sua vontade e seu senso de responsabilidade, pois qualquer pessoa em condição de cárcere se vê longe dos valores da sociedade e se sente diminuída, além de se achar incapaz e irrecuperável.
(texto 8)

Quase 30% dos aposentados contribuem trabalhando pela necessidade de uma remuneração devido às baixas aposentadorias.
(texto 9)

No primeiro fragmento acima, é possível constatar a heterogeneidade constitutiva na qual o locutor expressa como sua uma voz que é coletiva, em termos de interpretação da situação real de um detento. No segundo fragmento, a indicação da porcentagem foi, certamente, retirada de alguma pesquisa ou senso, sem que haja indicação da fonte. Na concepção dos alunos, isso não é incorreto, afinal é um dado estatístico, portanto deve ser do conhecimento geral, de domínio público, o que não pode ser aceito no caso de um artigo acadêmico-científico.

Os textos também mantiveram a progressão de idéias, com seqüência linear adequada. O texto 7 abordou as influências das descobertas e criações do homem nos conhecimentos e nas práticas da sociedade. O texto 8 destacou o trabalho como instrumento de ressocialização de detentos e ex-detentos e as oportunidades de recuperação e reinserção social. O texto 9 apresentou comentários sobre a situação do idoso para continuar no mercado de trabalho, possíveis saídas para se adaptar a essa nova realidade.

O caráter científico dos textos pode ser reconhecido pelo uso da imparcialidade da terceira pessoa do discurso, pela preocupação em perseguir os objetivos correspondentes à proposta temática e pelo caráter argumentativo do discurso, demonstrado nos recursos como exemplificações, comparações, citações e posicionamentos críticos evidenciados. Esses recursos podem ser constatados: no parágrafo 2 do texto 7, (dado comparativo), no parágrafo 10 do texto 8 (citação).

Como nas análises anteriores, nestes textos os alunos-autores também atentaram para o diálogo com a realidade, para a necessidade de crescimento diante da evolução tecnológica, para a discussão sobre a ressocialização dos detentos e sobre a reinserção do idoso no mercado de trabalho. Essa preocupação dos alunos-autores demonstra, sem dúvida, um

aprendizado real, de caráter questionador perante a realidade social em que se encontra o país. Além disto, o posicionamento reforça a idéia de que seria urgente que os futuros Administradores assumissem concepção mais humana da realidade, para poder transformá-la.

E o trabalho tem a função de aproximar o homem à sua realidade sócio-econômica, proporcionando condições adequadas de viver. Mais que um meio de subsistência, o trabalho é a ferramenta de resgate do ser humano e sua dignidade, além de ser um direito, que não deve ser negado a quem quer que seja.
(texto 8)

O caráter progressivo dos textos pode ser constatado pela organização interna dos parágrafos, com a indicação de dados informativos, numa ordem seqüencial, sem digressões, articulando uma exposição argumentativa concisa.

Em relação aos textos já analisados, estes três últimos demonstram informações amadurecidas quanto ao tema desenvolvido. O tratamento, porém, é superficial e, por vezes, contraditório. Mesmo assim faz com que o leitor pense nos argumentos apresentados.

A evolução tecnológica com o decorrer dos anos cresce e traz novos direcionamentos econômicos, culturais, sociais e educacionais, viabilizando transformações e desenvolvimento significativo para a sociedade, sendo que, a mesma, possibilita o aumento das desigualdades e exclusões do indivíduo no mundo capitalista e infelizmente para uma grande faixa da população, competências básicas e informação é algo desconhecido no seu meio.
(texto 7)

A recuperação de detentos é de responsabilidade de todos de uma sociedade, principalmente do Estado e das empresas, pois têm a chance de proporcionar oportunidades de ouro por meio de postos de trabalho e de qualificação profissional.
(texto 8)

Os seres humanos se sentem mais realizados quando unidos, cada um atento e consciente de seu compromisso pessoal, servindo a um propósito comum.
(texto 9)

Uma das razões para os textos 7, 8 e 9 terem atendido parcialmente aos requisitos para a composição do artigo acadêmico-científico foi a elaboração mais generalizada. Os textos estão situados numa perspectiva temporal e espacial, estabelecendo relações dialógicas entre a reflexão e a realidade, indicando os posicionamentos individuais e os referenciais pesquisados.

O texto 7 privilegiou, predominantemente, o comentário, esclarecendo informações e se posicionando sobre fatos de forma argumentada, como no exemplo abaixo:

e para se tornar profissional de sucesso no meio desta transformação, é preciso filtrar as informações e aplicações importantes, agregando valores para si e fazer a diferença dentro das empresas, principalmente num mercado dinâmico e turbulento como este, de tempos capitalistas e globalizados.

Nos textos 8 e 9 o discurso revela um caráter mais expositivo, relatando, no primeiro, a situação do sistema carcerário no Brasil, o papel da APAC e as iniciativas privadas das ONGs; e, no segundo, a situação dos projetos de inserção dos idosos no mercado de trabalho. Ambos seqüenciaram informações e também posicionamentos. Tais apontamentos caracterizam a composição do gênero artigo acadêmico-científico, em seus aspectos de situacionalidade.

A falta de conhecimento e qualificação faz parte do cotidiano de muitos na sociedade, e conseqüentemente cresce o número de desempregos em todo o mundo, sendo muito maior em países subdesenvolvidos, onde a informação e o conhecimento são escassos.

(texto 7)

Nos presídios administrados pela APAC não existem policiais civis nem militares, os internos têm as chaves de todas as portas e portões da unidade, inclusive da entrada e saída. Nesse método, o regime é o tempo para recuperação, o semi-aberto para a profissionalização, e o aberto para a inserção social.

(texto 8)

A Limpidus rede de serviços de limpeza anuncia o lançamento do projeto “volta ao trabalho”. Com o programa, a empresa visa reintegrar ao mercado pessoas da terceira idade, que apresentam disposição para trabalhar e condições físicas e psicológicas para o exercício da função.

(texto 9)

Faz-se necessário apontar a contradição expressa no texto 9, nos parágrafos 2 e 6. O aluno-autor tece duas afirmações que se anulam, pois está discutindo a inclusão do idoso no mercado de trabalho, a dificuldade dessa inserção, no entanto, explica as melhorias que caracterizam a longevidade de vida do brasileiro atualmente. Dessa forma, caracteriza o bem-estar e não o problema.

No parágrafo 6 expõe que o idoso “presta uma contribuição importante à família, com sua renda”, entretanto “quase 30% dos aposentados contribuem trabalhando pela necessidade de uma remuneração devido às baixas aposentadorias”. Isso suscita uma constatação preocupante, de ordem sócio-econômica: mesmo ganhando pouco contribui, por isso precisa trabalhar para completar o orçamento.

Essa constatação poderia ser explorada, no entanto não o foi, o que compromete a composição do gênero acadêmico-científico, em razão da lacuna deixada.

Assim como nos textos 4, 5 e 6, o leitor destes três últimos não necessita buscar maiores informações para o entendimento das idéias propostas, pois a leitura é mais simplificada. A tentativa de compor o caráter científico dos textos foi válida, no entanto o rigor e aprofundamento ficaram prejudicados. Isso confirma também a parcialidade no atendimento aos requisitos composicionais do gênero.

B. PLANO LINGÜÍSTICO: OS RECURSOS ORGANIZACIONAIS

Na expressão lingüística, os artigos estão linearmente organizados, contribuindo para o entendimento dos processos constitutivos dos discursos expostos. A organização dos enunciados revela a composição básica do gênero, busca fazer uso da norma culta, no entanto esbarra em vários equívocos quanto ao uso dos recursos gramaticais.

Empregam os tempos verbais, com adequação, mas na construção dos períodos são identificados alguns problemas de sintaxe de concordância e regência.

Como nas análises anteriores, as tabelas ilustram mais esquematicamente as considerações acima:

| Textos | Pontuação | Acentuação gráfica | Ortografia | Repetição de palavras e/ou expressões |
|--------|--|--|--|---|
| 7 | Total de 8 usos inadequados, de <u>vírgula</u> , e outro de ponto final nos <u>parágrafo 3, 1º e 6º períodos; parágrafo 4, e 6, na primeira linha</u> . Ainda no parágrafo 4, 2ª. linha, deve-se trocar um vírgula por ponto-final: “no mundo tecnológico. A globalização e o capitalismo” | Incidência de 2 usos inadequados no 2º parágrafo, em “atende <u>as</u> necessidades e os interesses de todos” e no 3º. parágrafo, em “evolução tecnológica é superior <u>a</u> necessidade momentânea” | Sem casos | Incidência de 2 usos repetidos das palavras <u>tecnologia</u> e <u>evolução</u> , no 2º. parágrafo. Ainda, a palavra “ <u>tecnologia</u> ” se repete por 6 vezes no texto e o vocábulo “ <u>evolução tecnológica</u> ”, por 2 vezes. O conectivo <u>e</u> aparece 4 vezes no parágrafo 2. |
| 8 | Sem casos | Incidência de 2 casos, o primeiro no parágrafo 4: “ <u>Em meio a escassez</u> ” e o segundo, no parágrafo 11, 2º período: “ <u>principalmente as referentes ao tratamento</u> ”. | Sem casos | Sem casos |
| 9 | Total de 13 usos inadequados, de <u>vírgula</u> , nos <u>parágrafos 1, 3, 4, 6, 7, 9 e 10</u> , sobretudo para a indicação de expressões explicativas. | Sem casos | Incidência de 2 usos inadequados no parágrafo 4, na 3ª. linha: “ <u>substimado</u> ” e no último parágrafo, o uso desnecessário da letra maiúscula na palavra “ <u>Social</u> ”, no meio do período. | Incidência de 2 usos inadequados no parágrafo 8: “O grupo Pão de Açúcar, <u>como um</u> exemplo de ação social que deu certo, <u>a empresa</u> promove”. |

Ocorrência 1 – Aspectos Gramaticais – Quadro 9 de exemplificações

| Textos | Concordâncias | Tempos Verbais | Regências |
|--------|---|---|--|
| 7 | Adequadas, sem ocorrências contrárias. | Predomínio do presente do indicativo. Há uma inadequação no uso do verbo <u>evoluir</u> , no parágrafo 8, como transitivo direto; a regência é outra. | Incidência de 2 usos inadequados no 2º parágrafo, em “ <u>atende as</u> necessidades e os interesses de todos” e no 3º. parágrafo, em “ <u>evolução</u> tecnológica é superior <u>a</u> necessidade momentânea”. Há uma inadequação no uso do <u>verbo evoluir</u> , , no parágrafo 8, como transitivo direto; <u>a regência é outra</u> . |
| 8 | Adequadas, sem ocorrências contrárias. | Adequados - predomínio do presente do indicativo | Incidência de 3 usos inadequados: no parágrafo 2: “ <u>idéia</u> <u>inconcebível ao</u> <u>homem</u> ”, no parágrafo 3: “O trabalho <u>visa</u> <u>resgatar</u> a auto-estima do detento” |
| 9 | Incidência de 1 uso inadequado de concordância nominal, no parágrafo 4: “ <u>medidas de</u> <u>assistencialismo</u> <u>paternalista e</u> <u>filantrópica</u> ” | Adequados - predomínio do presente do indicativo | Incidência de 2 usos inadequados: parágrafo 7: “ <u>atender</u> <u>as</u> <u>necessidades</u> ” e no parágrafo 9: “ <u>a</u> <u>empresa</u> <u>visa</u> <u>reintegrar</u> ”. |

Ocorrência 1 – Aspectos Gramaticais – Quadro 10 de exemplificações

Nos textos 7, 8 e 9 as ocorrências identificadas foram poucas, o que representa adequação da escrita à norma culta da língua. As pequenas ocorrências devem-se, provavelmente, como já foi dito, à ausência de uso desses recursos no dia-a-dia. Mais uma vez, os alunos sabem as regras, só não as usam porque não estão habituados a isso.

No texto 9, o aluno-autor, pelo excesso do uso do ponto-e-vírgula, expressa confusão quanto a esse uso, confundindo-o com o da vírgula. Essas ocorrências não chegam a comprometer o desenvolvimento das idéias, mas não deveriam figurar num texto redigido em norma culta.

A adequação da forma verbal na composição do gênero, confirma a precisão do discurso científico por parte do enunciador. Nos três textos os alunos-autores adequam dos tempos verbais aos propósitos das idéias veiculadas.

A presença do presente do indicativo reitera a atitude comunicativa do comentário, engajado na atual realidade social do país. As formas nominais em destaque no texto 9, como por exemplo: “pode-se dizer que o aumento da longevidade, ligada com a situação econômica brasileira, tem levado o idoso a permanecer trabalhando por mais tempo (...)” resultam da opção do autor de apresentar uma composição por número reduzido dos períodos, estabelecendo forte presença de nominalização no texto. Esse recurso destaca uma situação duradoura no presente, acentuando a intenção de veracidade.

Quanto à sintaxe de concordância e regência, os textos não apresentam problemas sérios. Algumas ocorrências remetem à ausência da crase, quando necessário, o que, no dizer dos alunos, “não seria sério”, pois a palavra está escrita corretamente.

A maioria dos casos de regência revela-se desconhecida pelos alunos que não se preocupam com o uso adequado, até porque alguns de seus professores (de outras áreas) também não usam. Um exemplo refere-se ao texto 7, na expressão: “Conclui-se então, que o homem evoluiu seus pensamentos por necessidade de sobrevivência, (...)”, que está inadequada uma vez que o verbo evoluir é intransitivo e transitivo

indireto. O correto seria: o homem evoluiu [em pensamento] ou o pensamento do homem evolui. Ainda assim, são deslizes descabidos no gênero em estudo.

No geral, os textos não evidenciaram desconhecimento da língua escrita, ao contrário, pois apresentaram estruturas organizadas adequadamente.

C. PLANO COMUNICACIONAL: ASPECTOS DE COESÃO E COERÊNCIA

A organização seqüencial dos textos apresentou-se de forma adequada, confirmando sua a qualidade. Isso contribuiu, nos textos 8 e 9, para esclarecer, a perspectiva do discurso social em prol dos mais fracos, adotada como um recurso argumentativo. Esses aspectos articulam relações discursivas e semânticas que permitem compreender a temática abordada e a posição dos autores.

No texto 7, o recorte foi no sentido de evidenciar as interferências da evolução tecnológica no desenvolvimento social dos indivíduos, que vivem em constante conflito para não perder seu *status* na sociedade.

Esses discursos – presente nos textos que abordam a temática da tecnologia – não aprofundam a reflexão e colocam, equivocadamente, a culpa na tecnologia. Ela é só um instrumento. Na verdade, o culpado é quem a impõe aos empregados, visando a lucros rápidos. Tecnologia é igual à ferramenta. Os poderosos decidem como usá-la e o fazem em seu próprio favor. Os alunos não levam a reflexão até esse ponto. A reflexão deles é válida, mas incompleta.

No texto 8 , quando há um comentário sobre “os sistemas como a APAC – Associação de Proteção e Assistência ao Condenado – que

representa um custo reduzido de manutenção de presidiários, cerca de quarenta por cento menores que o ‘sistema tradicional’, pois são sistemas basicamente auto-sustentáveis, com índices pequenos de reincidências, fugas e mortes”, acrescento que, na realidade o maior ganho – a recuperação do detento – também é vantajoso para o Estado, pois terá menos gastos.

O texto 9, além das impropriedades no uso da norma culta, também apresenta idéias superficiais e um posicionamento individualista e um tanto “clicheriano”, como no final do parágrafo 4, quando é citado: “confiança recíproca e de solidariedade para mobilizar e motivar a população e resgatar a auto-estima do chefe de família.” A estima é só do “chefe de família?” E a estima dos demais? O autor não tece comentários sobre esse posicionamento, ainda que devesse explicar.

A tabela, a seguir, confirma a apresentação coesa dos três textos, constituídos apropriadamente pelos recursos que caracterizam o gênero artigo acadêmico-científico. Isso referenda, mais uma vez, a preocupação dos alunos-autores com a organização interna dos textos.

O texto é uma “estrutura determinativa” cujas partes são interdependentes, sendo cada uma necessária para a compreensão das demais. Esta interdependência é devida, em parte, aos diversos mecanismos de seqüenciação existentes na língua. (KOCH, 1998, p. 49)

| Texto | Coesão Referencial | Coesão Recorrential | Coesão Seqüencial |
|-------|---|---|--|
| 7 | <p>Por Substituição: definitivização, por elipse e pronominal (respectivamente). Como no exemplo: “<u>A</u> falta de conhecimento e qualificação faz parte do <u>cotidiano de muitos na sociedade</u>, e conseqüentemente cresce o número de desempregos em todo o mundo, sendo mais em países subdesenvolvidos, <u>onde</u> a informação e o conhecimento são escassos”.</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos e de alguns nomes específicos, como: “tecnologia/ evolução tecnológica”.</p> | <p>Pela repetição de termos e pela utilização de nomes genéricos, por exemplo, os vocábulos: “globalização, inclusão (de quê, de quem?), no 4º. parágrafo.</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso predominante do presente do indicativo.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos coordenativos e subordinativos.</p> <p><u>* Como já citado, o uso desses operadores aparecem em todos os textos, para que as ligações necessárias ocorram.</u></p> |
| 8 | <p>Por Substituição: pronominal, por elipse e definitivização, em especial no parágrafo 7.</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos e de alguns nomes específicos, como por exemplo, os vocábulos: “ressocialização do indivíduo, retorno à sociedade, inserção social”, nos parágrafos 3 e 5.</p> | <p>Pela repetição de termos, por exemplo: “sistema” e pela utilização de nomes genéricos “transformações sociais / melhora das condições”.</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso predominante do presente do indicativo.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos coordenativos e subordinativos.</p> |
| 9 | <p>Por Substituição: pronominal e por elipse.</p> <p>Por Reiteração de termos, do uso de sinônimos e de alguns nomes específicos, como Por exemplo, “envelhece/ envelhecimento”.</p> | <p>Pela repetição de termos, por exemplo: “sociedade, trabalho” e pela utilização de nomes genéricos, como em: “<u>trabalhadores de mais idade contam com uma grande experiência</u>”</p> | <p>Pela seqüência temporal, no emprego dos tempos verbais - uso do presente do indicativo e das formas nominais de infinitivo, gerúndio e participípio.</p> <p>Pelo uso de operadores do tipo lógico e do discurso, em especial os conectivos coordenativos e subordinativos.</p> |

Ocorrência 2 – Aspectos de Coesão – Quadro 11 de exemplificações

As composições garantem sua estrutura coesiva e confirmam, também, o aspecto comunicativo do gênero artigo acadêmico-científico, em função a unidade que estabelecem no texto. No caso do texto 9, esse efeito é apenas parcial, dados os dois momentos em que se apresentam pontos de vista contraditórios, como foi indicado na análise.

A incidência alta dos operadores do tipo lógico (conectivos) e do discurso novamente ilustra a preocupação dos alunos com a utilização adequada dos recursos lingüísticos. Também nestes três textos essa predominância contribuiu para a incidência dos períodos subordinativos sobre aos coordenativos, de modo a fazer progredir o texto.

| Texto | Manutenção Temática (não houve fuga) | Progressão (consistência e relevância discursiva) | Articulação (relação de pertinência entre os fatos apresentados) | Informatividade (menor previsibilidade) | Intencionalidade (grau de persuasão/ argumentos concretos) | Situacionalidade (relação texto-situação e vice-versa) |
|-------|--------------------------------------|---|--|---|--|--|
| 7 | X | X | X | X | X | X |
| 8 | X | X | X | x | X | X |
| 9 | X | X | X | x | X | X |

Ocorrência 3 – Aspectos de Coerência – quadro 12 de exemplificações

Quanto aos recursos de coerência, a tabela acima permite visualizar a preocupação dos alunos-autores em passar ao leitor informações sobre o assunto com unidade e articulação.

Os últimos textos, como os que os precederam, relatam fatos com pertinência, buscando apresentar articulação progressiva das idéias. A não-contradição diante do contexto faz-se presente, em dois deles. No último, isso não ocorre, como já foi comentado.

Considero bem elaborados dois dentre os três últimos textos, porém faço uma ressalva quanto às citações apresentadas para compor a estratégia argumentativa, pois foram utilizados sem a indicação referencial, como se todos fossem informações cotidianas de conhecimento geral. Essa forma de elaboração das idéias desconfigura a proposta de caráter científico do gênero trabalhado. Tenho clareza de que, para os alunos, esse tratamento seria normal. Mesmo alertados por mim, no processo de reescrita, alguns nem perceberam esse uso.

A intencionalidade, presente nos textos, aliada à aceitabilidade traduz, novamente, o processo de interação expresso pela partilha de informações sobre o contexto e sua situação de produção. Há nos autores a consciência de que sentidos são ativados, em função dos mecanismos interpretativos de cada leitor.

Os aspectos de coerência identificados revelam a constituição de um texto dinâmico e articulador de idéias entre o leitor e o seu entorno. Sem muita clarividência deste processo, os alunos-autores permitiram a aceitação para si do processo comunicativo despertado pelo conhecimento das artimanhas do discurso. Qualifico, portanto, esses três textos como coesos e coerentes – o terceiro deles, em grau menor – atendendo parcialmente aos requisitos para a composição do gênero em questão.

Não posso deixar de reconhecer os conhecimentos evidenciados que, certamente, foram resultados das leituras e pesquisas sobre a temática. Os alunos-autores demonstram que os textos foram constituídos em um processo de elaboração pessoal.

Faz-se necessária a observação de que eles poderiam ser classificados na segunda categoria, porém não o foram em razão do objetivo maior que era a composição do gênero acadêmico-científico. Isso não os invalida, mas apenas aponta mais passos a serem dados pelos três últimos autores.

Para finalizar, permito-me compartilhar duas considerações extremamente válidas para mim: primeiramente, um comentário sobre a evolução dos alunos participantes desta pesquisa. Eles iniciaram o curso de

Administração de Empresas com certa aversão às aulas de Língua Portuguesa, sobretudo pelas próprias dificuldades em relação à leitura e à escrita. Ao final de um ano de trabalho contínuo, eles conseguiam ler e produzir textos coesos e coerentes, assim como ler e a entender melhor. Aprenderam e apreenderam o valor dos textos poético e científico, percebendo a especificidade de cada um deles. Melhoraram muito, ao se expressar em língua culta. As produções do *corpus* ilustram esse processo de mudança.

Em segundo lugar, devo comentar os efeitos da autoria, e a mudança ocorrida, interiormente, na maioria dos estudantes, Jamais vou esquecer as palavras do aluno que escreveu o texto 9, na última aula do curso, quando estávamos num momento de avaliação do processo:

“Professora, **eu nunca tinha lido um livro inteiro em toda a minha vida**. Só agora eu percebo o quanto isso me faz falta. Suas aulas me transformaram. Cheguei quase que do nada. E aprendi muito. Hoje me interessa, gosto da leitura e pretendo continuar esse exercício de vida.”

6 ENTRELAÇAMENTOS FINAIS

A expressão do enunciado nunca pode ser entendida e explicada até o fim levando-se em conta apenas o seu conteúdo centrado no objeto e no sentido.

(BAKHTIN, 2003, p. 297)

Por considerar que nenhuma pesquisa se conclui definitivamente, exponho aqui alguns entrelaçamentos que considero pertinentes em razão do processo desenvolvido nesta tese. Tenho certeza de que a maior parte das angústias foi saciada, outras, porém, permanecem porque este é o percurso normal de um processo de buscas.

Diante do que me propus, inicialmente, a desenvolver, vários caminhos foram percorridos, encontros realizados e descobertas desveladas. Busquei possibilidades pelo viés eterno da leitura, como recurso maior para o encontro com a descoberta da própria identidade, da capacidade de se ver e se realizar como autor.

Literalmente, utilizando a metáfora do espelho, que já me gratificou no Mestrado, reitero que o professor e os alunos, na atual situação de ensino e aprendizagem necessitam de reflexos de bons exemplos, ambos precisam ser seduzidos pela linguagem. Se não houver o encantamento pela língua e pela literatura, não haverá espaço para a interpretação adequada das demais realizações, dentre elas as científicas.

Na maior parte dos alunos participantes da aplicação, penso poder dizer que, sensível e intelectualmente, um repertório de conhecimentos foi ativado a partir das leituras trabalhadas, das leituras pesquisadas, das leituras absorvidas. O objetivo era acionar a crítica e a reflexão, para posterior produção escrita. Isso foi atingido, pois o encaminhamento do processo permitiu o desenvolvimento das habilidades

dos alunos como leitores e produtores de textos coesos e coerentes, autores do próprio discurso.

Na clareza de que a escrita é realmente uma construção a ser compartilhada, lancei-me neste universo discursivo, acessando mecanismos de domínio dos processos textuais e das manifestações culturais em que todos estão inseridos, via leitura literária e não-literária. O lançamento foi certo, a interação, plena, e o produto final consistente e autêntico, ainda que passível de aperfeiçoamento. Transformações frutificaram. Ao longo do processo, as funções identitárias foram reposicionadas e, na experiência vivenciada, a construção significativa corporificou-se em textos representativos, na composição dos gêneros estabelecidos previamente.

Pautados nesta prática de leitura, a autonomia dos alunos se revelou no processo de produção, apoiando a experiência da escrita. O reconhecimento da autoria se reflete na autenticidade da criação, alimentada pela aquisição de novos repertórios, materializados, a cada quinze dias, pelos Relatórios de Leitura. Nessa trama discursiva, o diálogo entre o cotidiano e o teórico corporificou-se no processo da autoria.

Penso ter conseguido propor não só uma nova possibilidade de exploração da leitura na Educação Superior, sobretudo em um curso específico, mas, principalmente, a viabilidade de uma prática de leitura e escrita, apoiada no trabalho com os gêneros discursivos, do poema aos artigos acadêmico-científicos. Essa concepção embasou um ensino de língua preocupado com a aprendizagem real por parte dos alunos e voltado às necessidades atuais do contexto sociocultural em que vivem.

O desenrolar da aprendizagem apoiou-se numa estrutura lógica e seqüencial dos conteúdos, numa ordem progressiva que buscou facilitar a inserção no mundo da escrita e serviu de acréscimo ao universo de letramento dos alunos. Sem pretensão de ter descoberto a prática perfeita para o ensino da língua neste nível de escolarização, coloco-me aberta à mediação possível entre esta e outras experiências de leitura e de escrita por jovens e adultos em formação.

No percurso da experiência, esta pesquisa propiciou cumplicidade e identificação, entre mim – professora e pesquisadora – e os alunos. Vimo-nos, certamente, como um tema em variações, aprendendo e crescendo, a partir da ótica do cotidiano, metaforizando o miúdo tão grande de nós mesmos pelo uso das palavras, puras palavras. Enfrentamos o desafio de desvendar as leituras das letras e, por detrás das letras, animando-as, identificamos imagens e emoção. O resultado pretendido era a aprendizagem na construção da linguagem.

Trabalhei com a idéia da autoria na visão do discurso como construção pessoal e social, sempre em desenvolvimento ascendente, ao qual, pela interação, os participantes vão atribuindo significados. Paralelamente, vão reconhecendo os valores lingüísticos necessários para uma elaboração textual coesa e coerente.

Desta forma, os alunos acabaram inseridos em um movimento reflexivo que permitiu a conscientização da própria individualidade e das próprias potencialidades. Isso lhes assegurou certa mobilidade e despojamento, na execução de suas práticas discursivas.

Frente ao encaminhamento deste processo de busca de suas potencialidades individuais como jovens escritores iniciantes, com autonomia para redigir o pensar, mergulhando nas mais inéditas descobertas, acabaram por se confrontar com a possibilidade da autoria. Afinal, o que está escrito está fixado, destacando-se da contingência de sua origem. Livrando-se positivamente de obstáculos, antes intransponíveis, os alunos ousaram contrair novas relações de criação. Desta perspectiva, os alunos comportaram-se como autores, perderam o medo, a insegurança e escreveram.

Mais uma vez leitura e escrita se completaram, pois os alunos transpuseram a “pedra do caminho” e leram, o que foi um exercício de mudanças. Para completar o percurso, escreveram. Comprovada a transformação, obtiveram a consciência do processo dessas mudanças.

A experiência vivenciada permitiu-lhes assumir a identidade de sujeitos autônomos e capazes. A consciência da relação com o outro, dos

diálogos permitidos com o discurso do outro, possibilitam que o indivíduo se submeta aos próprios limites e aos próprios desejos.

Para realizar tal passagem, não se conhecem as condições. É possível, no entanto, percebê-las, à medida que os escritos entram em circulação. Neste momento o autor é um sujeito repleto da diferença e fervilhante de questionamentos. Ele pertence ao texto e, então, se confirma a autenticidade da criação pelo viés da leitura.

A experiência com a palavra conduz as pessoas a compartilhar vivências e posições que, de outro modo, não seriam identificadas por elas mesmas. Neste complexo processo, encaminhamentos e identificações se constituem e a realidade se torna mais ampla. Assim, sujeitos, e detentores da própria criação, os redatores expressam valores e atitudes que contribuem para organizar e reorganizar tanto o mundo à sua volta quanto as próprias reflexões.

Importou-me despertar nos alunos a capacidade e a autonomia para a criação lingüística, o que certamente possibilitaria, num segundo momento, o reconhecimento do próprio discurso e a abertura para prosseguir em futuras criações.

Nesta altura, questiono o meu próprio processo de criação para elaborar esta tese. Na perspectiva bakhtiniana de conceber a linguagem como heteroglossia, vejo-me composta por tantas vozes heterogêneas, que concebo a necessidade de olhar de fora para dentro, permanecendo do lado externo para poder consumir esta criação significativamente.

Entendo que este processo de criação impõe o novo, no modo de conceber, de perceber, de experimentar, de avaliar os resultados, por isso, também este discurso reitera a idéia de que, sem deslocamento, não há ato criador. Revela-se aqui, de novo, a importância da alteridade, como valorização do diálogo com a realidade.

Apesar de todo gênero ter suas características e suas marcas lingüísticas, cada processo de criação é único, por isso, figuradamente,

alguns fios precisam ser desmembrados para que novas tramas sejam consistentemente tecidas.

Em primeiro lugar é preciso colher a matéria-prima para a produção dos fios. No meu caso, eu a fui recolhendo ao longo de minha experiência profissional, em minha trajetória pessoal, já relatada. Nesses anos pude perceber as lacunas pessoais manifestas no processo de ensino. Aos poucos, fui tentando preencher com diferentes leituras e atividades em sala de aula.

A posse do material não basta, os fios necessitam de separação manual para poderem se transformar por meio das laçadas. Represento a composição de cada fio, composta pelos diferentes cursos freqüentados ao longo desses anos, que influenciaram os resultados na sala de aula. Os resultados foram sendo acumulados e guardados em baús próprios. No entanto, os obstáculos surgiram e ressurgiram, na defasagem trazida pelas novas turmas, ano a ano.

A certa altura, os fios já estão agrupados por tamanhos, cores e texturas. Há condições para tecer novas produções, com os nós perfeitos em ambos os lados, para que a qualidade seja visível. As primeiras produções foram colhidas em sala, mas ainda necessitavam de aperfeiçoamento.

O ensino de língua materna na perspectiva do letramento e da criação requer compreender bem a importância de se conhecer as várias concepções sobre a constituição dos enunciados. Isso é fundamental para que os textos sejam efetivamente lidos e compreendidos, o repertório adquirido e a produção escrita criada.

Assim, novos tecidos vão tomando forma, encorpando-se em texturas próprias, alguns agradam mais e outros menos. No momento final, pude constatar que em determinados pontos não havia limpidez nos enlaces, eles careciam de reestruturações. Este ponto ratificou meu norte para as aulas: voltar à produção de leitura e à continuidade de formação de repertório como esteio para a produção textual.

No processo de aprimoramento um novo tecido toma corpo, o ineditismo da produção, o exercício da autoria. Devo considerar outra perspectiva do sujeito, como participante de uma determinada história, em determinados lugar e tempo, articulando-o à concepção enunciativa de novos discursos que orientem novas práticas.

Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos dos outros. (BRANDÃO, 1995, p.49).

Retomo o desenrolar deste trabalho, a começar pelo objetivo maior, subsidiar os alunos para a prática de leitura e escrita.

A leitura é prática antiga. No momento presente, a inovação resulta da associação de sua prática ao trabalho com gêneros discursivos, resultando em novas estratégias. Pelas relações dialógicas, ampliam-se enunciados.

Essa concepção, infelizmente, não é freqüente nas salas de aula, sobretudo nos cursos superiores específicos como o de Administração de Empresas. Neste, as aulas se resumem a revisões gramaticais fragmentadas, em alguns casos num estudo das modalidades do discurso, denominadas textos narrativo-descritivos e dissertativos, como nos anos 70 e 80 do século passado. Como os alunos já vêm com defasagens do Ensino Médio e as aulas têm um número reduzido por semana, o aproveitamento fica ainda mais comprometido.

No geral, os alunos ingressantes nem conhecem o discurso literário como deveriam, por isso não gostam nem lêem; quanto aos gêneros acadêmicos, eles estabelecerão contato aos poucos, de modo superficial porque as aulas de Língua Portuguesa se restringem ao primeiro ano.

A adoção da noção de gênero como base deste trabalho postulou a necessidade de serem fornecidos instrumentos para o ensino e a aprendizagem, a fim de mediar as atividades e de materializá-las.

O primeiro parto foi conhecer os recursos de que dispõe a análise discursiva para a leitura de um texto. Foi fundamental para o leitor iniciante, uma espécie de passaporte, para “realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzam o discurso a análises de aspectos puramente lingüísticos nem o dissolvam num trabalho histórico sobre a ideologia”. (Brandão, 1995, p.83).

Posteriormente, analisar os produtos – as criações dos alunos – possibilitou identificar as capacidades de linguagem que as atividades propostas desenvolveram e os conhecimentos lingüísticos manifestos no uso adequado dos recursos lingüísticos.

Acredito que o trabalho de leitura, associado ao dos gêneros discursivos e ao da transposição entre gêneros se apresentou como uma alternativa operacional para desenvolver a capacidade do aluno de reconhecer e compreender diferentes composições de textos e atuar nas diferentes atividades a eles relacionadas.

O dialogismo apontado nos estudos bakhtinianos é de fundamental importância para entender as questões referentes à linguagem como constitutiva da experiência humana e tem papel ativo no pensamento e no conhecimento. Daí a importância de ensinar os alunos à leitura “discursiva” das diversas composições textuais.

A experiência com as palavras recria o homem e o faz, portanto, detentor da criação, na atribuição de valores, organizando e reorganizando o mundo que o rodeia. (...) Esta experiência permitiu aos alunos assumir a identidade de sujeitos autônomos e capazes. (NOGUEIRA, 2001, p.9)

Retomando os fios, os resultados evidenciaram uma tessitura entrelaçada. Os alunos mostraram-se capazes de se tornar senhores do

próprio discurso, utilizando-se dos mecanismos lingüísticos adequados para a composição de textos coesos e coerentes, alicerçados por recursos argumentativos.

O estudo da língua como elemento instrumental para as aulas na Educação Superior exerce um papel fundamental que deve ser respeitado e desenvolvido em bases fundamentadas, com determinação, articulações pertinentes e competência.

A busca de estratégias operacionais que permitam dar conta da tarefa no curto espaço de um ano é um desafio para os professores de Língua Portuguesa e um emaranhado a desvendar no campo da pesquisa na área do ensino de língua materna na Educação Superior. Afinal, a teoria se referenda na prática e esta se solidifica na clareza daquela. O diálogo deve ser mantido sempre.

Tenho, ainda, a sensação de incompletude, mas penso ter saído enriquecida da experiência aqui relatada, como professora e pesquisadora. Espero que ela inspire outros colegas a tecer novas tramas que impulsionem muitos outros jovens a ler e escrever com competência, assumindo o papel de autores e cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIN, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2004.

ARRIGUCCI Jr, Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Informação e documentação – **Referências** – elaboração: NBR 6023. São Paulo: ABNT, 2002.

_____. Informação e documentação – **Citações em documentos** – apresentação: NBR 10520. São Paulo: ABNT, 2002.

_____. Informação e documentação – **Trabalhos acadêmicos** – apresentação: NBR 14724. São Paulo: ABNT, 2002.

_____. Informação e documentação – **Sumário** – apresentação: NBR 6027. São Paulo: ABNT, 2003.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneite montree et heterogeneite constitutive**: elements pour une approche de l'autre dans le discours. In. DRLAV – Reviste de Linguistique, 26, 1982.

BAKHTIN, (Voloshinov-1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. (Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira) São Paulo, Huicitec, 2004

_____. *Os gêneros do discurso*. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Seqüência didática – artigo de opinião**. São Paulo: SEE/CENP, 2006.

_____ ; BRÄKLING, Kátia Lomba. **Estudando artigos acadêmico-científicos e produzindo resumos**. São Paulo: Programa PEC - Formação Universitária (UNESP; USP; PUC - SP; SEE - SP), 2006.

BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1994.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Aula de português: discurso e saberes escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e linguagem).

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). 5.ed. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. (PROJETOS PARALELOS: V.1).

_____. Interação, gênero e estilo. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002. (PROJETOS PARALELOS: V.5).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Helena Nagamine (coord). **Gênero do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Introdução à análise do discurso**. 4.ed. Campinas: UNICAMP, - 1995.

BRANDÃO, Roberto. **Para que serve a poesia?** In Língua e Literatura - Departamento de Letras – USP. São Paulo: USP, 1992/93.

BRONCKART, Jean-Paul; trad. MACHADO, Anna Rachel, CUNHA, Péricles. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 1999.

CAMPOS, Cláudia Arruda; SOUZA, Maria Lúcia Zoega de. **O jovem e a leitura**. São Paulo: FDE, 1996.

CANDIDO, Antônio. **O ensino da literatura**. [Palestra proferida, aos Assistentes de Apoio Pedagógico (A.A.P.) das Delegacias de Ensino da Rede Estadual de Educação]. São Paulo: FDE.,1993 .

_____. **Na sala de aula**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: FFLCH/USP, 1987.

_____. **Literatura e sociedade**. 7.ed. São Paulo: Nacional, 1985.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Nova Consciência).

COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. São Paulo: Cultrix, 1978.

COLASANTI, Marina. **Fino sangue**. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 26.

CORACINI, Maria José. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. 2.ed. Campinas,SP:Pontes, 2007.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves; BOCH, Françoise (orgs.). **Ensino de língua**: representação e letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

_____. *Heterogeneidade da escrita*: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. IN **Filologia e Lingüística Portuguesa** / Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELAS, Daniel; FILLIOLET, Jacques. **Lingüística e poética**. São Paulo: Cultrix/ EDUSP, 1975.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. 6.ed. São Paulo: Cortez,2001.

D' ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 2**: teoria da lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

_____; KOCK, Ingedore G. Villaça. **Lingüística textual**: introdução. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa** – 2 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**; as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2.ed.São Paulo: Ática, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1986.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino (org.). 2. ed. **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999. (PROJETOS PARALELOS: V.1).

GARBUGLIO, José Carlos. **Roteiro de leitura**: poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Ática, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo S.R.L., 1970.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Do penumbrismo ao modernismo**: o primeiro Bandeira e outros poetas significativos. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Análise do poema**. São Paulo: Ática, 1988.

GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). **Subjetividade e escrita**. Santa Maria: UFSM/ EDUSC, 2000.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. Linguagem literária. In: HUBNER, Regina Maria [et al.]. **Língua portuguesa**. São Paulo: FDE, 1994, p. 77- 83. (Série Diário de Classe; n.3).

HERNANDEZ, Fernando. **A importância de saber como os docentes aprendem**. *Pátio Revista Pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, fev/abr 1998.

HUBNER, Regina Maria [et al.]. **Língua Portuguesa**. São Paulo: FDE, 1994. (Série Diário de Classe; n.3).

JOLIBERT, Josette; (cols). **Formando crianças leitoras. v.1** . Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Formando crianças produtoras de texto. v.2**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. 20.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

JORDAN, Isolde J. **Introducción al análisis lingüístico del discurso**. Espanha: Gottfried Egert Verlag, 1994.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de texto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 5.ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____; MORAES, Silvia E. **Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos de escola**. Campinas, SP: Mercado Aberto, 1999.

KOCK, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **A coesão textual**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Texto e coerência**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1991.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOSHIYAMA, Jorge. O lirismo em si mesmo: leitura de 'Poética' de Manuel Bandeira. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Leitura de poesia**. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, Marli Quadros. **Metalinguagem e discurso**: a configuração do purismo brasileiro. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

_____. Língua falada: uso e norma. IN PRETI, Dino (org.). **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. 2.ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1998. (PROJETOS PARALELOS: V.3).

LEVIN, Samuel. **Estruturas lingüísticas em poesia**. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1975.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês. **Língua (gem) e identidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Fapesp, 1998, p. 303 – 330.

MACHADO, Ana Maria Neto; GIANELLA, Miriam. Passagem para a autoria. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **Subjetividade e escrita**. Santa Maria, RS: EDUSC/UFSM, 2000, p. 55 – 81.

MACHADO, Anna Rachel (coord.) [et al.]. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. (coord.) [et al.]. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Ensino-aprendizagem de produção de textos na universidade: a descrição dos gêneros e a construção de material didático**. São Paulo: PUC, s/a.

MAGNANI, Maria Aparecida [et al.]. **Leitura, escola e sociedade**. 2.ed. São Paulo : FDE, 1994. (Série Idéias; n.13)

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

_____. **Elementos de lingüística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

_____. **Análise de textos de comunicação**. (trad. Cecília P. de Souza -e- Silva e Décio Souza) -3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Novas tendências da análise do discurso**. (trad. Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes)- 3. ed. Campinas: Pontes/ Editora da UNICAMP, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991.

MARINHO, Jorge Miguel [et al.]. **Linguagem e linguagens**. São Paulo: FDE, 1993. (Série Idéias; n.17).

MARTINS, Nilce Sant' Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 2.ed. ver. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz: 1997.

MARTINS, Maria Helena (Org.). **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **O que é leitura**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MELO NETO, João Cabral de. *Rios sem discurso*. In: **Poesias completas**. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1975, p.26.

MESERANI, S. **O intertexto escolar**: sobre leitura, aula e redação. São Paulo: Cortez, 2002.

MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORAES, Lygia Corrêa Dias de; SANTOS, Irenilde Pereira dos. (orgs.). **Atualização em língua portuguesa para professores de 2º. grau**. São Paulo: USP/ FFLCH/ VITAE, 1992. Módulo I: Noções Básicas de Lingüística.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4.ed. São Paulo:Cortez; Brasília,DF:UNESCO, 2001.

NOGUEIRA, Sílvia Helena. **O cotidiano de Manuel Bandeira desvelando leituras, identidade e autoria no ensino médio**. São Paulo: USP - Dissertação de Mestrado, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 4.ed. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1999.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996a.

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996b.

_____; GUIMARÃES, Eduardo. **Texto, leitura e redação**. In: Projeto Ipê (Língua Portuguesa). São Paulo: CENP/ SE. SP, 1990.

PASQUIER Auguste; DOLZ, Joaquim. **Um decálogo para ensinar a escrever**. In Cultura y educación, 2: 1996, p.31-41. Madrid: Infancia y Aprendizaje. Tradução provisória de Roxane Helena Rodrigues Rojo. Circulação restrita.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Tradução de Olga Savary. Coleção Logos.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2.ed. Campinas: Pontes, 1997.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Flores da Escrivanhinha: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Ática, 1978.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 2.ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. (PROJETOS PARALELOS: V.1).

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2001.

RIFFATERRE, Michael. **A produção do texto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ROJO, Roxane (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os pcns**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

_____. Gêneros do discurso e Gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184 a 207.

ROSENBAUM, Yudith. **Manuel Bandeira**: uma poesia da ausência. São Paulo: EDUSP, 1993.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta curricular para o ensino de língua portuguesa**: 1º grau. 4.ed. São Paulo, 1991.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta curricular para o ensino de português**: 2º grau. São Paulo: SE/CENP, 1994.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SECAF, Victoria. **Artigo científico**: do desafio à conquista. 3.ed. São Paulo: Green Forest do Brasil, 2004.

SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua (gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998a.

_____. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Unidades de leitura**: trilogia pedagógica. Campinas: Autores associados, 2003. (Coleção Linguagens e Sociedade).

SILVA, Luis Antonio. Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, Dino (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002. (PROJETOS PARALELOS: V.1).

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

TURAZZA, Jeni Silva. **Estratégias para o ensino de coerência textual** (um relato resumido de uma experiência no 2º grau). In: Linha D'Água, nº. 8, jul., 1993, p. 47-59.

ZILBERMAN, Regina. A literatura na escola. In: HUBNER, Regina Maria [et al.]. **Língua Portuguesa**. São Paulo: FDE, 1994, p. 85 – 93. (Série Diário de Classe; n.3).

_____. (Org.) **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.

_____; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia**: ponto & contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Notas:

CURSOS: anotações de cursos freqüentados na Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE / SE –SP e no Projeto USP/Vitae, 1992-93.

CRÉDITOS do **Mestrado**, no período de 1990 a 1999.

CRÉDITOS do **Doutorado**, no período de 2003 a 2004.

APÊNDICE A – Exemplos de Relatórios de Leitura

APÊNDICE B – Exemplos de Fichas de Auto-Avaliação

APÊNDICE A – Exemplos de Relatórios de Leitura

Semana 8: de 16 a 22/04/06

Referência: CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed.. São Paulo: Ática, 2005, p. 19 a 20.

Síntese: O texto tenta responder para que a filosofia existe. Em geral, essa pergunta costuma receber uma resposta irônica: “A filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual”. Não serve para nada. Em nossa cultura e em nossa sociedade, costumamos considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática muito visível e de utilidade imediata. Para dar alguma utilidade à filosofia, muitos consideram que é preciso determinar claramente o uso que se pode fazer dela. O interesse da filosofia então estaria nos ensinamentos morais ou éticos. A filosofia seria a arte do bem-viver ou da vida correta e virtuosa. Assim, permanecem as perguntas filosóficas, pois o objeto dessa matéria acaba limitando-se a vida moral e ética.

Posicionamento pessoal: Pude ver como é comum nos perguntarmos para que serve a filosofia e não fazemos isso com outras matérias como geografia, história, não notando o quão está presente em nosso cotidiano.

Indicação: A todas as pessoas, pois em todas às vezes que em nosso dia-a-dia não aceitamos uma resposta imediata e continuamos a fazer perguntas nem que sejam desconcertantes e embaraçosas a filosofia se faz presente em nossa vida.

Palavras-chave: Filosofia. Utilidade. Indagação. Resposta.

Semana 14 a 20/05/2006

Modalidade: Técnica

Referência: HUNTER, James. **O monge e o executivo**. 17. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

Síntese: O livro conta a história de um empresário que se afasta de sua vida profissional e familiar para passar uma semana inteira num mosteiro. A decisão se deu ao descobrir que um famoso empresário de sucesso que abandonou sua carreira é monge nesse mesmo mosteiro beneditino. Há um grupo de estudos, e todos os seus membros participam de um curso sobre liderança, aprendendo as principais características do que é ser líder de verdade, além de trocarem experiências e vivências.

Posicionamento: É um livro fascinante, que ensina os princípios fundamentais de liderança, com uma linguagem simples e encantadora.

Indicação: É indicado a todas as pessoas, que de certa forma, exercem algum papel de liderança.

Palavras-chave: Liderança. Profissional. Mosteiro. Empresários. Aprendizagem.

Semana 13: de 21 a 27/05/06

Referência: VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Sexo na cabeça**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 133 a 134.

Síntese: A crônica faz uma crítica as conquistas da ciência neste fim de século. O autor diz que, no fim, somos todos criaturas da química já que conseguimos controlá-la. Em virtude disso, descobriram-se soluções químicas para problemas como a impotência. O Viagra é o grande símbolo do novo domínio do homem sobre os seus sistemas e tecidos. No entanto, não resolve todas as queixas. Falta a pílula da consideração e um Viagra pós-coital cujo efeito imediato no homem seria fazê-lo mandar flores e estimular a reflexão a dois após o término da relação sexual. O autor expõe também que a honestidade e o sentimento ético deveriam ser processos químicos para que pudessem ser recompensados com pílulas. E conclui que, se os políticos tivessem acesso a Viagras morais, a história do Brasil seria outra.

Posicionamento pessoal: A crônica é bem interessante, pois me proporcionou ver que nem tudo dá para se resolver com soluções químicas e se desse a história do nosso país seria outra.

Indicação: A leitura é aconselhável a todos já que as descobertas da ciência se fazem para suprir as nossas necessidades, tornando-se, assim, um assunto pertinente.

Palavras-chave: Ciência. Criaturas da química. Viagra. Moral. Ética.

Semana: 23 a 29/04/2006

Modalidade: Jornalística.

Referência: NOGUEIRA, Marcos. **A língua solta** In Super Interessante. São Paulo. ed. 225. abr.2006. p. 62 a 67.

Síntese: A linguagem vem se transformando de hora em hora. Em todos os idiomas, palavras se alongam, encurtam e trocam de significados, e nada pode ser feito contra isso. Mas, com a ajuda dos muitos mecanismos, a linguagem se utiliza deles para se manter viva.

Posicionamento: Com as aulas de Português, o interesse sobre a linguagem vem aumentando, e foi isso que me chamou a atenção nesta reportagem. Conhecer um pouco da história da língua e saber como a linguagem vem mudando, prova que, como foi dito no texto, a linguagem pode ser comparada com o papel das células num organismo vivo.

Com a reportagem, conheci as línguas que já estão "mortas". Uma leitura um pouco cansativa, mas fascinante.

Indicação: Indico a todos que querem conhecer um pouco mais sobre nossa linguagem e o porquê da existência de tantas mudanças.

Palavras-chave: Linguagem. Mudança.

Semana de 01 a 04 de Março

Referência: GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia:** romance da história da filosofia. 5 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995

O livro conta a história de uma menina, que vive em Lillesand na Noruega, chamada Sofia que encontra um bilhete anônimo contendo apenas uma pergunta estranha: “quem é você”. E a história se desenrola com um major desconhecido que começa a lhe mandar postais endereçados a ela, mas, que deverá ser entregue a sua filha, chamada Hilde. A pergunta do bilhete e os misteriosos cartões farão com que o romance vá se desenrolando em dois pontos distintos. Um professor de filosofia se encarrega de ir apresentando a Sofia, numa linguagem direta e transparente os principais capítulos da filosofia ocidental. Depois Hilde encontra os cartões do seu pai, que na verdade era um presente dele pelo aniversário de sua filha. Ela abre o presente e finalmente se depara com um livro que conta a história da vida de uma menina chamada Sofia e suas conversas com o seu professor, que na verdade estava lhe dando um curso de filosofia.

Posicionamento Crítico: Este é um livro muito bom, principalmente, para aquelas pessoas que não entendem muito bem ou nem fazem idéia sobre que é a *filosofia*, assim como eu também não sabia muita coisa, antes de ler esse livro. Ele conta como a filosofia começou, e mostra alguns dos seus personagens, a vida dos principais filósofos que nosso mundo já teve e seus principais fundamentos, o que eles fizeram, como viveram e o mais importante: qual era a filosofia de vida de cada um. Eu gostei muito de ler este livro, porque parece que me fez ter uma percepção diferente sobre alguns assuntos. Ter uma visão mais aberta, perceber mais as coisas da vida e do mundo, por mais simples que elas sejam.

Indicação: Para as pessoas que querem ou procuram saber um pouco mais, desta ciência que no começo do mundo era muito importante para o povo, essencialmente para os gregos, mas, que depois parece que foi banalizada pela população. Eu recomendo este livro.

Palavras – chave: Fundamentos da filosofia. Principais filósofos.

APÊNDICE B – Exemplos de Fichas de Auto-Avaliação

... esse é um trabalho de interpretação do mundo, para que um dia este mundo não nos trate como objetos e para que sejamos povoadores do mundo como homens.
Milton Santos

AUTO – AVALIAÇÃO

Você está finalizando um ano de aula de Língua Portuguesa em seu curso, portanto é o momento de refletir sobre alguns aspectos e registrar sua auto-avaliação. Para isso, escreva seu posicionamento argumentado sobre os itens a seguir, bem como sua participação nesse processo de ensino e aprendizagem.

1. A aprendizagem dos conteúdos trabalhados, sobretudo a leitura e escrita.

A aprendizagem foi de grande valia. Aprender a escrever com técnicas de língua Portuguesa que ainda não tinha estudado, agregou conhecimentos sobre a escrita de forma correta como também os textos trabalhados, o Diário de leitura, leituras mensais, pude desenvolver com melhor qualidade o hábito de ler. Além dos conhecimentos e interpretações dos textos, e da aplicação dos verbos.

Os conteúdos trabalhados foram fundamentais para uma qualificação melhor no trabalho, na faculdade e na vida.

2. A participação nas aulas, considerando assiduidade, questionamentos, realização de leituras para fundamentação teórica, trabalhos e exercícios em sala.

A frequência das aulas é fundamental para uma assimilação e fundamentação das teorias aplicadas em sala. Quando estava presente as aulas, as dúvidas eram esclarecidas de imediato. Os exercícios foram verdadeiros treinos das matérias aplicadas. E a realização das leituras agregou conhecimentos, teórico e prático.

3. A metodologia utilizada pela professora (objetivos das aulas, explicações, critérios utilizados, estratégias para desenvolvimento dos conteúdos).

A metodologia utilizada era de carácter transparente, fundamentada no plano do currículo do curso, as explicações eram competentes e os métodos utilizados eram de fácil assimilação.

4. Interações – professor/aluno; aluno/aluno (respeito, adequação de linguagem, amizade, auxílio).

A professora demonstrou no decorrer do curso total conhecimento sobre a matéria aplicada, respeitando e incentivando sempre seus alunos a aprender e a aperfeiçoar aquilo que já foi aprendido. Estava sempre disposta a auxiliar nos trabalhos até mesmo de outra matéria, também disponível em horários fora de aula a atender seus alunos.

Tratou sempre com respeito seus alunos, sendo repreensiva nos momentos necessários.

5. O olhar pessoal para a aula – críticas construtivas, sugestões.

As aulas me fazem muita falta. Gostei muito da metodologia aplicada pela professora, ao longo achei um pouco dura as chamadas de atenção durante as aulas, mas logo percebi que eram necessárias para meu crescimento.

As aulas de Língua Portuguesa, deveriam perdurar por toda a extensão do curso, tenho muito o que aprender e para ser uma boa administradora, terei que saber bem o Português.

6. O olhar pessoal para si – como cheguei no início do curso e como estou hoje, em seu término.

Quando cheguei no 1º semestre, achei que a matéria que eu teria menos dificuldade seria a Língua Portuguesa. E me enganei. Deparei-me com novos conceitos, técnicas que jamais havia estudado; tive muitas dificuldades e ainda tenho, mas também percebi que hoje para escrever eu penso na frase, em sua forma, aplicações da vírgula, posicionamento do verbo, coerência, argumentação.

Acredito que estou um pouquinho melhor e o aprendizado não para por aqui. Aqui é somente o começo, que a partir de hoje o conhecimento é constante.

MUITO OBRIGADA!

PROF. SILVIA HELENA NOGUEIRA

Obrigada a ela pela sua dedicação, seriedade e competência.

Silvia

... esse é um trabalho de interpretação do mundo,
para que um dia este mundo não nos trate como
objetos e para que sejamos povoadores do mundo
como homens.
Milton Santos

AUTO - AVALIAÇÃO

Você está finalizando um ano de aula de Língua Portuguesa em seu curso, portanto é o momento de refletir sobre alguns aspectos e registrar sua auto-avaliação. Para isso, escreva seu posicionamento argumentado sobre os itens a seguir, bem como sua participação nesse processo de ensino e aprendizagem.

1. A aprendizagem dos conteúdos trabalhados, sobretudo a leitura e escrita.

A leitura e a escrita foram dois conteúdos muito trabalhados durante este ano letivo. Considerei muito importante para meu crescimento como estudante e como pessoa. Os trabalhos como os Diários de leitura e o artigo científico me motivaram a ler e escrever, com isso, minha escrita. A leitura foi um tema abordado de forma bastante clara e mostrou sua fundamental importância já que sem ela não se consegue nada, pois necessitamos de um bom nível de conhecimento ^{em nos inserirmos no mundo atual}.

2. A participação nas aulas, considerando assiduidade, questionamentos, realização de leituras para fundamentação teórica, trabalhos e exercícios em sala.

As dúvidas quanto a trabalhos e exercícios em sala sempre foram tiradas com a maior atenção. As leituras foram direcionadas para que tivessemos fundamentação teórica. Apesar de muitos erros de formatação nos trabalhos, todos os roteiros foram passados e esclarecidos.

3. A metodologia utilizada pela professora (objetivos das aulas, explicações, critérios utilizados, estratégias para desenvolvimento dos conteúdos).

A metodologia utilizada pela professora sempre deixou os conteúdos muito claros. Apesar de algumas dificuldades nas provas teóricas, a matéria sempre foi passada de forma ampla, ao mesmo tempo que objetiva. Os critérios utilizados sempre nos ajudou na hora de dar nota.

4. Interações – professor/aluno; aluno/aluno (respeito, adequação de linguagem, amizade, auxílio).

Nunca tive problema nem com a professora, e nem com meus colegas de sala. Sempre tive e tenho respeito por ela, e por meus amigos. A professora sempre foi muito atenciosa, e educada ao nos auxiliar. Usou uma linguagem adequada, que deixou claro todos seus objetivos dentro de sala.

5. O olhar pessoal para a aula – críticas construtivas, sugestões.

Nunca tive dificuldade com a aula e nem com a matéria, pois considero Língua Portuguesa fundamental para a formação de qualquer profissional.

Não tenho nenhuma crítica a fazer, pois a única que tinha era quanto a formação dos trabalhos que já foi solucionada com a nossa ida ao laboratório de informática para a realização conjunta.

6. O olhar pessoal para si – como cheguei no início do curso e como estou hoje, em seu término.

no início do curso não gostava de ler, pois não entendia a fundamental importância para mim enquanto pessoa e profissional. Hoje, após a realização de vários trabalhos que me forçaram a ter tal hábito entendi a importância e a diferença que tem na escrita.

Enfim, cresci muito como pessoa, como estudante e, principalmente, como cidadã, compreendendo que sem a leitura não temos repertório para cumprir nosso papel de integrante do corpo nacional.

MUITO OBRIGADA!

PROFª. SILVIA HELENA NOGUEIRA

ANEXOS – Exemplos de Artigos de Opinião trabalhados em sala

Humanidade e natureza: conflito e convivência*

AUGUSTO DAMINELLI¹

Uma concepção que persiste ao longo da história, inclusive nos dias atuais, contrapõe o conhecimento científico e tecnológico a um modo de vida natural. A idéia subjacente é que existiria uma forma de vida em que o homem estaria em equilíbrio com a natureza. Esse modo de vida seria aquele de grupos de pessoas que vivem em condições básicas de caça e pesca, como grupos indígenas, pescadores e agricultores em regiões primitivas. Ao se afastar da natureza, vivendo em cidades, o homem romperia e perderia a noção desse equilíbrio.

A aquisição da forma mais simples de conhecimento racional é tida, freqüentemente, como ruptura com esse suposto estado de equilíbrio. Isso aparece de forma bem clara na Bíblia, quando Adão e Eva comem do fruto proibido da árvore do conhecimento e são excluídos para sempre do paraíso. Tendo perdido essa comunhão com a natureza, nos restaria usar o pensamento racional para redescobrir as leis da natureza e assim reencontrar uma forma de vida natural.

A ciência foi vista, ao longo de muito tempo, como um meio de descobrir quais seriam essas leis naturais que deveriam orientar o modo correto de se viver. A ciência necessita investimentos, de modo que sempre esteve nas mãos e a serviço das classes dominantes: imperadores, papas ou Estado burguês. As leis que representam a natureza são resultado de uma escolha feita e difundida pela classe dominante, com o objetivo principal de sua auto preservação.

Assim, até a idade média, o mundo era dividido em dois estratos onde o mais alto era nobre, perfeito, eterno, e os movimentos circulares eram a imagem da harmonia. No mundo inferior tudo morre, tudo é imperfeito, como o movimento zigue-zague dos servos. Daí surgiu a idéia de que os nobres tinham uma natureza completamente distinta das classes baixas. Tentar romper com essa divisão social era punido com o rigor que se espera de alguém que está tentando quebrar nada menos do que uma lei sagrada e fundamental, um ato contra a natureza.

Quando a burguesia conseguiu tomar o poder, adotou a Mecânica Newtoniana como seu espelho ideológico. Isso se deve a um fato tão simples como essa teoria científica ter nascido das próprias atividades burguesas: a astronomia necessária para as grandes viagens, a estática para cálculo do calado dos navios e bombeamento de ar e águas das minas, o movimento dos projéteis para fins bélicos, etc.

A lei básica que rege o mundo burguês e a Física de Newton, é que a força é proporcional à massa, seja ela de bens acumulados ou de corpos celestes. É essa a força que regula os contratos sociais entre duas partes ou o movimento dos corpos em suas órbitas. Como no sistema feudal e aristotélico, o Estado burguês também cria uma proteção ideológica ao poder. O Estado burguês admite mudanças, mas o progresso é como nas órbitas planetárias, sempre lento e progressivo. Mudanças bruscas, revoluções, são antinaturais. É célebre a expressão “a natureza não dá saltos”.

É curioso que a descoberta de um fato tão fundamental quanto os saltos quânticos não tenha sido apregoado como um comportamento digno de ser seguido. Sim, os bolcheviques pregavam a revolução permanente, mas eles não estavam no poder. O reconhecimento de situação de ruptura foi introduzido no direito civil para

* DAMINELLI, Augusto. Humanidade e natureza: conflito e convivência. In: MATOS, Cauê (org.). Conhecimento: científico e vida cotidiana. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

¹ Físico e Doutor em Astronomia; Professor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas – IAG – USP.

contemplar quebras de contratos sociais, mas de forma muito tímida.

Considero essa busca de paradigmas de equilíbrio natural nas leis da ciência, um empreendimento sem possibilidade de sucesso. As leis científicas são temporárias, parciais e só têm servido para justificar a manutenção de formas de poder. Devido ao uso da ciência (e da tecnologia) pelas classes dominantes para seu próprio benefício, ela tem sido vista com desconfiança. No fundo, todo mundo sabe que ela aumenta o poder de quem já o tem. Como acreditar que a manipulação genética vai ser usada para o bem de todos? Como acreditar que os produtos transgênicos vão ser usados para melhorar os alimentos e não para propiciar lucros, embora eles possam trazer problemas ainda desconhecidos?

Entretanto, considerar que a manipulação genética é um passo a mais na direção de nos afastar de um suposto equilíbrio natural, é uma postura puramente ideológica, sem nenhum fundamento filosófico ou científico. Afinal, existe algo como “lei natural” ou equilíbrio natural? Há milênios estamos mudando o ambiente, as plantas e os animais. Em que momento rompemos com o equilíbrio? Eu vivi até os 12 anos na borda de uma imensa floresta, num lugar onde a espécie humana era uma raridade se comparada à abundância de peixes e animais. Nunca vi tanta matança, crueldade e devastação como a que praticávamos naquela época, produzida pela nossa falta de cultura. Depois de viver na cidade e em países de primeiro mundo é que fui conhecer a importância de usar o mínimo de recursos naturais.

A ciência é fundamental para a preservação. A ciência, ao mostrar como Vênus funciona, nos permite hoje ver o que fazer para não produzir aqui um efeito estufa descontrolado. A medicina tem nos propiciado uma vida melhor e mais longa. Quanto melhorou o mundo nos últimos tempos, com uma comunicação veloz e barata?

ARTIGO **veja** REINALDO AZEVEDO

Governante bom é governante chato

Em política, como na vida, o irracionalismo, o discurso emocional, é a ante-sala do crime e da tragédia. Faça-se a leitura que se quiser de *Hamlet*, de Shakespeare, por exemplo, e uma constatação é inescapável: o príncipe era um idiota dado a faniquitos. Sua obsessão em denunciar o tio supostamente regicida ignora estratégias. Polônio, que tenta lhe incutir algum senso de razão, acaba assassinado acidentalmente pelo jovem estabonado. É o primeiro da carnificina promovida pelo justiceiro. Perseguido pelo fantasma do pai, põe fim a uma dinastia. Hamlet se deixava envenenar pelas palavras, pela imaginação, pela alegoria: quando quer denunciar o tio, recorre a uma peça de teatro. Consumada a desgraça, a Dinamarca será governada por Fortimbrás, o príncipe norueguês, avesso ao temperamento do primo doidivanas: é resoluto, maduro, realista e objetivo. Seu reinado não renderia tragédias. É provável que obedecesse a uma rotina burocrática, pastosa e quase cartorial.

Precisamos de governantes chatos como Fortimbrás, não de cretinos animados como Hamlet. Precisamos de despachantes das instituições que façam prevalecer a lei a despeito de suas inclinações emocionais, não de quem sacrifique a legalidade sob o pretexto de praticar a igualdade. Nota à

"Precisamos de governantes chatos como Fortimbrás, não de cretinos animados como Hamlet. Precisamos de despachantes das instituições que façam prevalecer a lei a despeito de suas inclinações emocionais, não de quem sacrifique a legalidade sob o pretexto de praticar a igualdade"

margem: o intelectual italiano Norberto Bobbio contribuiu de forma notável para o pensamento liberal, mas escreveu uma bobagem pouco antes de morrer. Disse que a esquerda se ocupa da justiça social e que a direita defende o *statu quo*. Tolice. Esquerdista é quem aceita sacrificar a legalidade em nome de um entendimento particular de justiça social, e direitista — a direita legalista — é quem entende que só pode haver justiça onde há respeito à lei democraticamente votada.

Lula não é um adolescente esguio e delirante. Mas não dispensa a fantasia. Dia desses, num comício em Goiânia, confundindo o espírito de porco do messianismo com uma manifestação do Espírito Santo, disse que seu sangue e suas células já estavam no meio do povo. Fiz o sinal-da-cruz contra essa transubstanciação macabra. Ele perdeu o primeiro turno em Goiás: nem sempre os eleitores reconhecem o messias a tempo, como nos revela o plebiscito mais famoso da história... Em outra ocasião, o Cristo pagão assumiu as virtudes visionárias de Tiradentes: sugeriu que queriam enforcá-lo e esquartejá-lo. O homem tingia de sangue as suas cascatas alegóricas. Já se ofereceu como o pai complacente de todos os brasileiros, em especial dos petistas pegos em flagrante, os seus "meninos".

O irracionalismo costuma ser a rota de fuga dos políticos quando acossados pelos fatos. Quem for procurar um de seus primeiros discursos vai encontrar uma promessa solene: "Começamos a fazer o possível e, se der, vamos fazer até o impossível". Não seria difícil demonstrar que ele conseguiu inverter as prioridades... Depois de ouvir um dos delírios de Hamlet, o sempre ponderado Polônio observou: "É maluquice, mas tem método".

O irracionalismo brasileiro começa a assumir características metódicas. Parte da academia e do jornalismo aplaudiu aquela fala insana — os mesmos que vaiavam FHC quando este dizia que a política realiza a "utopia do possível".

A resposta acéfala ao então presidente foi a seguinte: "Pô, mas o possível qualquer um faz: não precisa de um intelectual da Sorbonne". Na proposição está a saída para o Brasil — e para qualquer país — e, na estupidez da objeção, a sua tragédia. Imaginem se Hamlet tivesse se proposto a seguinte questão: "Como faço para depor o usurpador sem, no entanto, destruir o reino?". Se o fizesse, seria um sábio. Como não o fez, preferiu ser um santo, um mártir. Tanto é que pede a Horácio que não o siga na morte para narrar o que viu. Hamlet queria sair da vida para entrar na história, o bobalhão...

Durante ao menos duas décadas convivemos com uma expressão que era a chave de todos os enigmas: "vontade política". Bastava tê-la, e as águas se abririam. A Constituição de 1988, por exemplo, foi redigida sob a égide dessa impostura. O fato de haver uma história que a



explique não fornece uma razão teórica que a justifique. A síntese prática da Carta poderia ser assim definida: com a "vontade política", garantem-se os direitos; com a retórica, os recursos. O texto constitucional incorporou o proselitismo contra a ditadura e pôs no papel um país ingovernável. E cá estamos nós, prestes a debater a terceira fase das reformas de um documento que ainda não tem 20 anos. E, ao fazê-lo, mais uma vez todo o estoque de irracionalismo será reciclado.

É esperar para ver: ai de quem tiver a ousadia de acusar o rombo na Previdência! A matemática será conjurada como uma trapaça ideológica das elites. A campanha eleitoral, arrastada pelo PT das páginas de política para as de polícia, está prestes a satanizar as privatizações do governo FHC. Pura tática de defesa. Servirá ao propósito de tentar ocultar crimes. Pterodáctilos ideológicos e oportunistas

jogarão sobre as nossas cabeças expressões como "dilapidação do patrimônio público", "empresas vendidas a preço de banana", "entrega de nossas riquezas ao capital estrangeiro" etc. Pressionado pelas circunstâncias, lá vai o petismo regredir à palhoça mental em que se formou.

A política feita no Brasil como razão da miséria não poderia dar em outra coisa que não na miséria da razão. Há dois textos que servem de "Evangelho" a essa patacoada: a Carta-Testamento e a Carta de Despedida de Getúlio Vargas. Na primeira, acusa: "Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadeiam sobre mim". Na outra, o mesmo tom de quem se prepara para ser o cordeiro do povo que tira os pecados do mundo: "Deixo à sanha dos meus inimigos o legado da minha morte. Levo o pesar de não haver podido fazer, por este bom e generoso povo brasileiro e principalmente

Getúlio Vargas: seu testamento e sua despedida são os "Evangelhos" da política como miséria da razão

pelos mais necessitados, todo o bem que pretendia". Na primeira carta, o plágio não poderia ser mais explícito ou escandaloso: "Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte". Se pudesse, teria escolhido a crucificação.

Poucos sabem: Getúlio também tinha o seu Horácio, aquele encarregado por Hamlet de narrar os eventos macabros.

A Carta-Testamento foi redigida por um *ghost-writer*: José Soares Maciel Filho, que costumava escrever os seus discursos. Cartas de suicidas são uma fala sem lugar.

Vejam este trecho: "Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam (...)". Há, aí, ao mesmo tempo, gradação e antítese, duas figuras retóricas.

Que vaidade leva um cadáver adiado a cuidar do estilo?

Vai ver Maciel caprichou de tal sorte na farsa que Getúlio foi obrigado a se matar só por uma questão de coerência narrativa...

Assim como Hamlet tinha visões, os assassinos da razão na política, mesmo quando suicidas, têm ou fingem delírios. Alguns dos clichês apontados pelo pensador francês Raoul Girardet no livro *Mitos e Mitologias Políticas* são empregados por Getúlio à farta nas duas cartas: ele queria oferecer ao povo a Idade do Ouro, propunha-se a ser seu salvador, mas a conspiração dos inimigos e das forças estrangeiras, alheias aos interesses da pátria, o impediu e o empurrou para o sacrifício. Essa mentalidade, ante-sala dos desastres institucionais, está sendo reciclada no Brasil mais de cinco décadas depois. Acreditem em mim: em política, os chatos são menos perigosos do que os intensos.

O resto é barulho.

FOLHA DE S. PAULO

ROBERTO MANGABEIRA UNGER

*Os três espíritos
do Brasil*

QUALQUER transformação de uma sociedade é ao mesmo tempo mudança de instituições e mudança de atitudes, de premissas, de esperanças. Quem propõe ao país uma reorientação de rumo não pode ficar só no debate das alternativas institucionais; precisa entrar também na luta a respeito das alternativas de consciência coletiva.

A vida brasileira foi sempre marcada por contraste entre duas orientações de espírito. Uma primeira orientação é a dos que aceitam, como natural, a mistura de troca, prepotência e lealdade — a sentimentalização das trocas desiguais — que funcionou como fórmula regente de nossa vida social. Esse espírito serviu de base para a corrente de opinião que mais comumente governou o Brasil e que o governa hoje, o partido da onda. A proposta do partido da onda é surfar na onda. A onda é a correlação de forças no mundo. Nosso destino seria aceitar a sina do atraso relativo, adaptando-nos às forças e às idéias dominantes da época e aguardando nossa vez para subir, degrau por degrau, a escada inexorável da evolução dos povos.

Um segundo espírito insurgiu-se contra essa desesperança acomodada, repudiando a sentimentalização das trocas desiguais como perpetuação da escravatura sob o disfarce da liberdade. Quis reconstruir o Brasil à luz dos exemplos dados pelos países do Atlântico norte. A intransigência casou com a imitação. E produziu em política o partido da mensagem — dos liberais e socialistas clássicos brasileiros. Ao partido da mensagem faltou, paradoxalmente, uma mensagem que não fosse apenas a mensagem da cópia. E a cópia foi derrotada pela realidade.

Essas duas consciências sobrevivem, e continuam a se enfrentar, no Brasil. Surgiu agora, porém, uma terceira consciência. Seu agente social é a nova classe média — a classe de emergentes — que está mudando o Brasil silenciosa e pontualmente. Desenvolve cultura de esforço pessoal, de cumprimento da palavra dada e de cooperação conduzida na base da igualdade. O fortalecimento dessa visão de mundo ajuda a explicar a inconformidade crescente do país não só com a corrupção mas também com os hábitos da esperteza malandra e da enganação conveniente. É para essa terceira cultura que se volta, cada vez mais, o imaginário da gente comum do Brasil. A maioria identifica nos emergentes a vanguarda a seguir, tanto na maneira de atuar quanto no jeito de sentir.

Dois traços distinguem a nova cultura de auto-ajuda da velha cultura dos inconformados. Não se deixa fascinar por modelos estrangeiros. E não tem a menor idéia — nem mesmo uma idéia errada — de como tornar a sociedade brasileira menos hostil a seus interesses e a seus valores. É um estado de espírito que se refugia em seus micromundos e que desespera da política. Mas seu advento cria condições para superar de maneira inesperada a dialética tradicional entre as outras duas culturas públicas do país.

A revolução brasileira urgente hoje é assegurar oportunidades de trabalho e de ensino à energia que se expressa nesse terceiro espírito do Brasil. A condição para que essa revolução ocorra é que milhões de brasileiros não mais se contentem em buscar abrigo nos micromundos que estão construindo. E que se decidam a reimaginar e a refazer o Brasil. Em meio ao desalento com a política, chegou a hora da política, a hora da imaginação.

Roberto Mangabeira Unger escreve às terças-feiras nesta coluna.

www.law.harvard.edu/unger

Folha de São Paulo
Az - 8/2003

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)